UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA DE LÍNGUA PORTUGUESA

DANIELLE CAPRIOLLI COSTA SILVA

Dos índices aos indícios:
o ensino do gênero Resenha Crítica no Ensino Médio

Versão corrigida

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dos índices aos indícios:
o ensino do gênero Resenha Crítica no Ensino Médio

Versão corrigida

Danielle Capriolli Costa Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Norma Seltzer Goldstein

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

DANIELLE CAPRIOLLI COSTA SILVA

Dos índices aos indícios:
o ensino do gênero Resenha Crítica no Ensino Médio

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Seltzer Goldstein

Aprovado em_____

Banca Examinadora:

Prof.Dr._____Instituição:_____
Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof.Dr._____Instituição:_____
Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof.Dr._____Instituição:_____
Julgamento:_____Assinatura:_____

São Paulo, setembro de 2014.

À minha querida mãe, Cilene, e
ao amado Fernando

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Norma Seltzer Goldstein, pela competência na orientação, pela grande amizade e pelo aprendizado em vários campos da vida;

Às professoras doutoras Elis Cardoso Caretta e Ana Elvira Luciano Gebara pelo aprendizado e preciosas considerações na ocasião da banca de qualificação;

Aos diretores, coordenadores e professores da Escola Experimental Pueri Domus pela disposição em discutir meu projeto de pesquisa e confiar no meu trabalho;

Aos meus alunos da 1ª. série do ano letivo de 2012 que propiciaram a pesquisa, cedendo seus textos para análise; e também aos meus atuais alunos. A cada aula, um novo aprendizado para mim!

Á Angela Bertelli Almeida, pela amizade, carinho, disposição e pelo auxílio na tradução do resumo para o inglês;

Aos meus familiares e aos amigos da Escola Pueri Domus, pela amizade e pelo carinho de sempre;

À minha mãe Cilene, que mesmo não estando mais presente, sempre esteve ao meu lado dando todo o apoio possível, em todos os campos da vida;

Ao Doutor Carlos Goldstein que, mesmo não podendo ver o resultado desse trabalho, sempre torceu muito pelas conquistas de meus objetivos.

Por fim, agradeço ao meu marido Fernando por todo amor e paciência, pela dedicação e carinho demonstrados nos pequenos detalhes de nossa convivência, além de todo o apoio durante o trabalho.

“A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.”

L.Hjelmslev

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência didática, inspirada nas propostas de Dolz e Schneuwly (2006) e Anna Rachel Machado (2008), para o ensino de resenha crítica na 1ª. série do Ensino Médio de uma escola particular de São Paulo. Os professores de Artes, Língua Portuguesa e História, a fim de contextualizar a produção, criaram um "Diário Cultural" que seria apresentado à comunidade escolar (pais e alunos das outras séries) do próprio ensino médio ao término do ano letivo. Tal diário deveria conter resenhas críticas acerca de livros, espetáculos de teatros e filmes. Para que o projeto obtivesse êxito, os alunos deveriam conhecer o gênero e ter condições de escrever as próprias resenhas. Para alcançar tais objetivos, a área de Língua Portuguesa uniu a produção da resenha ao trabalho desenvolvido na área de Literatura, dado que o repertório para a análise das obras viria da análise literária. Esta dissertação visa relatar como as obras foram analisadas e como os reflexos dessas aulas foram observados na produção da resenha crítica. Na análise dos textos produzidos, serão levados em consideração elementos como plano global, mecanismos de conexão entre parágrafos (marcadores argumentativos), apropriação das análises das obras feitas em sala de aula, assim como a singularidade do autor revelada pelo emprego dos adjetivos, pela sequência de ideias, pelo tom valorativo de uma sinonímia, e também se os níveis de intertextualidade foram atendidos no momento da produção. Como o ensino de um gênero discursivo contempla, além das aulas de produção textual e Literatura, também as aulas de língua (gramática), foi destacado neste trabalho, o ponto de vista teórico adotado para as aulas de gramática nas escolas, já que os efeitos de sentido são obtidos a partir do uso que se faz da língua. Como o trabalho em sala de aula com gêneros discursivos tem sido destacado na área de Códigos e Linguagens, a experiência pode ser um ponto de partida para outros trabalhos.

Palavras-chaves: ensino-aprendizagem, interacionismo-sociodiscursivo, gênero, resenha crítica, sequência didática.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to present a didactic sequencing, inspired in Anna Rachel Machado (2008) and Dolz and Schneuwly (2006) models, in order to to teach critical review at High School Freshmen class in a private school in São Paulo. History, Arts and Portuguese Language teachers, with the objective of contextualizing class production, created a “Cultural Diary” that would be presented to the high school community (parents and children) by the end of the school year. The referred diary should have critical reviews about books, theater and films. In order to have a successful project, students should know the genre and be ready to write their own reviews. To reach these objectives, Portuguese Language Area joined Literature to This Review Production, since the repertoire to analyze these works would come from literary analysis. Therefore, during this work, it is going to be shown how literary works have been analyzed and how the reflects of these classes were observed on students critical review productions. In the produced text analysis, it’s going to be taken into account if elements as global planning, connection mechanisms between paragraphs (argumentative markers), classroom literary work analysis ownership, as well as author´s subjectivity (found in adjectives, sequencing, the evaluative tone of a synonymy and in paragraphs) and inter-textuality levels were accorded at production time. As teaching a discursive genre includes, beyond literature and text production classes, language (grammar) classes, it has also been highlighted in this work the theoretical point of view adopted for grammar classes in schools, since effect meanings are obtained from the use made of language.

Key words: Teaching-learning; Interacioninsm-sociodiscoursive; social discourse interaction; genre; critical report; didactic sequencing

SUMÁRIO

1 Reflexões iniciais 12
1.1 Contexto de produção 15
1.2 Objetivos do trabalho.....17
1.3 Estabelecimento do corpus.....19
1.4 Metodologia 20

2. Fundamentação teórica 23
2.1 A abordagem interacionista-sociodiscursiva: os gêneros e os tipos textuais para J.P. Bronckart 23
2.2 Conceituação de gêneros e sequências discursivas: diferentes concepções 25
2.3 O conceito de gênero e agenciamento para Charles Bazerman 28
2.4 Distinção entre gêneros textuais e tipos textuais 31
2.5 Gêneros e ensino de Língua Portuguesa nas escolas.....37
2.6 Metodologia 46
2.6.1 O tratamento do *corpus*.....46
2.6.2 Foco da análise nas produções textuais.....47

3 O contexto de produção 49
3.1 A proposta de sequência didática de Dolz e Schneuwly.....49
3.2 O gênero resenha crítica 52
3.3 A intertextualidade 54
3.4 A leitura, escrita e a sociedade tecnológica 57
3.5 Proposta de sequência didática do gênero resenha crítica no Ensino Médio 64
3.6 Descrição das oficinas.....67
3.7 Análise da novela "A Metamorfose", de Franz Kafka 71
3.8 Análise do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis 74

4 Seleção, Análise e discussão dos dados.....77
4.1 Seleção dos dados e textos para a análise.....77
4.1.1 Plano global da resenha prototípica - comparação entre turmas A e B....77
4.1.2 O uso dos organizadores textuais - comparação entre turmas A e B.....83
4.1.3 A utilização da análise literária de "A Metamorfose", de Franz Kafka - comparação entre turmas A e B 87
4.1.4 A expressão da subjetividade do autor da resenha: adjetivos e expressões qualificadoras - comparação entre turmas A e B 93
4.2 Um olhar sobre os outros textos produzidos durante a sequência 96
4.3 A análise de uma produção após um ano da realização da sequência didática.....99

5. Considerações finais 106

Referências Bibliográficas 112

Anexos (resenhas originais e digitalizadas dos alunos e exemplo de Diário Cultural).....115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Sequência didática para o gênero resenha crítica 66

Quadro 2 Temas trabalhados em sala de aula que poderiam constar na resenha produzida pelos alunos 74
Quadro 3a Descrição técnica - resenha inicial-sem sequência didática.....78
Quadro 3b Descrição técnica - resenha final-sem sequência didática 79

Quadro 4a Descrição técnica - resenha inicial-com sequência didática.....66
Quadro 4b Descrição técnica - resenha final-com sequência didática.....82

Quadro 5a Uso dos organizadores textuais-RI e RF-sem sequência didática 85
Quadro 5b Uso dos organizadores textuais-RI e RF-com sequência didática 86

Quadro 6a Uso da análise literária na RI 89
Quadro 6b Uso da análise literária na RF 90

Quadro 7 Uso dos adjetivos e expressões qualificadoras em RI e RF.....94

1. REFLEXÕES INICIAIS

Será relatada aqui uma experiência didática realizada em escola particular da zona sul de São Paulo. No início de cada ano letivo, há uma reunião nas dependências da escola em que se planeja como cada professor deverá organizar o conteúdo de suas disciplinas. Por muitas vezes esse trabalho é solitário e quase não se verificam conexões com outras. É no diálogo, no entanto, que se descobrem conteúdos afins, possibilitando, a abrangência do conhecimento.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) se referem à expressão *áreas do conhecimento.* Assim descreve a área de *Códigos, Linguagens e suas Tecnologias*:

> Trata-se de uma área básica para a formação das disposições anteriores. A linguagem tem sido objeto de estudo da Filosofia, Psicologia, Sociologia, Epistemologia, História, Semiótica, Linguística, Antropologia etc. A Linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar, não menos quando é enfocada como objeto de estudo, e exige dos professores essa perspectiva em situação didática. (PCN, 2006, p.6)

Diante dessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa não deve se pautar apenas no ensino da gramática normativa, isto é, não se aprende uma língua apenas dominando seu vocabulário e o modo como as palavras se relacionam. O aluno deve saber se comportar nos diferentes contextos de comunicação e o simples fato de haver o reconhecimento do gênero discursivo já pode implicar na diferenciação entre o que é considerado formal e informal. Como afirma Brandão (2000), deve haver uma abordagem que reconheça os diferentes gêneros do discurso, assim como as diferentes formas de interlocução.

> Em cada esfera de atividade social, (...) os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros de discurso específicos. Como as esferas de atividades do homem são muito variadas, os gêneros do discurso também são muito variados, pois incluem desde a curta réplica do diálogo cotidiano até a exposição científica e os modos literários. (BRANDÃO, 2005, p.2)

Segundo Antunes (2007) não basta saber a gramática da língua para conseguir se comunicar com destreza. Além de reconhecer o gênero, todo falante (locutor) deve ter o foco no interlocutor, identificar quais são seus pressupostos e o propósito comunicativo de quem informa. No entanto, se o destinador não tem repertório ou conhecimento de mundo, faltarão dados sobre o referente. Por isso, é fundamental que

haja um repertório de leituras, debates, discussões e consultas que possam fundamentar e evidenciar a postura argumentativa.

No que tange à produção textual, não se deve apenas pedir aos alunos que escrevam, corrigir as produções e fazer a reescrita, o que se vê como estratégia indicada na maioria dos livros didáticos. Muitas vezes, a reescrita acaba sendo uma cópia da primeira versão, sem revisão, ampliação nem aprofundamento. Seria necessário pensar numa maneira de incentivar a leitura de textos diversos, inclusive literários, assim como os respectivos questionamentos, para motivar a produção desses alunos. É importante ressaltar que, no início do ano letivo, é estabelecido um conjunto de obras literárias que devem ser lidas, o que contribui para o aprimoramento do repertório. A partir dessa premissa, os professores da área Códigos e Linguagens acordaram que o gênero 'resenha crítica' poderia ser interessante para dar início ao trabalho anual. Seria necessário, portanto, pensar numa sequência didática que permitisse ao aluno percorrer as etapas para a construção do gênero tratado.

A 'resenha crítica' faria parte da proposta anual para os alunos da 1ª. série do Ensino Médio de um colégio particular de grande porte[1], situado na zona sul de São Paulo. O gênero foi escolhido por abarcar leitura, análise, argumentação e procedimentos de produção escrita, visando não só à produção textual, mas também ao exercício da leitura de jornais e revistas especializados. A produção textual tinha como meta desenvolver a escrita dos alunos, levando-os a sintetizar e hierarquizar suas observações a respeito de uma obra, para depois analisá-la, na busca de convencer o leitor a também querer conhecê-la. O gênero *resenha* é fundamental no prosseguimento dos estudos, dado que na graduação, assim como no Mestrado e Doutorado, é bastante utilizado. O estudo dos gêneros revela-se fundamental, pois cidadãos de uma sociedade letrada, e com tecnologia como a nossa, devem incorporar as práticas de letramento (leitura e escrita) em seu quotidiano e nos diferentes espaços sociais.

Sabe-se, no entanto, que há, por parte dos alunos da 1ª. série do Ensino Médio, alguma dificuldade para elaboração da resenha. Provavelmente tais dificuldades ocorram por falta de especificações como público-alvo, suporte, finalidade da escrita e o papel do aluno enquanto resenhista. Observa-se que, na maioria das vezes, o ensino dos gêneros se apoia apenas nos materiais didáticos preestabelecidos pela escola, e o resultado acaba não sendo gratificante, pois não acompanha o processo de escrita dos

[1] O nome da Instituição será resguardado por motivos éticos.

alunos. Em geral, o manual apenas define o gênero, apresenta dois ou três exemplos e a escrita é pedida. Quando muito, há a sugestão de reescrita.

Esse exemplo pode ser contemplado no livro didático de Maria Luiza e Maria Bernadete Abaurre (2007). Tal livro foi escolhido por ser um dos indicados pelo PNDL e ser uma referência bastante utilizada nas escolas em geral. Com isso, no capítulo sobre o gênero "resenha", as autoras iniciam elencando o que os alunos deverão saber ao final deste estudo: definição de resenha, características estruturais, meios em que circula, linguagem utilizada e a necessidade dos juízos de valor para os textos. A partir daí, oferecem uma leitura de uma resenha que constava na revista *Época* sobre o longa-metragem *Piratas do Caribe 3: no fim do mundo*, que estreava em maio de 2007. Após a leitura, há algumas questões de interpretação textual.

Na parte dirigida à estrutura, há uma resenha, retirada da revista *Veja*, sobre a obra do filósofo Luc Ferry, "Aprender a viver" que, na ocasião, estava dentre os livros mais vendidos. As autoras se preocuparam em fazer uma análise detida do texto e mostraram, parágrafo a parágrafo, as características e o vocabulário presentes e indicados para tal gênero. Por fim, sugerem, a partir de algumas instruções, a elaboração inicial. Após a primeira produção e a sugestão para que o aluno oferte seu texto ao outro para avaliação, acontece a reelaboração.

Desta forma, o gênero estaria estudado e já poderiam partir para o próximo gênero: artigo de opinião. É neste momento que fizemos a reflexão: apresentação das características, elaboração e reelaboração poderiam nos assegurar de que os alunos já dominariam esse gênero? Como identificar os problemas decorrentes da primeira produção? Exercícios modulares, a partir da identificação dos equívocos observados nos textos, poderiam fazê-los refletir e facilitar a compreensão do gênero?

Sentimos necessidade de uma explicitação dos modos como argumentar, sintetizar uma determinada obra, de trazer maiores detalhes e chegar a conclusões acerca do material resenhado. Sabemos que é impossível tratar de todos os gêneros, principalmente os secundários[2] durante o período escolar. A escolha, portanto, fica a cargo do professor. Em nosso caso, a opção foi feita em decorrência da necessidade apontada pelas disciplinas *Artes*, *Geografia*, *História* , *Literatura*, *Gramática*, *Produção*

[2] Segundo Bakhtin em *A estética da criação verbal* (1997), há a distinção entre os gêneros considerados *primários*, isto é, resultados de uma comunicação verbal espontânea, e os *secundários*, que se originam de uma comunicação relativamente mais complexa, mais estável e é principalmente escrita. Por isso, consideramos a resenha um gênero secundário.

textual e *Conexões-Códigos e Linguagens*[3]*:* os alunos da 1ª. série do Ensino Médio deveriam produzir *Diários Culturais*, com textos do gênero *resenha crítica* **,** a partir de filmes, obras literárias, exposições, peças de teatro e museus para apresentação, ao final do ano, na feira cultural da escola e teriam, como público-alvo, colegas também do Ensino Médio e, ocasionalmente, pais e professores.

Neste contexto, os professores de Artes e Literatura indicariam e analisariam as obras em potencial. História e Geografia fariam as contextualizações sócio - históricas necessárias às análises. Por fim, a preparação de um material que permitisse ao aluno o entendimento, a estruturação, as várias elaborações e reelaborações das resenhas que comporiam os *diários* ficariam na responsabilidade da professora-pesquisadora (Produção textual).

1.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Como foi supracitado, geralmente, o momento de planejamento acaba sendo isolado. No entanto, na disciplina *Conexões*, a área de *Códigos e Linguagens* organizou-se, juntamente com a área de *Ciências Humanas,* a fim de planejar a feira cultural da escola, que se realizou no final do ano de 2012. No início desse mesmo ano, os alunos da 1ª. Série do Ensino Médio foram motivados a criar o *diário cultural* nas aulas de *Artes e Produção Textual* cujo objetivo maior seria escrever textos de gênero *resenha crítica* de filmes, livros e exposições que seriam visitadas durante o curso. A partir dessa proposta, as aulas de *Conexões-Códigos e Linguagens-Produção Textual* ficaram responsáveis pela compreensão do gênero *resenha crítica*: sua leitura, análise e produção. Reconhecer a resenha crítica diante de tantos outros gêneros foi uma das preocupações das aulas de Língua no corrente ano, assim como criação de um contexto (motivação) para que pudessem produzir:

[3] As aulas de *Conexões-Códigos e Linguagens* abarcam as disciplinas Artes, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. A proposta desse curso é trabalhar as habilidades e competências verificadas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) por meio de leitura, análise e produções textuais que visam a uma avaliação, ao final de cada trimestre, denominada PAC (prova por área de conhecimento). Nessas aulas, os alunos trabalham os

> Para aprender a usar a língua é necessário usá-la em diferentes situações, algumas tão complexas que não são possíveis sem uma certa reflexão e um certo controle conscientes, como por exemplo um texto acadêmico, um romance, um relatório, etc. Também oferecem instrumentos para analisar textos orais e escritos a partir de novos pontos de vista, além da norma, atendendo a função, a estrutura, os contextos de uso, o gênero em que se inscrevem(...) (CAMPS e COLOMER, 2008, p.35)

Além das aulas de História da Literatura e da leitura dos textos literários, os alunos deveriam se sensibilizar para ampliar seu vocabulário, seus horizontes e se conscientizar de que suas argumentações produziriam efeito nos interlocutores, no caso, leitores de seus diários culturais. Assim como nos coloca Bazerman em *Escrita, Gênero e Interação Social,* o aluno precisa reconhecer-se como ser social para produzir seu próprio texto:

> O desenvolvimento da linguagem está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do indivíduo como ser social, aos seus relacionamentos e cooperação com outras pessoas, aos seus sentimentos de segurança e ansiedade, à totalidade de suas emoções, à sua proximidade e distanciamento em relação aos outros e à sua consciência de si e dos outros. (2007, p.110)

Ainda segundo Bazerman, o aluno precisa assumir uma '*presença ousada no mundo*' criando uma rede de relações complexas com os outros. Citados pelo autor, George Herbert Mead e John Dewey viam o desenvolvimento da linguagem e a interação social como importantes para a formação do *self*, da identidade. Para Dewey, a educação é algo que se faz democraticamente, em interação com os outros e só é viável através da prática com significação moral, ética e estética Segundo Dewey, é só por meio dessa educação que se

> prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem seus benefícios e(...) [que se] assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada. Esta sociedade deve adotar um tipo de educação que proporcione aos indivíduos um interesse pessoal nas relações e direção sociais, e hábitos de espírito que permitam mudanças sociais sem ocasionar desordens.(DEWEY, 1959, p.106)

---

variados gêneros do discurso e suas interpretações. Há Conexões em todas as áreas: *Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Códigos e Linguagens e suas Tecnologias.*

A escrita se apoia sobre as experiências desse *self* e pode desenvolver esse mesmo *self* na interação com os outros. Bazerman afirma que

> Na medida em que o indivíduo se lance ao mundo, ele encontra todos os tipos de pessoas e situações que podem desafiar os sentidos seguros do self que possivelmente foram desenvolvidos no aconchego típico da família (BAZERMAN, 2007, p.126)

Com base nas afirmações desses teóricos, as aulas de Língua e Conexões não poderiam (nem deveriam) se restringir à exploração de nomenclaturas e classificações. Bronckart (1994) observa que o ato da linguagem requer do autor as tomadas de decisões que, sem competência para tal, não ocorrerão com êxito. A escolha do gênero, assim como o público, o lugar social e os papéis dos participantes devem ser previamente reconhecidos. Saber que o gênero escolhido é a resenha e que os colegas deverão lê-la já permite e desencadeia a constituição da autoria.

1.2 Objetivos do trabalho

O trabalho se preocupa com a análise de resenhas críticas na 1a. Série do Ensino Médio, produzidas ao longo de uma sequência didática. Com a finalidade de se comparar duas salas de aula , a professora – pesquisadora selecionou duas classes de unidades diferentes da mesma escola[4]. Na unidade I, os alunos não seguiram a sequência didática e na unidade II foi feita a aplicação da sequência.

A princípio, o projeto tinha por objetivo apenas investigar a relevância da sequência didática, como propõem Dolz e Schneuwly, no que diz respeito à produção e recepção do gênero “resenha crítica”. Foram escolhidas duas salas de aula, ambas da 1ª. série do Ensino Médio, com a finalidade de se aplicar a sequência didática, para verificar se essa estratégia realmente modifica os textos dos alunos. Dessa forma, para efeitos de comparação, em apenas uma delas (doravante denominada *turma B*) houve a aplicação da sequência. Na outra classe (doravante denominada *turma A*), o processo seguido foi restrito ao que constava no material didático dos alunos. Apenas houve uma intervenção: a resenha pedida no material didático ao final da parte teórica seria sobre o filme *As melhores coisas do mundo*, de Laís Bodansky, que acabou

sendo substituída pela obra abordada nas aulas de Literatura: *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Tal substituição se deu por razões estratégicas.

No momento da análise, ao se observarem os textos, percebeu-se , na turma A, o problema não se encontrava na estrutura utilizada para escrever o gênero resenha, mas na forma de organização do texto. A estrutura do gênero, em alguns casos, era perceptível nos textos dos alunos, mas as estratégias de argumentação eram muito limitadas. Tal constatação foi feita também pelos professores de outras disciplinas e a principal reclamação recaía sobre a argumentação desses alunos. Questionou-se, portanto, como o tema é apresentado e o que, de fato, é feito para que os alunos dominem determinado gênero, além de verificar qual era o enfoque dado pelo livro didático.

Na introdução de sua obra *Elementos da análise do discurso* (1989), José Luiz Fiorin questiona a escola que ensina os alunos a ler e a escrever orações e períodos, mas exige a interpretação dos textos. Na aula de redação, em muitas escolas, o professor coloca um tema na lousa e pede aos alunos que escrevam sobre ele. A correção se limita a apontar erros no nível da frase. Sabe-se que, após os PCN, que propõem o ensino de escrita pautado em textos de diversos gêneros textuais, os livros didáticos tem mostrado um novo caminho para a produção escrita, mas que ainda é insuficiente. Já se percebem novas estratégias como o uso da reescrita e a importância do público-alvo, como no livro didático de Maria Luiza e Maria Bernadete Abaurre *Produção de textos-interlocução e gêneros,* editado pela Moderna. No entanto, há espaços a serem preenchidos pelo professor a partir do reconhecimento das dificuldades de seus alunos.

Para escrever a resenha, o aluno precisaria, primeiramente, aprender a apreciar determinada obra, o que exige preparo prévio, muito antes de se falar na estrutura do gênero. Os PCN afirmam

> O gostar ou não de determinada obra de arte ou de um autor exige antes um preparo para o aprender a gostar. Conhecer e analisar as perspectivas autorizadas seria um começo para a construção das escolhas individuais.
> Neste caso, o aluno deixaria de ser um mero espectador ou reprodutor de saberes discutíveis. Apropriando-se do discurso, verificaria a coerência de sua posição. Dessa forma, além de

[4] Há duas unidades da escola utilizada como fonte de pesquisa, em bairros diferentes na zona sul de São Paulo. No entanto, ambas as unidades recebem grupos de alunos bastante semelhantes, isto é, com o mesmo perfil socioeconômico.

> compreender o discurso do outro, ele teria a possibilidade de divulgar suas ideias com objetividade e fluência. (op.cit.p.9)

As aulas de Literatura, História e Artes procuraram oferecer subsídios para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos no que diz respeito à avaliação das obras selecionadas para o *Diário Cultural*. No caso de Literatura, utilizou-se a obra de Franz Kafka, *A Metamorfose,* como previa o planejamento. Além disso, contos de Machado de Assis que constam da coletânea *50 contos de Machado de Assis*, organizada por John Gledson, editado pela Companhia das Letras, e o longa-metragem *Quanto vale ou é por quilo?, de* Sérgio Bianchi, também foram utilizados ao longo da sequência didática. Considerando essas ideias, fica explicitada a implicação da proposta para o ensino de produção e recepção do gênero resenha.

Segundo Dolz e Schneuwly (2006), a ideia de gênero encontrou maior dimensão na obra de Bakhtin (1953-1979). Seriam *tipos relativamente estáveis de enunciado*, com três elementos que os caracterizam: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Para Marcuschi (2002), os gêneros são *aparentemente* estáveis, dado que com o tempo eles tendem a sofrer alterações ou mesmo desaparecerem. É o que se percebe na carta pessoal, por exemplo. Poucos são os que, atualmente, enviam uma carta; preferem o email ou as ferramentas de mensagem instantânea encontradas nos telefones móveis modernos. A funcionalidade e o dinamismo do cotidiano mobilizam formas mais rápidas de comunicação. E é nesse processo que surge a possibilidade de novos gêneros, assim como de diferentes suportes. Um exemplo disso é que todos os alunos, num dos módulos da sequência didática em que se pedia um exemplo de resenha, trouxeram um exemplo impresso da Internet, pois não sabiam que havia revistas como a *Bravo!* que publicam esse gênero. Para eles, a internet é o meio mais comum para a leitura de textos.

1.3 Estabelecimento do *corpus*

As produções analisadas foram criadas por alunos de duas salas, como foi apresentado. Para fins de comparação, foi proposta para a *turma B* uma sequência didática para o ensino de resenha, inspirada na proposta de Dolz e Schneuwly. Já para a *turma A,* utilizou-se apenas a orientação escrita que constava na apostila. Dados os

limites deste trabalho, foram selecionadas e analisadas as produções de três alunos de cada turma, em sua versão inicial e também na versão reelaborada.

Estabeleceu-se como *corpus* da pesquisa da *turma B* os textos produzidos a partir da sequência didática, resenhas sobre: 1) o conto de Machado de Assis *Pai contra mãe;* 2) *A Metamorfose,* de Franz Kafka editado pela Companhia das Letras e sua posterior reescrita; 3) o filme *Sociedade dos Poetas Mortos, de* Peter Weir; 4) uma última resenha escrita a partir de uma comparação entre as características da escola literária Romantismo e um seriado ou filme contemporâneo.

Na *turma A*, conforme a apostila adotada pela escola, os alunos leram sobre o gênero e analisaram dois exemplos de resenhas sobre o filme de Arnaldo Jabor, *A suprema felicidade*. Depois, produziram uma resenha sobre a obra "A Metamorfose" que, segundo as orientações da apostila, deveria ser criada em grupo. No entanto, a professora preferiu que fosse individual, a fim de atender cada um dos alunos quanto às dificuldades encontradas. O procedimento apostilado não sugeria reescrita, mas ela foi feita a partir de orientações da professora.

1.4 Metodologia

A metodologia desta pesquisa funda-se em levantamento bibliográfico referente à área de análise, como os estudos de Bakhtin, Bronckart e Bazerman para as questões que envolvem o gênero e o agenciamento / autoria; as contribuições de Dolz e Schneuwly para as questões dirigidas à sequência didática, bastante caras ao nosso estudo, assim como Franchi, Possenti e Neves para as discussões que envolvem o ensino de Língua Portuguesa na sala de aula, particularmente a reescrita, e, por fim, Brandão para o que tange o ensino de gêneros na escola.

Pareceu de extrema importância, ainda, um levantamento bibliográfico sobre o gênero **resenha crítica** e seu ensino, em teses já publicadas que analisaram o ensino de resenha, espécie de baliza ao desenvolvimento da abordagem que está sendo dada ao estudo do *corpus* selecionado.

Para fins de pesquisa, os alunos deveriam criar os *Diários Culturais*, compostos por textos do gênero *resenha crítica*. Para que pudessem desenvolver o gênero, fez-se uma adaptação do modelo proposto por Bronckart (2006) no que diz

respeito às dimensões ensináveis de um gênero. Para o autor, há as seguintes dimensões: o *contexto*, isto é, a situação de produção proposta que, neste caso, é a produção de um diário para o público (pais); *aspectos discursivos* como o conteúdo e a forma do gênero e a *linguagem utilizada*, que depende do público-alvo. Neste caso, os alunos sabiam que seus pais seriam os leitores dessa resenha, assim como professores e colegas da escola.

A teoria sobre a sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004) embasou a estratégia das aulas para a produção de resenha crítica.

É importante observar que a finalidade da proposta seria preparar os alunos, futuros universitários, para a vida acadêmica. Sabe-se que a resenha é um gênero exigido neste contexto e muitos alunos chegam às universidades extremamente despreparados para criticar uma obra. Fabrino (2008), que escreveu seu Doutorado baseado nas resenhas de seus alunos da universidade, afirmou:

> ...o que se observou por parte dos alunos foi a dificuldade de elaborar uma apreciação crítica, ora por falta de repertório, justificável por tratar de turmas iniciantes, ora pela representação que os alunos tinham de si próprios, como incapazes de criticar uma obra reconhecida, ora pela representação que tinham da resenha contendo uma crítica – ou do que seria uma crítica. (FABRINO, 2008, p.8).

Tal testemunho nos leva a questionar o caminho tomado por alguns professores dos Ensinos Fundamental e Médio. Muitos têm a preocupação de ensinar a nomenclatura ou as escolas literárias, esquecendo-se de que a leitura e a escrita se fazem extremamente necessárias num mundo onde a comunicação é essencial. Os egressos do Ensino Médio, como foi exposto por Fabrino, sentem dificuldade em escrever. O papel do professor do Ensino Básico, portanto, deve ser preparar os alunos para ler e produzir textos, motivo da escolha do gênero.

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames *para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos.. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar.*

(C. Bazerman)

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste segundo capítulo, será apresentado o embasamento teórico-metodológico desta pesquisa. Houve a preocupação em contextualizar o interacionismo-sociodiscursivo (ISD) dentre outras teorias e, a partir daí, apresentar alguns dos pressupostos dessa abordagem que são relevantes para o tratamento das produções textuais. Dessa forma, noções de gênero, texto e discurso, modelo de produção de texto (Bronckart, 2003; Bakhtin 1997), sequências didáticas para ensino de gêneros (Dolz & Schneuwly, 2004), em especial da resenha crítica (Machado, 2004a) e resumo (Machado, 2004b), indicações primordiais para a realização deste trabalho, serão tratadas minuciosamente. Os estudos da sócio-retórica americana sobre gêneros também contribuem para o embasamento teórico: Bazerman (2005; 2006), autor norte-americano, que estuda os gêneros produzidos nas universidades. Como a resenha é um gênero bastante exigido nesse contexto, é importante trazê-lo à tona.

2.1 A abordagem interacionista-sociodiscursiva: os gêneros e os tipos textuais para J.P. Bronckart

O presente trabalho tem como embasamento teórico a análise interacionista sociodiscursiva, proposto por Bronckart (2006, 2008) e doravante tratado por ISD, corrente do Interacionismo social que tem por objetivo mostrar o papel *fundador da linguagem*, assim como o funcionamento do *agir linguageiro* no desenvolvimento do ser humano. Do método de análise defendido pelo ISD, destacam-se três aspectos principais, dentre eles, o da ordem terminológica:

> ...sustentamos que para designar essa realidade, devemos manter a expressão agir linguageiro em vez de utilizarmos ‘atividade discursiva’. De um lado, porque o uso dessa última expressão pode levar a pensar que a linguagem se manifesta de um modo diferente de uma prática. De outro, porque é possível dar ao termo discurso um sentido, ao mesmo tempo, mais preciso e mais profundo. Desenvolvendo-se com a exploração dos recursos de uma determinada língua natural, o agir linguageiro se traduz em um texto, que pode ser definido como toda unidade de produção verbal que

> veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário ou então, como unidade comunicativa de nível superior correspondente a uma determinada unidade de agir linguageiro e, para dar conta da variedade das produções verbais, utilizamos a noção de gêneros de textos e não a de gêneros do discurso. (BRONCKART, 2008, p 87)

É necessário compreender o ser humano, a partir de sua exposição às interações sociais vividas em seu cotidiano. O conhecimento é construído por meio do agir linguageiro oriundo da interação social, pois é nesse processo que o homem se apropria dos chamados pré-construídos sociais, isto é, dos conhecimentos histórico-sociais construídos pela humanidade e considerados modelos para as futuras gerações.

Para Bakhtin (1997), o ponto de partida, assim como proposto por Bronckart, é o “social”. Na oposição entre o que é considerado individual e social, ocorre o dialogismo entre os interlocutores, que, para Bakhtin, é o princípio fundador da linguagem. Dessa forma, o texto define-se pelo que é chamado de diálogo entre interlocutores e pelo diálogo que há entre os próprios textos, da mesma ou de diferentes épocas, dependendo do repertório dos interlocutores. E é essa interação que tem papel preponderante para a fundação da linguagem.

Outro aspecto a ser analisado é a situação de produção do texto, que pode ser descrita por um conjunto de parâmetros físicos (emissor, receptor, espaço e tempo) e por parâmetros sociossubjetivos (tipo de interação social em curso, objetivos possíveis, papel social dos protagonistas da interação). Os parâmetros permitem a definição do tipo do agir linguageiro. Por meio de um ‘arquitexto’, isto é, dos modelos de textos ‘construídos pelas gerações precedentes e organizados em um repertório de modelos’ (Bronckart, 2008, p.89), o produtor tem um modelo oriundo das gerações passadas que, aliados à situação de produção, podem ter características genéricas e também de estilo. Essa visão, portanto, segue uma noção de língua como atividade histórica, social e cognitiva.

A última observação da análise proposta por Bronckart (2008) é a elaboração de um modelo da ‘arquitetura textual’ que detém três níveis: o primeiro e mais profundo é a infraestrutura que comporta dois modos de organização: o primeiro é o da planificação geral, relativo ao conteúdo temático mobilizado; o segundo é o dos tipos de discurso (segmentos) de textos que tornam os textos linguisticamente

reconhecíveis. Também aparecem as sequências textuais, intrínsecas aos gêneros, tratadas principalmente por Adam, explicitadas mais à frente.

O nível intermediário dessa análise observa os mecanismos de textualização, que possibilitam a coerência temática: mecanismos de coesão nominal e coesão verbal (temporalidade). O nível considerado mais superficial é atribuído aos '*mecanismos de responsabilização enunciativa'*, isto é, ao que contribui para uma coerência pragmática. Para tanto, é necessário haver um 'gestor do texto', muitas vezes denominado 'narrador', outras 'enunciador' que o ISD (Interacionismo Sociodiscursivo) prefere chamar de 'textualizador', isto é, àquele ao qual é conferida a responsabilidade pelo que será enunciado:

> A partir dessa instância é que se dá a distribuição das vozes que 'são ouvidas' no texto (vozes de personagens, de instâncias sociais, do próprio autor) se manifestam e, a partir dessas vozes, eventualmente se manifestam avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) de determinados aspectos do conteúdo temático, que são marcadas por unidades ou processos de modalização (...)eles servem, sobretudo, para orientar a interpretação dos destinatários. (BRONCKART, 2008, p. 90)

Bronckart tem como foco as características enunciativas que levam em conta a situação material de produção, isto é, tempo, lugar e os agentes da comunicação, partindo do pressuposto de que, como há uma diversidade dos objetos e fatos, haveria correspondentemente uma infinidade de práticas e condições, considerando a linguagem enquanto prática social e levando em conta os aspectos sociais e interacionais.

2.2 Conceituação de gêneros e sequências discursivas: diferentes concepções

Para Bakhtin (2011), toda forma de comunicação ocorre por meio dos gêneros do discurso, que dependem de um determinado contexto, dos participantes da interação, assim como do conteúdo temático e do estilo

> O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Na perspectiva de Bakhtin, a reflexão acerca da língua está ligada à vida, pois é na interação com o outro que o homem se relaciona e se questiona com relação às próprias ações. Compreender a importância dessa interação e, ainda, que língua e vida não podem ser dissociadas é um primeiro passo para o ensino de língua. A partir dessa premissa, Bakhtin (2011) afirma

> O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, 2011, p. 265)

Marcuschi, (2010), ao comentar os gêneros textuais, relaciona-os ás práticas sócio-históricas, observando que são indispensáveis para as atividades comunicativas, surgindo conforme as necessidades de um determinado grupo, inclusive a partir daquelas decorrentes das inovações tecnológicas. Concordando com Bronckart, Marcuschi salienta que os gêneros são altamente maleáveis e não se caracterizam apenas pelos seus aspectos formais, embora não desconsidere a forma, dado que, muitas vezes, é a forma que determina o gênero. Mas, complementarmente, também se observa aspectos sociocomunicativos e funcionais. Assim, os gêneros do discurso são vistos como ações sociodiscursivas para *agir sobre o mundo* e *dizer o mundo,* colaborando com a sua constituição.

O que se observa é que há semelhanças entre os teóricos, quanto à visão geral; e algumas diferenças, em aspectos específicos. No conjunto, ressaltam a

visão da língua em sua função social como o eixo que deve conduzir o ensino da língua materna escolhido como eixo da pesquisa aqui apresentada.

Tendo em vista que os gêneros são resultados da atividade comunicativa, potencialmente, todos os dias surgiriam diferentes gêneros textuais, que não poderiam ser considerados inovações absolutas, dado que se originam de outros gêneros, isto é, teriam outros gêneros como ponto de partida. Bronckart se refere aos 'arquitextos', paradigmas preexistentes que serviriam de modelo às gerações futuras. Bakhtin aponta gêneros primários, espontâneos, e gêneros secundários, mais estáveis, com características que lhes permitem serem reconhecidos / compreendidos / reempregados. Mesmo os gêneros secundários, segundo Bakhtin, ou os arquitextos, conforme Bronckart, acabam por revelar-se apenas relativamente estáveis. Ora sofrem mudanças, ora cedem espaço a outros, em função de um novo contexto. Percebe-se, por exemplo, que a escrita das cartas já não é tão comum como em meados do século passado. A necessidade ou a facilidade de enviar informações mais rápidas transformou ou ampliou esse gênero: utilizam-se telefonemas, e-mails, mensagens de celulares, conhecidos como *sms*, e outras ferramentas tecnológicas como o *Facebook* e *WhatsApp,* que refletem o quão é importante, hoje, a rapidez na comunicação cotidiana. Esse processo ilustra o que era apontado por Bakhtin, ao se referir à transmutação de gêneros e à assimilação de gêneros, em que uns geram os outros.

Vale considerar, portanto, a situação específica do trabalho com escrita no ambiente escolar. Por um lado, ocorre a análise do gênero em estudo, buscando suas características, o meio em que circula, suas marcas linguísticas, ou seja: o que é "estável". Por outro, os estudantes devem perceber o duplo dinamismo: o da vida social e o da língua, ou seja: aquilo que é "passível de mudanças e adaptações".

Outro aspecto fundamental vem a ser a originalidade, o estilo, o tom pessoal. Assim, o terceiro pilar a apoiar o trabalho discente é o de estimular os jovens redatores a desenvolver uma dicção pessoal, um estilo próprio, ao produzir seus textos, ainda que o gênero em estudo tenha suas marcas específicas.

Se a experiência escolar que se vive e será relatada pudesse ser metaforicamente proposta em imagem, esta se aproximaria de um tripé com os agentes envolvidos em equilíbrio sobre ele.

2. 3 O conceito de gênero e agenciamento para Charles Bazerman

Segundo Bazerman (2006), gêneros não podem ser vistos apenas como formas textuais, mas como formas de vida, localizando criador e receptor, permitindo que tenham percepção do que ocorre ao seu redor. E isso acaba por fazer do gênero, além de uma categoria de reconhecimento psicológico, uma categoria de reconhecimento histórico-social

> Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar. (BAZERMAN, 2006, p.23)

Bazerman também chama a atenção para a questão do enunciado, que não limita essa teoria apenas à linguagem em si, mas também ao sentido criado por alguém. Os gêneros acabam por formar um conjunto de enunciados delimitados por começo, meio e fim, ocupando lugar definido no tempo e no espaço e são percebidos como portadores de determinado sentido.

No momento em que discorre acerca da sala de aula, o autor toca num ponto importante para a pesquisa feita a partir de como o professor deve conceber o gênero para desenvolver as habilidades de seus alunos:

> (...) o gênero é uma ferramenta para descobrir os recursos que os alunos trazem consigo, ou seja, os gêneros que trazem de sua formação e de sua experiência na sociedade. É também uma ferramenta para definir os desafios que levarão os alunos a novos domínios até então não explorados por eles, mas não tão diferentes dos domínios que conhecem a ponto de serem ininteligíveis. Como professores criativos, desejosos de desenvolver a habilidade retórica, a flexibilidade e a criatividade de nossos alunos, podemos tentar identificar os tipos de enunciados que nossos alunos estão prontos para fazer, caso lhes sejam dados o desafio e alguma orientação sobre o que esses enunciados fazem e como eles fazem. (BAZERMAN, 2006, p.31)

Para o autor, a escrita é vista como uma habilidade abstrata, ligada aos fins de escolarização, sendo que o desempenho em sua produção será avaliado por uma autoridade- o que é conhecido por avaliação somativa e formativa – para

identificar o quanto precisa melhorar a escrita do aluno. Escrever para ser avaliado ainda é o foco para muitas instituições.

Essa condição – escrever para ser avaliado – surge da própria lógica da instituição, reforçada nas práticas cotidianas. No entanto, ao reconhecer essa situação, o professor pode suavizar os efeitos, propiciando aos alunos uma oportunidade de experiência mais significativa e aprofundada com a escrita. É neste contexto que se destaca a operacionalidade da sequência didática para a escrita de gêneros proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004): o professor, a partir de suas experiências e percebendo as facilidades e dificuldades de seus alunos, pode interferir no processo de escrita, criando condições – mesmo que fictícias, dadas as circunstâncias escolares - que possam atribuir significados ao texto produzido.

Observa-se, na preparação para os vestibulares, o discurso da importância da *redação* para o ingresso nas melhores universidades. Trabalha-se, pois, a argumentação, a estrutura da dissertação (introdução, argumentação e conclusão), a gramática. No entanto, não se considera o "leitor virtual", ou seja, não se sabe para quem o aluno escreve (no caso, o corretor da banca), e a situação de comunicação não foi criada. Escreve-se para ser avaliado, esperando "agradar" ao ouvinte. E, por isso:

> Como resultado dessa habilidade abstrata ensinada numa atmosfera constante de exposição e avaliação, a escrita estudantil pode se tornar vazia, dizendo nada a ninguém, por nenhuma razão em particular. Ou mais precisamente, o aluno escreve apenas para um examinador, para evitar ser corrigido e para ganhar boas notas. A esse tipo de escrita escolar vazia falta o que Wayne Booth chamou de uma posição retórica, que forma uma relação concreta entre um escritor engajado e uma audiência interessada em um assunto significante para ambos. (...) Não é surpreendente que a maioria dos alunos, após terminar os estudos, escreva pouco, além do requerido por seus empregos. Para que sofrer as dificuldades da escrita e a ansiedade do insucesso quando não estão mais sob o peso da avaliação, se não têm identificado uma necessidade que poderia ser satisfeita através da escrita? (BAZERMAN, 2006, p. 15)

No entanto, para que o aluno consiga um bom desempenho ao expor suas ideias na produção textual, é necessário que ele *tenha* algo para dizer, que consiga sustentar sua opinião e ter clareza no que é dito. Assim, é indispensável fazer algumas considerações referentes à leitura, dado que essa é uma das formas mais relevantes de o aluno obter um repertório suficiente para a condução de gêneros de quaisquer espécies.

É de extrema importância que os alunos tenham interesse na leitura e que ela faça sentido para eles, o que muitas vezes não ocorre. Mostram-se arredios quando se fala em *cânone literário*, não são simpáticos às obras obrigatórias para ingresso nas universidades e muitos preferem passar seus momentos de descanso em algum *site* da Internet. O que se percebe é que não encontram uma conexão entre o texto lido e as atividades do seu cotidiano, o que, certamente, faria da leitura algo mais interessante.

> Como professores de leitura e professores de escrita que dependem da leitura dos alunos, precisamos procurar textos que engajarão os interesses dos nossos alunos – se necessário, superficialmente, mas, de preferência, profundamente. Ainda mais, precisamos ajudar nossos alunos a descobrir razões para se interessarem pelo texto que à primeira vista lhes parece estranho. Se ajudarmos os alunos a verem que um texto contém algo importante para eles, algo realmente interessante, eles aprenderão a atravessar montanhas de dificuldades que ficam entre eles e o que eles querem. Isso é interessante. (BAZERMAN, 2006, p. 49)

Dentro dessa perspectiva, observa-se que o papel do professor é trazer sentido ao que é lido, aproximar a leitura da realidade dos alunos. Sabe-se que na maioria das vezes tal ação é dificultosa, pois as obras são escritas num outro contexto, muito diferente do cotidiano deles. Os saraus, os amores e as heroínas românticas estão um pouco distantes das experiências desses alunos. O que se dirá acerca da obra em que nas primeiras linhas o protagonista se transforma num ser monstruoso? Como aproximar “A Metamorfose”, de Franz Kafka, com todas as suas metáforas, de adolescentes de quinze anos que preferem narrativas de caráter mais concreto?

Foi a partir desse ‘desafio’ que se escolheu, dentre as obras indicadas pelo programa da escola, ‘A Metamorfose’, para desenvolver um dos textos do ‘Diário Cultural’ promovido pela área de Códigos e Linguagens da Instituição de ensino.

2.4 Distinção entre gêneros textuais e tipos textuais

Neste momento, faz-se necessária uma pausa para tratar distinção entre *gêneros textuais* e *tipos textuais*, dado que essa distinção é fundamental para o ensino e análise de textos, segundo a proposta de Jean Michel Adam (2008) e

Bronckart (2006). Adam propõe ainda as sequências discursivas, consideradas na análise dos textos-base para esta pesquisa.

É muito útil a contribuição de Marcuschi (2010), ao retomar esse tópico e estabelecer a distinção entre *gênero* e *tipo textual.* Observa que a expressão 'tipo textual' é utilizada para designar uma sequência e tem seis categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Já o *gênero textual* refere-se aos textos materializados, encontrados no cotidiano, caracterizando-se por serem sociocomunicativos, com propriedades funcionais e estilo. São inúmeros esses gêneros e, a todo o momento, podem surgir outros – como já foi dito e se voltará a repetir, ao longo desta dissertação. Ou seja: encontram-se os tipos textuais no interior dos gêneros. A resenha crítica, por exemplo, que será analisada neste trabalho, compreende sequências narrativas, descritivas e argumentativas, inseridas no corpo do gênero resenha crítica.

Em sua obra *A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos,* Adam (2008) propõe ampliar o campo de ação da Linguística. Retoma autores como Jakobson, Bakhtin, Fuchs e Labov que criticavam a disciplina, enquanto as reflexões se limitavam ao estudo da (estrutura da) frase. Adam afirma que Coseriu foi um dos primeiros, em 1950, a usar o termo *linguística textual* e propõe distinguir a *linguística transfrasal* da *linguística textual*. Esta última é uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos. Tal procedimento será chamado de *Análise Textual dos Discursos*. Para o autor, *texto* e *discurso* não têm a mesma origem na história; situa a linguística textual no quadro mais amplo da *Análise do Discurso*.

Nessa perspectiva, Adam afirma que a noção de frase não pode ser mantida como unidade de análise textual, pois ela é uma unidade de segmentação tipográfica. Assim, propõe fazer do período uma unidade textual. Também rejeita a frase, a proposição e o enunciado, pois acumulam o inconveniente da imprecisão relativa aos seus limites de extensão, além da ausência de contexto gramatical ou semântico.

Diante desses postulados, sugere o termo *proposição-enunciado*. Essa definição envolve dois conceitos: de *enunciado*, como uma unidade textual mínima que marque o produto de uma enunciação e de *proposição*, designação de uma microunidade sintático semântica, efetivamente realizada e produzida por um ato de

enunciação.

Nessa direção, todo enunciado elementar liga-se a um outro - ou a vários outros - e o(s) convoca em resposta ou como simples continuação. Adam ainda caracteriza o enunciado como uma construção verbal de conteúdo referencial. Esse conteúdo é caracterizado não por sua condição de verdade, mas por parecer verdadeiro, falso ou mesmo mentiroso. Por essa última definição, Adam recorre ao termo proposição.

Para Foucault (apud Adam, 2008), a unidade do discurso é o enunciado que ele distingue da proposição dos lógicos, da frase dos gramáticos e dos atos de falas. Conclui que o enunciado não é, em si mesmo, uma unidade, mas uma função que cruza um domínio de estrutura de unidades possíveis e que as faz aparecer, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

Assim, o enunciado se inscreve no interior de uma série de outras formulações e se torna um elemento, repetindo, modificando ou adaptando formulações; possibilitando sua sequência ou sua réplica, seu desaparecimento ou sua valorização para um discurso futuro. Dessa forma, o enunciado deve ter existência material. Foucault considera ser o enunciado o que os lógicos denominavam proposição, os gramáticos caracterizam como frase, e outros analistas tentam demarcar sob o título de *speech act.*

O autor ainda postula não acreditar que a presença de uma estrutura proposicional seja o enunciado, pois há estruturas proposicionais de caráter enunciativo bastante distinto. Os critérios que permitem definir a identidade de uma proposição, distinguir várias delas sob a unidade de uma formulação, caracterizar sua autonomia ou sua propriedade de ser completa, não servem para descrever a unidade singular do enunciado. (Adam, 2008).

O enunciado pertenceria, pois, a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto e uma proposição, a um conjunto dedutivo. A regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva.

Adam propõe, portanto, a descrição de sequências textuais. O autor se afasta do tipo de texto ou de gênero textual, talvez porque essa conceituação, usada pela Linguística, pressuponha o contexto social. Assim, Adam apresenta sua concepção de tipos textuais como sequências textuais que se agrupam de forma heterogênea e compõem os gêneros. A proposta de Adam parte da ideia de que o texto é formado

de *proposições-enunciados* que, em seu conjunto, assumem uma forma mais ou menos característica a partir de um processo de fixação sócio-histórico.

Ao citar Bakhtin, Adam retoma a concepção do dialogismo, ou seja, qualquer estrutura linguística existe em função da interlocução que se estabelece entre dois ou mais interlocutores. O diálogo ocorre, assim, em todos os sentidos, seja nas trocas entre interlocutores, seja no interior do próprio enunciado, com todos os enunciados anteriormente proferidos. A noção de enunciado é, portanto, de fundamental importância nesta concepção. Bakhtin conceitua os gêneros textuais como formas do enunciado, que se distinguem das formas da língua, por serem estes, no geral, formas *mais maleáveis, mais plásticas e mais livres*.

O que é operacional para este trabalho, é o que Adam observa no capítulo 5 da sua obra supracitada com relação aos planos de texto:

> Os planos de texto estão, juntamente com os gêneros, disponíveis no sistema de conhecimentos dos grupos sociais. Permitem construir (na produção) e reconstruir (na leitura ou na escuta) a organização global de um texto, prescrita por um gênero. Pense-se, por exemplo, além do plano oratório do qual acabamos de falar, no plano canônico da dissertação (introdução, tese, antítese, síntese, conclusão) (...) (ADAM, 2008, p.256)

Os planos fixos são as constantes composicionais. Por exemplo, na carta: contato inicial e final; apresentação e desenvolvimento do objeto do discurso. Por fim, *plano do texto* remete ao uso dos tipos elementares de textualização que determinam a organização textual: um texto, como a resenha, pode se mostrar mais descritivo na introdução, no caso do pequeno resumo encontrado no início, e mais argumentativo em sua finalização, revelando os argumentos que defende.

Entendemos que Adam retoma as concepções de Bakhtin, de outra perspectiva, pois considera a sequência como um gênero. Para Bakhtin, o gênero pertence ao enunciado, não à língua e os *tipos relativamente estáveis* de Bakhtin aplicam-se a qualquer gênero. Para Adam esses tipos são vistos como sequências textuais.

O que se observa, portanto, é que Adam: a) considera a sequência como um gênero; já para Bakthin, o gênero pertence ao enunciado, não à língua; b) Os "*tipos relativamente estáveis*" de Bakhtin aplicam-se a aos gêneros secundários; para Adam, esses tipos são vistos como *sequências textuais*. c) para Bakhtin, o diálogo é um gênero primário. Já para Adam, trata-se de sequências dialogais. d) por fim,

Bakhtin concebe que o ato comunicativo tem base no gênero e não, em sequências. Assim, a ideia de gênero se entende por forma característica de dado texto, dentro de uma situação de interação dialógica.

A partir da análise da obra de Bakhtin (2011), Adam postula que mesmo as formas mais elaboradas e complexas, são construídas sobre um certo número de formas que são chamadas prototípicas. Essas unidades mínimas do texto estariam na base de quaisquer composições textuais, segundo a teoria baseada na estrutura sequencial.

Para a pesquisa aqui apresentada, com foco na resenha crítica no Ensino Médio, é necessário levar em consideração o que Adam (apud Machado, 1996) afirma acerca da *sequência descritiva prototípica*, isto é, a existência de quatro operações primordiais que a distinguem: *ancoragem, aspectualização, assimilações e reformulação.* Segundo o autor, a *ancoragem* pode ser entendida como tema-título, isto é, quem ou o quê está em questão. A *aspectualização* trata das partes e das qualidades do que foi ancorado. A *assimilação* é o processo de comparação entre dois objetos, situando-os em seu tempo-espaço e, finalmente, a *reformulação* retoma o tema-título, passando da representação inicial para outra, final, uma reafirmação a partir da descrição anterior.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), as sequências discursivas (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa ou expositiva, injuntiva ou instrucional.) não dão conta das práticas sócio-discursivas, pois se baseiam apenas na organização textual, sem levar em consideração o caráter dialógico da comunicação. Seu objeto não é o texto, muito menos o gênero, mas as sequências que formarão os gêneros, que são diversos, inumeráveis.

Assim, para que os alunos dominem os diversos gêneros que fazem parte da comunicação oral e escrita, Dolz e Schneuwly (2004) defendem a necessidade de que o professor ofereça os domínios da comunicação com o objetivo de levá-los ao desenvolvimento dessas capacidades. Dessa forma, os autores apresentam os chamados *agrupamentos dos gêneros* para as mais diversas situações do cotidiano, recurso que dará a possibilidade ao professor de uma melhor preparação e de uma maior previsão dos problemas a serem enfrentados no processo de ensino-aprendizagem.

Os *agrupamentos de gêneros* foram criados a partir de algumas regularidades presentes em cada gênero estudado. Apesar disso, cada um dos gêneros possui características específicas, o que exige um planejamento do professor. Dolz e Schneuwly (2004) destacam que, para a realização desses agrupamentos, três critérios são importantes: o primeiro deles é que corresponda às finalidades sociais da comunicação oral e escrita atribuídas ao ensino. O segundo é expressar as diferenças tipológicas, e o terceiro deles, que os gêneros agrupados sejam "relativamente homogêneos" no que se refere à capacidade de linguagem dentro de cada gênero agrupado.

Levando-se em conta as características citadas acima, Dolz e Schneuwly (2004:121) apresentam os seguintes agrupamentos de gêneros:

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho *Curriculum vitae* Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa Discurso de acusação
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos “expositivos” ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica **Resenha**
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Segundo Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004), tais agrupamentos não são estanques, isto é, podem determinar algumas características para que os gêneros possam ser trabalhados didaticamente, mas não classificá-los de maneira restrita ou absoluta. Para corroborar essa afirmação, Machado (1996) observa que a resenha, a partir do estudo feito por Adam acerca das sequências, apresenta *sequências típicas descritivas*, com ênfase na questão da *aspectualização*, pois se explicitam as diferentes partes do conteúdo, que podem ser tematizadas, assim como a utilização dos organizadores textuais típicos (temporais ou espaciais).

2.5 Gêneros e ensino de Língua Portuguesa nas escolas

Não se pode falar de produção textual sem aliar o assunto ao ensino de língua, dado que o sentido aplicado ao léxico presente nas resenhas oriunda do conhecimento linguístico do aluno. Portanto, faz-se necessário abordar o ensino de língua nas escolas como deveriam ocorrer para que houvesse reflexo nos textos produzidos pelos educandos.

O ensino de Língua Portuguesa no nível médio tornou-se um verdadeiro dilema para os professores: já se sabe que a simples exploração de nomenclaturas, frases soltas e classificações não bastam para bom emprego dos recursos de nossa língua. E a pergunta fica: o que os alunos devem saber, de fato? Como levá-los a ter uma educação linguística que seja relevante, de modo a se tornarem competentes tanto na comunicação oral quanto na escrita?

A partir dos novos direcionamentos indicados para o ensino-aprendizagem de Gramática da Língua Portuguesa, propostos pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), percebe-se que a gramática está atrelada ao processo de recepção e produção textual. Por isso não se pode pensar numa aula de Língua Portuguesa que apenas trabalhe a frase e o período, sem a reflexão acerca do que se escreve, em quais condições de produção, com qual finalidade, e com quais efeitos de sentido.

Embora os PCN considerem que o ensino de Língua Portuguesa deva ser centrado nos gêneros do discurso, permanecem algumas questões sem resposta e professores ainda pouco seguros do que se deve realmente fazer no ensino de língua centrada nos gêneros.

Levando-se em conta os Parâmetros Curriculares Nacionais,

> toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, prenha de significados e significações que vão além do seu aspecto formal. O estudo apenas do aspecto formal, desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical própria da natureza e função da linguagem, desvincula o aluno do caráter intrasubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem (PCN, 1996, p.6)

Dessa forma, o “aluno” deve saber se comportar nas diversas situações de comunicação e respeitar as variedades da língua, o que é difícil conseguir com exercícios descontextualizados, passíveis de tornar a língua algo sem sentido. Segundo Franchi (2006), devemos diagnosticar em que estágio o aluno se encontra, para levá-lo a ampliar seu vocabulário e sua competência no uso da língua para produzir e receber textos.

Concorda-se com Franchi (2006), quando diz que a linguagem é um patrimônio da humanidade, propriedade que independe de fatores sociais, de etnia, de cultura, de situação econômica, de origem de nascimento ou dos diferentes modos de inserção na comunidade. A gramática tradicional e escolar acaba por desconsiderar os fatos da linguagem coloquial e popular, limitando-se apenas ao que foi selecionado e utilizado por um grupo culto de escritores, deixando de mostrar que existem variantes / variedades linguísticas e que todas elas têm regras que não são aleatórias. Somente a própria comunidade usuária de determinada variedade linguística pode reconhecer algo como gramatical ou agramatical.

> Estar em desacordo com a regra gramatical não significa, pois, ser uma expressão excluída por não corresponder a uma “norma-padrão”, de natureza social, mas ser excluída pela gramática linguística do falar próprio de uma comunidade. (...) Têm razão, pois, os que afirmam que estudar esta gramática dos gramáticos e linguistas não contribui em quase nada para o amadurecimento e desenvolvimento da linguagem oral ou escrita de nossos alunos. Talvez se pudesse pensar em um proveito indireto, em períodos bem mais avançados de construção do texto, quando esta se torna um trabalho de reestruturação e recomposição. (FRANCHI, 2006, p.31)

Primeiramente, o professor de Língua Portuguesa deve ter como princípio básico que seus alunos não são simples folhas em branco à espera de impressões. Eles já trazem um arsenal linguístico que deve ser avaliado para se dar prosseguimento ao ensino. Observar que esses alunos têm informações a toda hora, dado que estamos “a pleno vapor” no que diz respeito à comunicação via Internet assim como outros veículos e tal fenômeno não pode ser deixado de lado, ao se falar de ensino de língua.

Segundo Rodolfo Ilari em *A linguística e o ensino de língua portuguesa* (2001), as gramáticas tradicionais, incluindo a que utilizamos na escola, mostram uma língua empobrecida das habilidades dos falantes e acabam tendo como efeito principal a separação sociolinguística, muitas vezes colaborando para estigmatizar (e isolar) socialmente os falantes.

O professor deveria, ainda seguindo as propostas de Ilari, avaliar as potencialidades de seu aluno, assim como suas limitações que se referem à expressão e à comunicação; mostrar quais são os objetivos das atividades apresentadas e fazer um exame crítico dos recursos didáticos que a indústria editorial proporciona aos professores.

Segundo Maria Helena de Moura Neves, em *Que Gramática estudar na escola* (2009), é necessário refletir sobre o que, de fato, estamos entendendo por ensino de língua portuguesa e o que estamos levando para nossos alunos. Neves assenta como base para o trabalho com gramática, na escola, indicações que partem do pressuposto de que, mesmo sem aulas, qualquer falante pode produzir enunciados na própria língua; a disciplina não pode ser apenas uma atividade de encaixamento em moldes que dispensem as diversas ocorrências de uma língua natural.

Para a autora, existem vários tipos de **gramática** e o uso de cada uma delas depende da intenção que se tem, ao consultá-la. Da mesma forma, para Ataliba de Castilho em "*Teorias Linguísticas e Ensino da Gramática*"(1994), a melhoria do ensino da disciplina deve partir de uma reflexão sobre os fatos da língua e os manuais da escola devem ser tomados como referência, não como algo finalizado e definitivo.

Franchi, em *Criatividade e Gramática* (2006), retoma a crítica que se faz aos estudos gramaticais, ao modo como se pratica a disciplina com os alunos na escola. Na mesma direção, os PCN foram organizados, mostrando que o contexto situacional e a língua falada devem necessariamente ser considerados. Apenas fazer exercícios repetitivos não parece ser o caminho mais adequado e eficiente para o ensino.

Para os PCN

> *A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.*
>
> *A linguagem é uma herança social, uma "realidade primeira", que, uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais,*

> *emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo.* (PCN, 1996, p.5)

Essa conceituação de linguagem está associada ao uso que dela se faz no mundo, tornando o aluno um sujeito social, locutor e interlocutor das mensagens para interagir em sociedade. Ainda para os PCN, o ensino de Língua Portuguesa deve contemplar as linguagens verbal e não-verbal, assim como seus cruzamentos verbo-visuais, áudio-visuais, entre outros, dado que a linguagem é produto e produtora da cultura e da comunicação social. Estudar apenas o aspecto formal desconsidera a inter-relação contextual, ou seja, o que é mais importante: a comunicação.

Apoiados na concepção bakhtiniana de linguagem, os PCN enfatizam que pensar a linguagem é pensar a vida real, observando que as simples frases para sistematização gramatical não são suficientes para a interação social. Com fundamentação em Bakhtin (2011) os PCN propõem uma nova estratégia para o ensino de língua.

No entanto, muitos professores de Português ainda acreditam que o ensino tradicional, geralmente centrado numa visão extremamente preconceituosa, visando, exclusivamente, à norma culta, seria a melhor forma de apresentar a língua. Em outros casos, conhecem os PCN e concordam com a nova visão, mas não conseguem aplicar as novas formas de ensino. Acreditando que o ensino tradicional da Gramática é o caminho, continuam formando pessoas que não conseguem se comunicar com facilidade, muito menos escrever textos com segurança.

> (...) Deve-se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada "sobre" ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito "sobre" uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais. Para dar um exemplo óbvio, sabe evidentemente mais inglês uma criança de três anos que fala inglês usualmente com os adultos e outras crianças para pedir coisas, xingar, reclamar ou brincar, do que alguém que tenha estudado a gramática do inglês durante anos, mas não tem condições de guiar um turista americano para passear numa cidade brasileira. (POSSENTI, 2000, p.53)

Assim como coloca o professor Carlos Franchi em “Criatividade e Gramática” (2003), as várias críticas aos procedimentos de ensino de Gramática

normativa ainda não colaboram para uma efetiva mudança nas escolas. Muitas vezes, o que ocorre é uma “inconsequência” no que diz respeito à prática, isto é, utilização dos exercícios antigos “fantasiados” de novos. Dessa forma, assim como também Possenti afirma em *Por que (não) ensinar Gramática* (2000), a aprendizagem da língua não se dá apenas por exercícios repetitivos. O aluno deve perceber um uso contextualizado, que dê sentido ao que se diz. A aprendizagem da gramática deve ser significativa.

Devem ser praticados exercícios que levem o aluno a uma prática linguística como coloca Goldstein em *O texto na sala de aula: algumas propostas.* (1994). Essa prática deve respeitar aquilo que o aluno traz de suas experiências ou “conhecimento de mundo” com relação à língua, mas levando também o aluno a dominar o Português padrão e, para isso, criando condições para que ele seja praticado.

> *[...] devemos ensinar a norma padrão. Já que só se pode ensinar algo que o aluno ainda não conhece, cabe à escola ensinar a norma padrão, que não é língua materna de ninguém, que nem sequer é língua, nem dialeto, nem variedade [...] ...Esses conhecimentos, assim armazenados, constituiriam a cultura mais valorizada e prestigiada, de que todos os falantes devem se apoderar para se integrar de pleno direito na produção/condução/transformação da sociedade de que fazem parte.* (BAGNO, 2001, p.58)

Possenti em *Por que (não) ensinar gramática na escola?* (2000) observa que a gramática normativa concebe como erro tudo o que foge ao exemplo de boa linguagem, deixando de lado o fato de que as línguas variam, algo inerente às línguas naturais. As gramáticas escolares mais antigas não traziam exemplos do cotidiano, dos jornais e revistas.

> A noção mais corrente de erro é a que decorre da gramática normativa: é erro tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem. É importante, neste ponto, fazer duas considerações. A primeira é que "os exemplos de boa linguagem" são sempre em alguma medida ideais e são sempre buscados num passado mais ou menos distante, sendo, portanto, em boa parte arcaizantes, quando não já arcaicos. Certamente, embora em matéria de língua nada seja uniforme, os exemplos de boa linguagem utilizados pelas gramáticas são mais arcaizantes do que os encontrados em jornais e nos textos de muitos escritores vivos de qualidade reconhecida. (POSSENTI, 2000, p.57)

Em outras palavras, a língua não é algo que possa ser valorada como *certo* e *errado* ou apenas um conjunto em que se observa a classificação de complementos, verbos e sujeitos. Assim como já foi colocado por Bakhtin (1997:261), em todos os campos em que há atividade humana, há linguagem:

> Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2001, p.261)

Desta forma, considera-se que os gêneros textuais cumprem sua função social, pois apontam estratégias que abrangem vários contextos situacionais, apresentando propriedades específicas. Por vezes, trata-se de textos encontrados no cotidiano e que, quando são do mesmo gênero, apresentam composição e estilo semelhantes. Portanto, se a atividade humana se pauta pela linguagem e pela comunicação e se a finalidade da escola é fazer o educando transitar por esses gêneros com competência, não é apenas a partir de exercícios com frases soltas e nomenclaturas que os ensinaremos a se comunicar, mas abordando textos completos, com marcas linguísticas que produzem efeitos de sentido.

Com relação ao ensino de gêneros, preconizado pelos PCN, Travaglia (2011) observa que uma das questões fundamentais para o professor é escolher quais gêneros deverão ser trabalhados com seus alunos, uma vez que os teóricos, como Brandão (2000) e Marcuschi (2010), afirmam que há inúmeros gêneros numa sociedade e que a cada dia novos se formam. Deve-se pensar como o gênero escolhido pode contribuir para a necessidade futura da escrita desses alunos.

> Tendo em vista que quanto maior for o número de gêneros que um usuário da língua sabe produzir e compreender, maior será sua competência discursiva ou comunicativa, esta é uma decisão um tanto difícil. Mas, devido ao grande número de gêneros existentes, precisamos nos valer de alguns critérios e conhecimentos teóricos para fazer uma escolha que seja razoavelmente pertinente e produtiva no processo de ensino/aprendizagem. Importa lembrar também que tal decisão envolve dois pontos importantes dos conhecimentos linguísticos sobre tipologia textual: o das categorias de textos (Cf. Travaglia, [2003]/2007) e o das comunidades discursivas que as utilizam. (TRAVAGLIA, 2011, p. 513)

Assim, justifica-se aqui o motivo pelo qual, esta dissertação, optou por *resenha crítica* para o trabalho com as classes da 1ª. série do Ensino Médio: tal gênero, além de ser requisitado nos cursos ministrados por faculdades e universidades, compõe-se de resumo do texto ou obra lida/apreciada, assim como de uma avaliação que deve partir do *conhecimento de mundo* do autor, levando em consideração as sequências narrativas, descritivas e argumentativas, facilitando também a análise gramatical, pois a resenha pode seguir um padrão mais ou menos formal, a depender do interlocutor e do contexto.

Para Goldstein (1994), há várias "línguas portuguesas" e a norma padrão, embora seja a mais prestigiada socialmente, é apenas uma das possibilidades de uso da língua; há outras de igual importância. O professor deve ter consciência de que a variação linguística é inerente à língua. Em muitos casos, talvez a escola seja o único lugar em que o aluno tenha a chance de se familiarizar com a norma padrão, o que é essencial, pois poderá ter oportunidade de ser inserido socialmente no universo em que essa norma predomina. Conhecendo a variação linguística e dominando outras normas, poderá se comunicar, empregando diversos registros, inclusive os orais, pouquíssimo trabalhados nos LD's, fato que contribuirá parcialmente para sua inclusão social.

Deve-se observar que muitos confundem as conceituações de língua e gramática. Entende-se, equivocadamente que, ao saber a gramática de uma língua, domina-se totalmente essa língua.

> A concepção de que língua e gramática são uma coisa só deriva do fato de, ingenuamente, se acreditar que a língua constituída de um único componente: a gramática. Por essa ótica, saber uma língua equivale a saber sua gramática; ou, por outro lado, saber a gramática de uma língua equivale a dominar totalmente essa língua. Na mesma linha de raciocínio, consolida-se a crença de que o estudo de uma língua é o estudo de sua gramática. (ANTUNES, 2007, p.39)

No entanto, se apenas saber nomenclaturas não é o suficiente, por que se deve estudá-las?

> Para ser eficaz comunicativamente, não basta saber apenas as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente. (ANTUNES, 2007, p.41)

O ensino de Gramática só se justifica se a finalidade maior for o texto. De nada adianta conhecê-la, sem saber se comunicar adequadamente por meio dos vários gêneros. Conforme Fiorin (1989), as aulas que visam ao trabalho com a interpretação de textos limitar-se-iam a questionários *"com perguntas que não representam nenhum desafio intelectual ao aluno e que não contribuem para o entendimento global do texto"*. De fato, verifica-se que no Ensino Médio o trabalho do professor acaba se restringindo à resolução de questões de provas de concursos passados, sem muito espaço para a reflexão sobre os processos envolvidos na compreensão das ideias do texto. Sob o nome de "interpretação de textos" ou até mesmo "análise de textos", encontram-se questões de análise gramatical, sem se levar em consideração a natureza das questões, ou seja, se elas realmente levariam os alunos a interpretar textos.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), ao propor sequências didáticas para o ensino de gêneros, surge uma possibilidade de trabalho no qual a gramática passa a fazer sentido para o aluno. Cada gênero tem suas marcas linguísticas específicas, ou seja, os recursos linguísticos que serão analisados, estudados e aplicados, em função daquilo que se quer dizer/escrever. Assim, a gramática possibilita ao aluno a "higienização" de seu texto, isto é, o processo de reescrita ou atividade epilinguística, segundo Franchi (2006). Esse tipo de atividade só poderá ser realizado com sucesso se o conhecimento da norma padrão for sólido. Como existe uma finalidade evidente, a ocasião pode se tornar uma oportunidade para que o aluno se interesse em ampliar o domínio da norma padrão.

> O domínio de uma sintaxe mais elaborada não está ligado a um gênero preciso. Ele passa pela compreensão e pela apropriação das regras gerais que dizem respeito à organização da frase e necessita de conhecimentos explícitos sobre o funcionamento da língua nesse nível. Trata-se, portanto, de desenvolver nos alunos capacidades de análise que lhes permitam melhorar esses conhecimentos. Para tanto, é essencial reservar tempo para um ensino específico de gramática, no qual o objeto principal das tarefas de observação e de manipulação é o funcionamento da língua (DOLZ et al, 2005, p. 116).

Segundo Franchi (2006) a crítica que se faz aos estudos de gramática tem sua razão, se analisada a forma como ela é concebida e praticada. O autor também

é contrário a um radicalismo que observamos quando se fala em tradição, dado que não se deve apenas criticar o que encontramos em nossos livros didáticos. Seu conteúdo é fruto da História da língua, que se acumulou e chegou até os dias de hoje.

> Trata-se de uma tradição (num sentido quase mecânico de tradição) que foi acumulando e catalogando questões, problemas soluções específicas, definições: um baú de guardados. Alguns trazem marcas de um tempo que vai longe aos Aristóteles e Platões; outros lembram Port-Royal ou Jespersen ou Martinet ou Sapir ou Saussure ou Soares Barbosa ou... Não me entendam como propondo passar um apagador sobre essa tela do tempo: não estou pessoalmente de acordo com uma caracterização da prática científica em termos de "revolução". Por isso, evito um mal-entendido dizendo logo que se devem valorizar as instituições de tanta gente inteligente nesses séculos de estudo sobre a linguagem: muitos linguistas contemporâneos buscam filiar seus conceitos modernos e sem pai nessa maravilhosa tradição (agora em um sentido cultural de tradição) como a dizer que decididamente não existe nada de novo sob o sol.(FRANCHI, 2006, p.51)

Ainda segundo Franchi (*op.cit*), o que falta é uma reflexão sobre o que se está fazendo quando se ensina gramática da forma como ensinamos. Machado (1996) também faz essa reflexão, com relação aos gêneros, observando que o professor deve estar consciente das várias formas de gêneros para contribuir com o ensino/aprendizagem, consideradas, muitas vezes, artificiais, pois não correspondem à situação real de comunicação.

Para Lopes Rossi (2002), as condições de produção na escola são consideradas artificiais, pois, em primeiro lugar, a situação para a escrita da redação não é verdadeira, apenas criada para cumprir um determinado planejamento. Em segundo lugar, o aluno reproduz um "discurso da escola", mais preocupado em agradar à sua 'banca', ou seja, seu professor. Além desses dois fatores, há a falta de um objetivo real: o aluno escreve para obter nota e ser lido pelo professor, que, infelizmente, não avalia as várias etapas dos textos produzidos, bem como as reescritas. Por último, o professor se torna um mero corretor da produção, apenas observando a versão final e atribuindo uma nota ao aluno.

De fato, embora os PCN deixem claro que o curso de Língua Portuguesa deva ser baseado no estudo dos gêneros, ainda há uma série de elementos que impedem essa ação, como os vários conteúdos e o tempo escasso. Reconhecendo os impedimentos, devem ser escolhidos alguns gêneros que sejam adequados à programação da escola e ao espaço de tempo disponível ao longo do ano escolar.

2.6 Metodologia

A teoria que defende a sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004) embasou a estratégia das aulas para a produção de resenha crítica.

O gênero selecionado para compor um dos textos do *Diário Cultural* foi a resenha de 'A Metamorfose', de Franz Kafka, dado que a Instituição é uma das integrantes do Programa IB[5] que, além da lista das obras obrigatórias para ingresso nas principais universidades, estuda também uma lista composta por um cânone da Literatura Mundial, da qual foi selecionada a obra de Kafka para alunos da 1ª. série do Ensino Médio.

2.6.1 O tratamento do *corpus*

Serão comparadas as duas turmas (A e B) com relação à utilização (ou não) da sequência didática com vistas ao desenvolvimento do gênero resenha crítica na 1ª série- Ensino Médio. Para a análise, foram escolhidas as produções de três alunos de cada turma com seus respectivos textos. A turma "A" não teve aplicada a sequência didática formulada pela professora, apenas utilizou o material didático adotado pela Instituição de Ensino. Já à turma "B" foi apresentada a sequência didática com 14 (quatorze) aulas. Uma outra aula ocorreu um ano depois, com o intuito de observar o quanto os alunos [realmente] depreenderam da sequência. No entanto, essa retomada após um ano foi feita apenas com a turma que trabalhou a sequência didática, doravante chamada de SD. A noção de SD utilizada para esta pesquisa, como já foi dito, é baseada na estabelecida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

---

[5] O IB Diploma é um programa internacional bilíngue incorporado ao Ensino Médio que traz as práticas pedagógicas de vários países. Estudantes do programa IB são mundialmente reconhecidos porque desenvolvem um alto grau de maturidade e autonomia, o que os coloca em boas condições para lidar com os desafios presentes no ensino superior e na vida profissional. São conhecidos por desenvolverem atitude crítica e ativa perante as questões sociais locais e globais, por se destacarem em sua atuação, pelo seu comprometimento e atitude

2.6.2 Foco da análise nas produções textuais

Para a análise, foram escolhidos quatro itens considerados importantes que foram objetos de ensino durante a sequência didática:

- Plano global de uma resenha prototípica;
- Mecanismos de conexão: uso dos organizadores textuais;
- Manifestação da autoria (agenciamento);
- Utilização das análises da obra kafkiana feitas durante a aula de Literatura.

socialmente responsáveis e por valorizarem a aprendizagem ao longo da vida. Exatamente por isso tornam-se bem recebidos pelas mais importantes universidades do mundo. (texto retirado do site da Instituição pesquisada)

Aula de português

‘A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.’

(C. Drummond de Andrade)

CAPÍTULO 3 - O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Neste capítulo será explicitada a organização de sequência didática para os gêneros textuais proposta por Dolz e Schneuwly, cujo modelo é seguido na pesquisa inserida neste trabalho. Também será descrita a sequência didática do gênero *resenha crítica* para alunos da 1ª. série do Ensino Médio, assim como as justificativas para a escolha deste gênero. Para efeito de comparação, a organização estabelecida pelo material didático da instituição pesquisada também será descrita. O contexto da produção destas resenhas será esmiuçado durante o capítulo.

3.1 A proposta de sequência didática de Dolz e Schneuwly

Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004) observam que, para obter êxito no ensino da oralidade e da escrita de um gênero, alguns cuidados devem ser tomados, como centrar-se nas dimensões seja do oral seja da escrita. Devem ser oferecidos exemplos para que os alunos possam inspirar-se e produzir; os materiais devem ser modulares para que sejam observadas, de forma minuciosa, as etapas do processo. O trabalho deve também favorecer os projetos de classe.

> Uma proposta como essa tem sentido quando se inscreve num ambiente escolar no qual múltiplas ocasiões de escrita e de fala são oferecidas aos alunos, sem que cada produção se transforme, necessariamente, num objeto de ensino sistemático. Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades e expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (DOLZ, SCHNEUWLY e NOVERRAZ, 2004, p.96)

Os autores apontam um procedimento estratégico para o trabalho em sala de aula: a sequência didática, que vem a ser um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral e escrito” (op. cit.p.97). Dolz e Schneuwly tratam os textos como gêneros de textos e observam que o contexto é fundamental para adequar a forma de se comunicar. Mais uma vez, os gêneros são analisados pelo viés social, isto é, pela necessidade de interação decorrente da situação de comunicação.

Os autores afirmam que dentre os gêneros que são utilizados para falar e/ou escrever, existem aqueles que são mais interessantes à escola, como contos, artigos de opinião e resenha crítica. Tais gêneros, considerados secundários segundo Bakhtin (2011), devem ser responsabilidade da escola, num processo mediado pelo professor. A sequência didática tem por objetivo auxiliar o aluno a ter o domínio dessas práticas discursivas: “as sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis” sem o emprego dessa estratégia. (op.cit.p.98)

Machado (1996), ao afirmar, a partir das constatações de Bakhtin, que a escola tem o papel de colocar os alunos em contato com os gêneros secundários, observa que

> quanto mais consciente estiver o professor dessas formas de organização, mais condições ele terá de efetuar essa mediação e maior poderá ser o sucesso no ensino/aprendizagem dos diferentes gêneros, cabendo aos analistas de discurso trazer as contribuições necessárias para essa conscientização. (MACHADO, 1996, p.139)

Retomando Bakhtin em *A estética da Criação verbal* (2011), Schneuwly (2004), trata dos conceitos de gêneros primários e secundários

> Aqui é de especial importância atentar para a diferença entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos)-não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva primária.(BAKHTIN, 2011, p.263)

Como já foi citado em capítulo anterior, o gênero primário é oriundo da comunicação verbal gerada na espontaneidade. O outro é a forma mais complexa, que aparece em novas situações, com padrões de organização e marcas linguísticas relativamente fixas. Os gêneros primários são considerados a base para a criação dos gêneros secundários. No caso destes últimos, deve-se considerar que as operações mais complexas não podem ser internalizadas de uma só vez; ao contrário, exigem gradual exercitação. O processo, portanto, deve ser feito na escola; o aprendizado escolar pode (e deve) trazer as novas situações de comunicação e propiciar o conhecimento/ domínio de novos gêneros.

De acordo com Dolz e Schneuwly, a estrutura da sequência didática pode ser representada da seguinte forma:

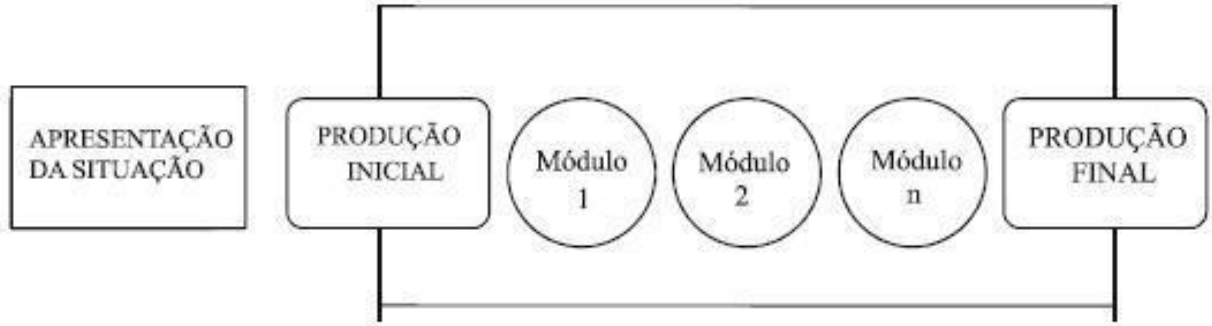


Figura1: Esquema de sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ: SCHNEUWLY, 2004, p.98)

Para dar início à sequência didática, deve-se apresentar a situação, isto é, o desafio ao qual o aluno será exposto. Esse primeiro momento também é importante porque permite ao professor avaliar, mesmo que superficialmente, o que a classe sabe sobre o gênero abordado, pois o aluno poderá elaborar o primeiro texto.

Tal apresentação da situação equivale a propor aos alunos, de maneira bem explícita, o que será cobrado posteriormente, na última produção. Neste caso, o aluno deve saber qual é o gênero, ler um ou mais exemplos dele e atentar ao contexto de produção, isto é: público-alvo, tema, finalidade, além de observar suas características e marcas linguísticas.

Também é neste momento que se debate o tema e se levanta o conteúdo, isto é, aquilo que se julga importante de ser explicitado no texto. No caso de gênero polêmico, por exemplo, uma carta de leitor, as posições contrária e favorável devem ser debatidas e confrontadas antes da escrita. Se for um conto, elementos como tempo, espaço e personagens devem ser elucidados e comentados. Mesmo que a situação de comunicação seja próxima de uma situação real, na verdade, tudo se passa no contexto escolar, o que imprime certa artificialidade ao gênero. Deve-se deixar claro que o objetivo é progredir, adquirir conhecimentos, ampliando repertório para a elaboração de textos.

Após a apresentação do gênero, os alunos dedicam-se à primeira produção e o professor descobre o quanto eles conhecem (ou não) o gênero em estudo. No entanto, como previnem os autores, esses primeiros textos não representam situações de insucesso: mesmo que não consigam atender a todas as características, os alunos ainda serão capazes de corresponder à situação dada. Essa primeira produção dá ao professor subsídios para que se possam organizar atividades que objetivem suprir as dificuldades e fragilidades encontradas por ele, no momento da correção, e é a partir dessa constatação que se programam os módulos.

3.2 O gênero resenha crítica

A resenha é considerada o gênero discursivo mais solicitado nas academias e Na esfera da divulgação das artes, como teatro, cinema e literatura. Exige-se, nestes textos, que haja informações sobre conteúdo, contexto da obra e análise crítica do resenhista. Por isso, tal gênero também é chamado de resenha crítica e, para este trabalho, o comentário feito pelos alunos é considerado o mais importante, dado que é uma forma de observar como se posicionam em relação às obras escolhidas, assim como avaliam as resenhas lidas frequentemente.

Para Andrade (2009), a resenha possui alguns pontos importantes como adequação à linguagem e aos seus interlocutores, saber se posicionar de forma crítica, conhecer totalmente o texto resenhado, utilizar verbos apropriados e escolher organizadores textuais. O aluno deve perceber que a resenha diferencia-se do resumo pela parte crítica que a caracteriza, que os pontos mais relevantes e curiosos devem ser mostrados, sem esquecer-se de que o interlocutor não leu ou ouviu a obra resenhada.

O que é comumente observado é a ideia de que o gênero resenha crítica é importante para o aluno que já ingressou no meio acadêmico. De certa forma, é verdade que grande parte das atividades da academia se traduz por meio da resenha, já que seu domínio reflete as habilidades de leitura e escrita. No entanto, não é somente na universidade que o aluno deve ter contato com o gênero. Em sua trajetória no Ensino Básico, o educando deve ter o costume de assumir uma posição crítica acerca de livros e textos, a fim de construir sua argumentação.

Machado (2004b) observa que o resumo tem como principal objetivo apresentar o texto de origem por meio de informações reelaboradas, utilizando-se de linguagem neutra, considerada distante do texto de origem, e tem como principais habilidades requeridas: selecionar ideias centrais, sumarizar, reconstruir e parafrasear.

A resenha apresenta o tema e, vai além do resumo: avalia o texto de origem, por meio de informações reelaboradas e articuladas à avaliação, sua linguagem pode demonstrar distanciamento ou aproximação com o texto original. Selecionar ideias centrais, sumarizar, reconstruir, delimitar a autoria e argumentar são as habilidades requeridas no gênero resenha.

Embora seja de extrema importância, pois é um gênero que possibilita a reflexão sobre a própria leitura, as escolas nem sempre dão atenção à resenha. Na maioria das vezes, o que vemos é um trabalho maior com a dissertação, dado que os vestibulares no Brasil têm, em sua maioria, o texto dissertativo-argumentativo para avaliar a escrita do alunado.

A revista *Língua* (2007) trouxe um artigo ("Como se faz uma resenha", de Geraldo de Galvão Ferraz) para explicar como fazer uma síntese juntamente com uma boa argumentação. Assim como o articulista coloca, é a sínteses e comentário sobre uma obra artística, que também podem abranger críticas sobre livros técnicos, científicos ou filosóficos.

> O objetivo da resenha, geralmente, é hoje divulgar o fato cultural e servir ao seu leitor como uma bússola em meio à produção cada vez maior da indústria cultural. Quem entra numa megalivraria abarrotada de ofertas, tende a sentir-se mais confortável se já leu uma resenha a respeito de tal ou tal livro. (*Revista Língua*, 2007, p.38)

Para Motta-Roth (2001), a produção da resenha acaba sendo para os escritores inexperientes, que neste caso são os alunos da 1ª. série do Ensino Médio, um modo de se iniciar no mundo acadêmico.

O gênero resenha traz diferentes conceitos conforme os autores que tratam do gênero. Platão e Fiorin (2000) observam que a resenha pode ser dividida em *descritiva,* que se constitui pela síntese de uma obra ou em *crítica, que é a síntese juntamente com sua crítica.* Como o objetivo principal desta pesquisa é orientar o aluno para que ele possa argumentar, dado que é uma necessidade para prosseguimento dos estudos, o curso não se deteve em resenha *descritiva*.

Ainda como salienta Motta-Roth (2001), afirma-se que o gênero é informativo e avaliativo, isto é, apresenta sequências descritivas e argumentativas, e avaliar acaba sendo sua principal função principal. O que se observa nesta pesquisa é a dificuldade que os alunos tem de criticar a obra analisada. Percebe-se uma facilidade em descrever, mas a argumentação constitui um obstáculo para o êxito. Um exemplo é a resenha inicial do aluno 3A (analisada adiante), que faz três parágrafos de descrição, resumindo a obra, e apenas dois parágrafos de argumentação, bastante incompleta.

3.3 A Intertextualidade

Segundo Bazerman (2011), define-se como *intertextualidade* 'a relação que cada texto estabelece com os outros textos à sua volta' (p.88) ou ainda 'as relações explícitas e implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os textos que lhe são antecedentes, contemporâneos ou futuros' (p.92). Para o autor, observar os níveis de intertextualidade pode ajudar a distinguir as formas como os personagens são inseridos nos textos e como os escritores 'posicionam a si mesmos dentro desses mundos de múltiplos textos.' (p.89). Para o presente trabalho, a análise dos níveis de intertextualidade torna-se necessária, pois, como o próprio autor nos diz, pode auxiliar no reconhecimento das formas como os alunos interagem com seus textos, assim como o que já aprenderam e carece de aprofundamento.

> Talvez queiramos observar como os alunos, através de seus trabalhos escritos, expressam seus conhecimentos sobre o que estão aprendendo em Biologia. Talvez desejemos compreender que técnicas são necessárias para que os alunos sejam capazes de refletir de forma crítica e inteligente sobre o que estão lendo em História. Ou ainda talvez tenhamos vontade de perceber como os alunos aprendem a escrever seus argumentos, desenvolvendo-os a partir do conhecimento disponível mais adequado. (BAZERMAN, 2011, p.88).

A realização do trabalho com as resenhas dos alunos aponta que a intertextualidade é oriunda da atividade de retextualização, isto é, da transformação em outro gênero, mantendo-se a base informacional (MARCUSCHI, 2001). No momento em que o aluno realiza sua produção, permite que o professor verifique o

que realmente foi compreendido – e transposto - dos elementos trabalhados em sala de aula.

Neste caso, a análise da intertextualidade nas resenhas produzidas pelos alunos é centrada na forma como argumentam acerca dos temas escolhidos e na verificação de quais os conhecimentos são mobilizados por eles. Não se pode esquecer que a intertextualidade é naturalmente ligada aos gêneros considerados acadêmicos (como a resenha) e se relaciona à argumentação de forma obrigatória. Desta forma, a análise da intertextualidade permite mostrar como o produtor se apropriou do texto resenhado.

Bazerman (2011), observa que a intertextualidade proporciona meios para o entendimento de textos anteriores ao produzido e, a partir dessa compreensão, o aluno retoma esses textos lidos anteriormente.

Vale ressaltar que a intertextualidade para o autor não está apenas ligada a outros textos a que a produção faz referência e sim, à forma como os outros textos foram utilizados. Ela evidencia as razões do resenhista e como ele se coloca diante desses textos, que são a fonte de informações e argumentos para que produza sua resenha.

A intertextualidade é inerente ao gênero pesquisado, dado que a resenha é ligada ao propósito de argumentar acerca de um determinado tema e as relações feitas no interior dela devem ser compreendidas pelo público-alvo.

Bazerman apresenta as *técnicas de representação intertextual* (p.94). Dentre as várias técnicas observadas, tem-se primeiramente a *citação direta*, também observada por Koch, mas nomeada por ela como *intertextualidade explícita* (KOCH, 2007).

Outra técnica também observada pelo autor norte-americano é a *citação indireta*, também conhecida por *intertextualidade implícita* (Koch 2007). Diferentemente da citação direta, o produtor exerce uma maior influência no texto de origem. Com isso, o resenhista tem maior liberdade em relação ao texto original do que na citação direta.

Ainda segundo Bazerman, há a *menção a uma pessoa, documento ou declarações,* que permite a retomada implícita e depende de crenças generalizadas, sem ter que evidenciar ou especificar. Há ainda o *comentário ou avaliação acerca de*

uma declaração, texto ou outra voz evocada, isto é, retomar um texto para criticá-lo, como ocorre na resenha.

Há ainda a intertextualidade a partir do *uso de estilos reconhecíveis, de terminologia associada a determinadas pessoas ou grupo de pessoas, ou de documentos jornalísticos*, o que vai depender do “conhecimento de mundo” do leitor.

Outra forma de intertextualidade, de acordo com Bazerman (2011), é o *uso da linguagem e de formas linguísticas que parecem ecoar certos modos de comunicação, discussões entre outras pessoas e tipos de documentos*: “Os gêneros, os tipos de vocabulário (ou registro), as frases feitas e os padrões de expressão podem ser enquadrados nessa técnica”. (p.96)

Assim como as técnicas, Bazerman (2011) também explora os *níveis de intertextualidade*, decorrentes da forma como um determinado texto se apropria de outros. Um texto pode remeter a textos anteriores como fonte de sentidos usada com *valor nominal* sobre o que se escreve. No caso da resenha, os alunos se utilizam, por exemplo, de uma antiga fala atribuída ao Franz Kafka (1883-1924) em que ele diz que as histórias lidas devem doer como um soco no crânio, isto é, o aluno 1B, em sua versão final, retoma a fala do autor da obra resenhada para dar sentido ao seu próprio texto, como pode ser observado abaixo

1B-versão final

O livro de 86 paginas, editado pela companhia das Letras, não seria uma historia que me atrairia a ler. Mesmo sendo muito bem escrito por Kafka, que tem como principio que uma obra só é boa mesmo se te deixar uma ferida ao final dela. Tem seus bons momentos em que o autor faz você pensar, porém para entender realmente a mensagem é necessário uma análise com alguém que entenda do assunto.

Outro nível é a referência a *dramas sociais explícitos.* Os dramas sociais são os confrontos gerados a partir de pontos de vista contrários. Acrescente-se *o uso de declarações como pano de fundo, apoio ou contraposição.* Tal nível também é bastante utilizado na resenha, pois é oriunda da opinião do produtor.

Crenças, *questões*, *ideias e declarações amplamente difundidas,* familiares ao autor do texto, podem ser utilizados, mesmo sem referência explícita. Trata-se concepções largamente difundidas.

Segundo Bazerman, para ilustrar, cada texto tem sua esfera discursiva e as formas linguísticas utilizadas são para identificá-las como parte daquela esfera. Ele dá o exemplo de seu próprio livro, de linguagem reconhecidamente de universo ligado à universidade.

Os conceitos apresentados por Bazerman podem auxiliar a análise das resenhas que serão apresentadas no decorrer deste trabalho. A intertextualidade, ademais, não poderia ser deixada de lado, uma vez que os alunos tiveram aulas de Literatura, Geografia e Artes para que pudessem produzir seus textos e terem mais substância ao criticar as obras escolhidas. É de extrema importância que a professora-pesquisadora verificar esses dados para entender como os alunos interpretam as falas dos mestres e como se utilizam dessas informações.

Para observar como os alunos fizeram uso da intertextualidade, será utilizada, a exemplo da proposta de Bazerman (2006,) um quadro com as informações fornecidas a eles no decorrer da explanação nas aulas de Literatura. Na análise dos textos produzidos no que concerne à intertextualidade serão observados em que autores/informações os produtores se fundamentaram para criticar as obras escolhidas.

Para finalizar, nova observação de Bazerman (2011)

> ...a intertextualidade não é apenas uma questão ligada a que outros textos você se refere, e sim como você os usa, para que você os usa, e, por fim, como você se posiciona enquanto escritor diante deles para elaborar seus próprios argumentos. As pessoas podem desenvolver maneiras sutis e complexas de elaborar as palavras dos outros. Estamos tão familiarizados com essas complexas performances intertextuais que dificilmente as percebemos, (BAZERMAN, 2011, p. 103)

3.4 A leitura, escrita e a sociedade tecnológica

Para a escrita da resenha, faz-se necessário que o aluno compreenda a obra a ser resenhada, além de conhecer o gênero proposto. É neste sentido que Kleiman (1999), no capítulo em que trata da leitura e práticas disciplinares, faz a distinção entre *alfabetização* e *letramento*. O primeiro refere-se apenas ao conhecimento das

letras do alfabeto e a conseguir assinar o próprio nome, concepção, segundo a autora, bastante antiga. Já o *letramento* é a capacidade de usar a escrita, aqui entendida por Kleiman como uma junção entre leitura e produção, no cotidiano, e poder desfrutar dela na leitura de um romance, por exemplo.

As escolas, no geral, defendem a necessidade de formar o 'cidadão crítico', ou seja, aquele que forma uma opinião a partir de seu conhecimento de mundo e age em função da sociedade. O cidadão apenas alfabetizado é destituído desta capacidade e acaba sendo marginalizado por desconhecer o que possibilita a sobrevivência saudável num mundo que se tornou tecnológico, pois só aquele que sabe escrever consegue se integrar nesse meio.

A partir dessa diferenciação, observa-se que a tarefa da escola é muito mais que apenas alfabetizar. Ela deve auxiliar o aluno a desenvolver, permanentemente, as capacidades que possibilitam fazer as conexões necessárias para que haja entendimento das questões que permeiam a sociedade. E não só das questões que estão na sociedade atual, mas também das anteriores. Um exemplo disso é o conhecimento que os alunos deveriam ter acerca do contexto em que se localizava a escravidão no Brasil na leitura de 'Pai contra Mãe', de Machado de Assis. Por isso, a importância da conexão existente entre as diversas disciplinas

> É função da escola formar sujeitos letrados(no sentido pleno da palavra), não apenas sujeitos alfabetizados. A escola está cada vez mais encurralada entre o contexto opressivo da violência, do desemprego, dos desmandos da administração pública(...) Somente quando elaboramos relações significativas entre objetos, fatos e conceitos podemos dizer que aprendemos. As relações entretecem-se, articulam-se em teias, em redes construídas social e individualmente, e em permanente estado de atualização. (KLEIMAN et al., 1999, p.91)

Ainda segundo Kleiman (1999), as práticas de letramento envolvem três tipos de conhecimento: social, prévios e sobre a situação comunicativa. Tais conhecimentos se inter-relacionam e permitem a leitura como uma prática social.

As práticas de letramento podem envolver conhecimentos do tipo *social*, isto é, do hemisfério da identidade profissional, de valores de um determinado grupo. Kleiman mostra como exemplo um historiador que analisa documentos ou um advogado que interpreta uma lei: eles reconhecem seu papel e o vocabulário e o contexto que permeiam suas profissões.

O conhecimento *prévio* de determinado tema ou gênero também configura uma necessidade para o aproveitamento da leitura, assim como da escrita. Neste caso, o aluno, além de conhecer as obras que deveriam ser analisadas durante a sequência didática, também deveria saber diferenciar o resumo de uma resenha, por exemplo. Saber que a *resenha* é dirigida a um determinado grupo que tem como expectativa ler uma crítica de determinada obra mostra que o autor deve ter, de antemão, conhecimento prévio do gênero discursivo e do contexto da obra. O leitor, por sua vez, deve ler uma resenha, se tiver a necessidade de conhecer a crítica sobre a obra. Portanto, reconhecer a função da resenha é importante para o leitor e para o escritor.

Koch (2009), ao tratar do texto escrito, observa que

> (...) a coprodução se resume à consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Nele, a dialogicidade constitui-se numa relação 'ideal', em que o escritor leva em conta a perspectiva do leitor, ou seja, dialoga com determinado (tipo de) leitor, cujas respostas e reações ele prevê. (KOCH et al, 2009, p.13)

A questão do distanciamento entre leitor e escritor deve ser levada em consideração ao se escrever a resenha, dado que o autor prevê, por exemplo, que o leitor tem interesse pelo filme ou obra analisada, mas ainda não houve contato com a obra. Por isso, como colocou Koch, a dialogicidade ocorre, de forma 'ideal', isto é, o autor reconhece a expectativa do leitor e seu texto tenta atender a essa expectativa. Portanto, há a necessidade do conhecimento prévio, como observa Kleiman, que permite a facilitação da comunicação.

Em terceiro lugar há o conhecimento da *situação comunicativa,* determinado pelo contexto em que o discurso é produzido. Neste caso, Kleiman exemplifica a partir de um assalto: tal episódio pode ser relatado como um boletim de ocorrência, uma anedota, parte pertencente a um diário pessoal ou até mesmo como um "causo", contado numa roda de amigos. A escolha do gênero fica condicionada à situação de comunicação.

Assim como Kleiman (1999), Bazerman (2007) também observa que o desenvolvimento da linguagem está ligado ao desenvolvimento do indivíduo como ser social

> O desenvolvimento da linguagem está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do indivíduo como ser social, aos seus relacionamentos e cooperação com outras pessoas, aos seus sentimentos de segurança e ansiedade, à totalidade de suas emoções, à sua proximidade e distanciamento em relação aos outros e à sua consciência de si e dos outros. (BAZERMAN, 2007, p.110)

Por isso, a linguagem (e aqui se incluem práticas de leitura e escrita) precisa ser explorada não só pelos professores de língua materna, mas por todas as disciplinas, pois (...) *pressupõe-se que a leitura é assunto de professor de português, mas se aceitamos a perspectiva dos estudos do letramento, este não é o caso, pois cada grupo socioprofissional desenvolve suas próprias práticas sociais de uso da escrita.* (KLEIMAN et al., 1999, p.98).

É a partir dessa colocação de Kleiman que se percebe a necessidade de um trabalho em conjunto com os professores das várias áreas do conhecimento. Por isso, neste trabalho foi de extrema importância unir Literatura, Língua Portuguesa, Produção Textual, História e Geografia. Cada disciplina contextualizou a sua parte para possibilitar ao aluno uma visão das inter-relações existentes, processo que facilitou a execução da sequência didática do gênero resenha.

Dessa forma, não se pode falar em leitura sem falar em escrita. Segundo Orlandi et al (1985) não se pode dizer que o bom leitor escreve bem ou que o bom escritor é necessariamente um bom leitor, mas a leitura é uma boa maneira de se aprender a escrever, ou seja, é um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita. Neste caso, a autora observa que há três aspectos que devem ser levados em consideração na relação leitura/escrita nos espaço escolar: a leitura fornece o repertório para a escrita; a leitura pode contribuir para a construção de modelos e a leitura coloca o leitor em contato cm os procedimentos internos do texto, por exemplo, no modo como utilizará as conjunções ou como colocará as palavras na frase.

A autora também se pergunta, se um suposto resumo mal feito, pedido em sala de aula, resultaria de um mau entendimento da forma do gênero ou seria reflexo de uma má leitura. A questão levantada também pode ser válida para o trabalho aqui desenvolvido. No caso da resenha, o resenhista pode entender a obra que deve ser resenhada, mas sentir dificuldades em criticá-la. Daí, pode-se observar que o problema não está numa má leitura, mas na dificuldade em seguir as características do gênero.

Não se pode esquecer, no entanto, embora não seja o foco do trabalho, que os alunos do século XXI têm mais interesse pela Internet e pela televisão do que propriamente pela leitura de livros. E este é um dos nossos principais desafios: chamar a atenção dos nossos alunos para o texto literário e para o fato de que ele poderá contribuir na sua formação.

Para Dufour, filósofo e psicanalista da atualidade, autor da obra "*A arte de reduzir as cabeças*" o homem é um ser de linguagem e, dessa forma, qualquer nova prática de linguagem proporcionará profundas mudanças. Se na época do Renascimento o livro veio ao encontro da necessidade das formas de simbolização, tanto no plano cultural quanto nos efeitos sobre o ser, a TV, muitos séculos depois, veio mostrar suas "consequências para a função simbólica e para as formas de simbolização", dado que na leitura de um livro, tem-se a capacidade de imaginar e na TV, aquilo que poderia ser imaginado já está posto, concretizado. Haja vista que muitos de nossos alunos, ao assistirem a um filme que tenha se originado de um livro se decepcionam, pois a fantasia criada pelos símbolos não é a mesma.

> ...conhecem-se as controvérsias que surgem a partir do momento em que um cineasta propõe-se rodar a adaptação de uma obra literária: como ninguém, nenhum leitor "viu" a mesma coisa, todo mundo protesta pelo escândalo e pela traição. (DUFOUR, 2005, p.125)

Ainda segundo Dufour, a *dessimbolização* acaba produzindo um "sujeito precário, acrítico e psicotizante" (Dufour, 2005, 19-20), isto é, um sujeito facilmente influenciável, público-alvo das conexões mercadológicas, caracterizando-se por uma sociedade neoliberal, que fez desaparecer as resistências dos movimentos observados nos séculos XIX e XX pela ultrapassagem do capitalismo.

Depois da TV, a Internet aparece como mais uma nova forma de linguagem e traz grandes transformações nos modos de relacionamento e de interação social. O que se observa com grande frequência é que tal recurso poderia ser um fator de coletivização, dado que a comunicação é feita em larga escala. No entanto, é bem diferente: pais e alunos, a todo o momento, estão interagindo mais com os computadores que entre si, mais fascinados por TVs 3D que por um livro, mais preocupados com suas reuniões via Skype, com suas anotações no *I Pad* e se esquecem de contar uma história para o filho dormir ou ler para ele, por exemplo.

> Com efeito, sabe-se quanto a transmissão de narrativas foi por todo o sempre um meio utilizado pela geração dos pais para a formação da geração seguinte. Transmitir uma narrativa é, com efeito, transmitir conteúdos, crenças, nomes próprios, genealogias, ritos, obrigações, saberes, relações sociais... mas é também e antes de tudo transmitir o dom da palavra. (DUFOUR, 2005, p. 128)

Se não há uma capacidade de presentificar o que se lê ou o que se ouve, não há imaginação, simbolização. A TV traz aquilo que deveria ser simbólico para o concreto, não dando a chance de o sujeito conseguir manifestar seus sentimentos, seus sonhos. É salutar que o sujeito tenha, em vários momentos do dia, a fruição da imaginação, a fuga da realidade.

> ...a audição de um contador de histórias ou a leitura de um romance desencadeia uma atividade psíquica durante a qual o ouvinte e o leitor cria imagens mentais das quais ele se torna, de qualquer modo, o primeiro espectador. (DUFOUR, 2005, p.124)

O acesso a esse universo simbólico é extremamente importante, pois distingue o homem do animal, dado que os animais não têm a capacidade de presentificar o que está no seu futuro ou no seu passado. O homem pode falar e interagir, além de pensar (ou pensar) no que ocorrerá. Um exemplo disso é ver pessoas falando sozinhas nas ruas. Elas simplesmente estão imaginando como deverão se comportar (ou como deveriam se comportar) em determinadas situações que virão ou que já passaram.

As aulas de Literatura, para serem produtivas, dependem da função simbólica do aluno. Ao ler um conto de Machado de Assis, além de contextualizar tempo-espaço, tem-se a necessidade de se colocar no lugar das personagens. Tal ação está, nos dias atuais, se tornando difícil, dado que os alunos têm dificuldades para imaginar a situação. Embora a comunicação entre os colegas seja feita, no momento em que se pede para que algo seja narrado, percebe-se que eles “não escutam mais”, talvez, por isso estejam perdendo a capacidade de “falar”. O discurso se torna ineficiente e a criatividade também. Como diria Dufour, “A palavra e a escrita estão, pois, ligadas: falar nos provoca a escrever e escrever nos conduz à borda do centro enigmático da linguagem.” (p.135)

Como pouco escutam, pouco falam e menos escrevem. É esse o cenário que se tem ao se deparar com as produções escritas dos alunos. Os professores reclamam de que falta conteúdo, argumentação e conhecimento de mundo.

Realmente, os textos aparecem de forma bastante precária. E não é a falta de informação, mas saber o que fazer com ela no momento certo.

Segundo Emília Pedro, muito do que se encontra nos discursos está ligado à história de vida dos seres que falam e escutam. Portanto, se temos alunos que não interagem no discurso, temos pouca narratividade envolvida. É bastante comum sabermos que há adolescentes que simplesmente não veem os pais ou quando estão junto a eles, não há interação. Em muitos carros, parados no trânsito, há pais nos seus I Phones, assim como seus filhos. Não há uma conversa, um diálogo. Inclusive, há a perda do papel social dos pais, dado que uma de suas funções é escutar/perceber problemas de seus filhos.

> (...) a dimensão psicológica, a constituição dos indivíduos como sujeitos sociais, é entendida como um aspecto do social, tal como as estruturas cognitivas. Ou seja, considera-se que as subjetividades particulares dos falantes/ouvintes ou dos escritores/leitores são resultantes das estruturas e processos sociais que formaram as suas <histórias> e nas quais eles estão localizados (PEDRO, 1998, p.27)[6]

No que tange à leitura e à escrita, Nocchi (2009) observa

> Tomando como referência o ensino da escrita, no que tange à leitura, deve-se buscar estratégias que a incorporem de maneira natural ao cotidiano dos alunos sem causar estranheza, muito menos repulsa. É importante refletir e planejar processos de aprendizagem que devem ser promovidos na infância e na adolescência para que o indivíduo faça da leitura um ato que tenha sentido e seja incorporado á sua vida. A leitura, além de estímulo, precisa de aprimoramento. (NOCCHI, 2009, p. 268)

Fica evidente que a leitura e a escrita devem ser incorporadas à vida e ao cotidiano do indivíduo. A escola, como coloca Kleiman, deve contribuir para que o aluno faça as conexões necessárias para entender as questões da sociedade e estende-las às atividades de leitor e produtor de textos.

---

[6] Neste texto, Emília Ribeiro Pedro introduz o modelo da Análise Crítica do Discurso, em que observa os aspectos teóricos, metodológicos e analíticos da teoria, guiada por Fairclough e Teun Van Dijk

3.5 Proposta de sequência didática do gênero resenha crítica no Ensino Médio

A resenha crítica foi escolhida para este trabalho porque, segundo Bakhtin (2011), a resenha é considerada um gênero secundário, relativamente complexo, que necessita ser trabalhado pela escola.

Estabeleceu-se como *corpus* da pesquisa da *turma A* (que participou da sequência didática): resenhas sobre: 1) *A Metamorfose,* de Franz Kafka, Ed.Companhia das Letras e sua posterior reescrita ao final da sequência didática; 2) conto de Machado de Assis *Pai contra mãe;*3) filme *Sociedade dos Poetas Mortos, de* Peter Weir; 4) uma última resenha escrita a partir de comparação entre o Romantismo literário e um seriado ou filme moderno (na série seguinte).

Na *turma B*, que não participariam da sequência didática proposta pela professora, os alunos leram sobre o gênero e analisaram dois exemplos, a partir do filme de Arnaldo Jabor, *A suprema felicidade.* Posteriormente, produziram uma resenha que, segundo as orientações do material didático, seria feita em grupo. No entanto, a professora preferiu a produção individual, a fim de orientar cada um dos alunos quanto às dificuldades advindas do gênero. O procedimento proposto pela apostila não sugeria reescrita, mas ela foi feita a partir de orientações dadas pela professora. Portanto, para a turma B, foram realizadas apenas duas produções ambas sobre inicial e sua reescrita a partir da obra “A Metamorfose”.

Conforme Dolz e Schneuwly (2004), a sequência didática tem a seguinte estrutura: *produção inicial*; *módulos* de trabalho a partir das dificuldades dos alunos e *produção final*. A sequência didática para a pesquisa na sala da 1ª. série do Ensino Médio foi composta por módulos de exercícios, tanto orais quanto escritos e produções de outras resenhas. Abaixo, figura um quadro de três entradas que resume a sequência.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA RESENHA CRÍTICA

Aulas	Objetivo	Atividades
Aulas 1 e 2	Análise da obra "A Metamorfose", de Franz Kafka, previamente lida pelos alunos.	- Contextualização da obra a "Metamorfose", de Franz Kafka nas aulas de Literatura
Aulas 3 e 4	Primeiro contato com o gênero resenha-Produção inicial. Levantamento dos conhecimentos prévios. (Segundo Dolz, Schneuwly e Noverraz 2004, na apresentação da situação, a tarefa é descrita de maneira detalhada.)	- Contextualização do gênero resenha. - Leitura das resenhas sobre o filme "*A suprema felicidade*", de Arnaldo Jabor. - Escrita da resenha crítica sobre "A Metamorfose", de F. Kafka – para o *Diário Cultural.*
Aula 5	Segunda produção- a partir do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis	- Escrita da resenha sobre o conto "*Pai contra Mãe*", de Machado de Assis. Os alunos assistiram ao filme "Quanto vale ou é por quilo?", de Sérgio Bianchi, nas aulas de História. Foi dito aos alunos que essa era apenas uma resenha para "treinamento", mas não iria para o *Diário*.
Aula 6	Reconhecimento da situação de produção da resenha crítica; proposta da criação do "Diário Cultural"; Pesquisa via Internet de resenhas sobre filmes/shows/seriados.	- Módulo 1: leitura das resenhas pesquisadas para conhecer exemplos do gênero. - Discussão acerca do público-alvo: para quem se escreve? Com qual objetivo?
Aula 7	Reconhecimento do público-alvo, lugar de produção do autor da resenha, objetivos da resenha.	Módulo 2: exercícios criados a partir dos exemplos dados por Machado (2008). A professora escolheu três resenhas para análise da organização estrutural. - Discussão sobre as opiniões emitidas nos textos.
Aula 8	Criação da grade de correção da resenha crítica (tarefa coletiva).	Módulo 3- leitura coletiva de duas resenhas produzidas pelos alunos sobre "A Metamorfose", de F. Kafka e levantamento da grade de correção, levando em conta as resenhas apresentadas na aula 3.

Aula 9	A expressão da subjetividade do autor da resenha: marcas de agenciamento (autoria).	Módulo 4- A partir das resenhas encontradas pelos alunos na Internet, observar uso de adjetivos e expressões avaliativas. - Resenha "Pai contra mãe"- análise de texto do colega: observar adjetivos e expressões avaliativas.
Aula 10	Formas de argumentar e utilização dos organizadores textuais	Módulo 5- Discussão das formas de avaliar um texto a partir das resenhas contidas no módulo 2
Aulas 11, 12 e 13	Filme: *Sociedade dos Poetas Mortos*, de Peter Weir	Módulo 6- Resenhas acerca do filme "Sociedade dos Poetas Mortos- para o Diário Cultural.
Aula 14	Produção final	Retomada do texto inicial para reescrita- "A metamorfose", de Franz Kafka.
NA SÉRIE SEGUINTE: **Aula 15 (retomada posterior à realização da sequência, um ano depois)**	**NA SÉRIE SEGUINTE:** O Romantismo e a atualidade	**NA SÉRIE SEGUINTE:** Produção de uma resenha: comparação entre os romances românticos e os filmes/seriados "românticos" da atualidade.

Quadro 1-Sequência didática para o gênero resenha crítica

3.6. Descrição das oficinas

Tais oficinas ocorreram em ambas as turmas, mas em momentos diferentes. Para fins de pesquisa, a turma A participou antes da sequência didática. Após as análises, o grupo B também teve a oportunidade de conhecer a sequência didática.

Oficinas 1 e 2: Análise de "A Metamorfose, de Franz Kafka nas aulas de Literatura –
Duração: (3 aulas)

Nos primeiros encontros, a professora se preocupou em trazer subsídios para a argumentação dos alunos a partir da análise de "*A Metamorfose*", de Franz Kafka. As aulas de Literatura se voltaram para a vida e obra do autor tcheco e o contexto no qual foi escrita a obra que deverá ser resenhada. Os itens trabalhados nas aulas para que os alunos enriquecessem seu repertório serão detalhados logo abaixo, no quadro de número 2.

Oficinas 3 e 4: Levantamento do conhecimento prévio dos alunos e leitura/ escrita de resenha crítica
Duração: (3 aulas)

Nas aulas 2 e 3, a professora conversou com os alunos para levantar as questões com relação ao gênero resenha, ou seja, o que tinham como conhecimento prévio. Foram lidas as produções contidas no material didático acerca do filme de Arnaldo Jabor "A suprema felicidade". Havia duas resenhas: uma considerada positiva e outra, negativa. Nesse momento, os alunos puderam perceber que, para defender uma opinião, é necessário apresentar argumentos, exemplos, fazer comparação com outras obras. Não basta apenas gostar ou não gostar, mas é preciso fundamentar a opinião expressa. Além disso, discutiu-se o papel social do gênero proposto, isto é, sua finalidade. Os alunos observaram que a resenha prepara/antecipa os futuros leitores acerca da obra comentada. Foi solicitado aos alunos que escrevessem uma resenha acerca de "A Metamorfose", de Franz Kafka, obra lida durante o trimestre nas aulas de Literatura.

Oficina 5: Segunda Produção – resenha de "Pai contra mãe", de Machado de Assis.
Duração: (2 aulas)

Os alunos produziram uma resenha sobre o conto "Pai contra Mãe", de Machado de Assis, também lido nas aulas de Literatura. Antes disso, relembraram as orientações para a elaboração do Diário Cultural, isto é: trata-se de textos dirigido aos alunos do Ensino Médio e, eventualmente pode ser lido por pais e professores. Ou seja: foi esclarecido o interlocutor para o qual o texto seria dirigido.

Oficina 6: Reconhecimento da situação de produção da resenha crítica-proposta da criação do "Diário Cultural"
Duração: (2 aulas)

Essa oficina foi dedicada a uma pesquisa acerca de resenhas de filmes apreciados pelos alunos. Na Internet, puderam escolher resenhas e lê-las para os colegas. Essa atividade promoveu a parte oral da sequência e possibilitou a exposição de opiniões, a oportunidade de comentar as ideias dos colegas. Os alunos se entusiasmaram e, empolgados pelas atividades, procuraram *traillers* de seus filmes preferidos para mostrar aos colegas e professores.

Oficina 7: Reconhecimento do público-alvo, lugar de produção, objetivos da resenha
Duração: (2 aulas)

A sétima atividade foi dedicada a exercícios criados a partir dos exemplos dados por Machado (2008). Foram escolhidas seis resenhas para análise coletiva da organização estrutural, procedimento feito na lousa eletrônica. Durante a leitura das resenhas, os alunos tiveram a oportunidade de discutir as opiniões nelas presentes.

Oficinas 8 e 9: Criação da grade de correção da resenha crítica (tarefa coletiva) e análise de texto do colega a fim de observar as expressões avaliativas.
Duração: (1 aula)

Nesta fase, ocorreu a leitura coletiva de duas resenhas produzidas pelos alunos a partir de "A Metamorfose". Foram escolhidas uma resenha considerada boa e outra, problemática. Após a leitura, fez-se o levantamento da grade de correção,

levando também em consideração as resenhas apresentadas na aula 3. Nessa grade foram observadas, por exemplo, as seguintes características: 1) o plano global de uma resenha prototípica; 2) a presença de informações como autor, título; 3) resumo/síntese da obra; 4) argumentos e juízos de valor a partir da avaliação da obra; 5) a preocupação com o contexto se faz também necessária, dado que ajuda o leitor a situar a obra no conjunto maior a que ela pertence.

Machado (2008) observa alguns elementos que não podem ser deixados de lado na resenha como **plano global**, **organizadores textuais** e a **expressão da subjetividade** do autor, isto é, modos de expressar a opinião, geralmente por meio de **adjetivos valorativos**. Tais categorias foram consideradas na análise dos textos escolhidos para a análise.

Além disso, os alunos leram os textos dos colegas, a fim de fazer sugestões e observar os adjetivos e palavras valorativas pertencentes à obra “A Metamorfose”.

Oficina 10: Formas de argumentar
Duração: (1 aula)

A oficina 10 foi dedicada às formas de argumentar. Houve uma discussão em sala sobre as formas de avaliar um texto a partir das resenhas contidas no módulo 2. Foi enfatizada a necessidade de um resumo da obra analisada e também de apresentar uma opinião sustentada por argumentos, além de ser observada a utilização dos organizadores textuais como forma de argumentar. Observaram, por exemplo, a utilização de conectivos como “mas, porém, contudo, portanto”, que já haviam sido explorados nas aulas de Língua Portuguesa do ano anterior. Não se falou em coesão e coerência, assuntos que seriam tratados nos trimestres seguintes, mas esses aspectos foram trabalhados, sem serem nomeados.

Oficinas 11, 12 e 13: Apresentação do filme ‘Sociedade dos poetas mortos”, de Peter Weir.
Duração: (3 aulas)

As aulas 11, 12 e 13 foram destinadas ao filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, de Peter Weir. O longa-metragem foi escolhido por tratar do tema *carpe diem*, dado que os alunos, neste momento, estavam estudando a estética literária do Arcadismo. Depois da exibição do filme, escreveram uma resenha cujo destino seria o Diário Cultural.

Oficina 14: Finalização da sequência – Reescrita da resenha de "A Metamorfose", de Franz Kafka
Duração: (2 aulas)

Foram entregues as resenhas de "A metamorfose" para reescrita. Dessa forma, terminávamos a sequência. Tal atividade foi feita em sala de aula, com a supervisão da professora.

Oficina 15: Retomada do gênero resenha: um ano depois...
Duração: (2 aulas)

Com o intuito de retomar o gênero resenha crítica com a *turma A*, exatamente um ano depois da aplicação da sequência didática, foi pedido a eles, após o estudo da prosa romântica, uma resenha que comparasse um filme ou seriado (escolhido por eles) com uma obra do período romântico para que pudessem analisar a figura do herói e da heroína dos enredos romântico e moderno, com o intuito de observar que alguns procedimentos dos textos românticos são fontes inspiradoras da ficção contemporânea.

Tal atividade foi inspirada num projeto sugerido no material didático da Instituição, em que se pedia a leitura de uma resenha publicada na Folha de São Paulo em 9 de dezembro de 2007 '*Ugly Betty é exemplo da eficiência americana'.* Após a leitura, deveriam escolher uma personagem (feminina) do Romantismo e analisar as características do romance e o contexto em que está inserida. E ainda escrever a resenha que comparasse a personagem do romance com a da telenovela ou seriado. Ao escrever, os alunos deveriam relembrar o que era uma resenha crítica.

Escrever a resenha permitiu aos alunos a retomada das características trabalhadas no ano anterior, assim como aperfeiçoá-las, como se verá adiante na análise do *corpus*.

3.7 Análise da novela “A Metamorfose”, de Franz Kafka

A obra literária escolhida para ser comentada em resenhas – resenha inicial (RI) e resenha final (RF) – foi a “*A Metamorfose*”, de Franz Kafka. Tal texto foi escrito em 1912, em plena 2ª. Revolução Industrial, previamente explicada pelo professor de Geografia da Instituição.

Com o fim de sensibilizar os alunos para a leitura da obra, o ponto de partida foi uma pequena citação atribuída a Franz Kafka e encontrada em *sites* da Internet:

> É bom quando nossa consciência sofre grandes ferimentos, pois isso a torna mais sensível a cada estímulo. Penso que devemos ler apenas livros que nos ferem, que nos afligem. Se o livro que estamos lendo não nos desperta como um soco no crânio, por que perder tempo lendo-o? Para que ele nos torne felizes, como você diz? Oh Deus, nós seríamos felizes do mesmo modo se esses livros não existissem. Livros que nos fazem felizes poderíamos escrever nós mesmos num piscar de olhos. Precisamos de livros que nos atinjam como a mais dolorosa desventura, que nos assolem profundamente – como a morte de alguém que amávamos mais do que a nós mesmos –, que nos façam sentir que fomos banidos para o ermo, para longe de qualquer presença humana – como um suicídio. Um livro deve ser um machado para o mar congelado que há dentro de nós. (Retirado do site http://pensador.uol.com.br/frase/NTMyOTMw/. Acesso em 12.02.2012)

O objetivo de iniciar com essa citação era prepará-los para a leitura que poderia lhes causar certo estranhamento. Por ser uma obra com um grande valor simbólico, bastante alegórica, pertencente à tendência do Realismo Fantástico, a leitura deveria ser orientada e compartilhada, para que não se tornasse apenas um trabalho escolar, mas trouxesse experiências e transformação da realidade deles. Os alunos pesquisados fazem parte de uma parcela da população que é privilegiada economicamente e, muitas vezes, acabam não tendo contato com algumas faces da realidade que os circunda. Trazer essa “realidade”, contida no pano de fundo da obra, faz parte do trabalho do agente da leitura.

> Vivemos num país onde os indicadores de leitura não são nada favoráveis. Por mais que estejamos avançando, os níveis de compreensão leitora ainda são baixíssimos e o número de leitores, idem. Daí, o acesso ao livro e a formação leitora ser um direito básico de cidadania, de inclusão social e de desenvolvimento. É nessa perspectiva que o agente da leitura deve agir. Sua ação cultural é, por excelência, uma ação social de transformação da realidade onde ele está inserido. Numa dimensão mais ampla, todo agente de leitura é um agente cultural e social. (SANTOS, 2009, p.38)

A mediação da leitura foi feita nas aulas de Literatura. Leitura e análise de trechos e posterior análise foram primordiais para o entendimento da obra. Iniciou-se, portanto, a partir do conceito de gênero literário ficcional “Realismo Fantástico” e, também, das características da “novela”, que fica entre o conto e o romance. Foi feita uma análise do conflito vivido por Gregor Samsa, que acordou, numa certa manhã, transformado: *“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.”* (p.7). Muitas reflexões acerca da sua situação perante a família e o trabalho são feitas durante esse tempo em seu quarto.

Variadas foram as temáticas discutidas a partir do texto. Com relação à leitura, a ênfase maior se deu no ponto da obra em que Gregor Samsa, protagonista, metamorfoseado em inseto, foi agredido pelo pai com maçãs que estavam na fruteira. Tal acontecimento seria uma referência à própria biografia de Kafka, que tinha sérios problemas de relacionamento com o pai.

Após a agressão, Gregor se torna incapaz de se expressar na linguagem humana, perdendo a capacidade de fala e escrita. Tal metamorfose vai além da modificação física e cognitiva , pois, apesar de não ser mais capaz de se comunicar pela linguagem, seus pensamentos e sentimentos continuam sendo humanos. Gregor passa também a refletir acerca de sua realidade com mais critério.

Outro ponto comentado foi a Profecia Kafkiana: alguns estudiosos afirmam que Kafka teria feito uma profecia sobre o que iria ocorrer com os judeus na Segunda Guerra, pois os judeus, considerados anteriormente como base econômica da Alemanha, acabam sendo vistos de forma totalmente negativa, como o “problema daquela sociedade, que deveria ser imediatamente exterminado”.

Também foi discutido, em sala de aula, a relação entre o herói tradicional e o herói moderno, fragilizado e oprimido socialmente, preocupado sempre com a situação financeira, com as contas a pagar no fim do mês, descuidando de sua vida familiar e pessoal. Nesse momento, foi necessário fazer uma comparação entre o herói descrito no período romântico: idealizado, forte e belo e o herói contemporâneo Gregor Samsa, oprimido e fraco.

Outra questão levantada foi a postura da família diante dessa metamorfose, pois a única que realmente se preocupou foi a irmã, que acaba passando também por uma “metamorfose de sentimentos” logo depois, *coisificando* Gregor ao se referir

a “isso”: *“-Precisamos nos livrar disso- disse então a irmã exclusivamente ao pai, pois a mãe não ouvia nada com a tosse.”*

O escritor Nabokov, ao comentar a obra “A Metamorfose” (1986) chama a atenção para a aparição do número três na obra, pois são três quartos, três membros da família, três partes do livro e três inquilinos: "*Die Zahl drei spielt eine herausragende Rolle*.[7]"(1986, p.106), que em português equivale a "o número três ocupa um papel excepcional".

Para finalizar as discussões e refletir acerca da “grande metáfora” observada nesta obra, os alunos ponderaram que Gregor se tornou um grande peso para sua família e, por alguma razão, ele foi se distanciando deles. Esse distanciamento pode ter ocorrido por várias razões: a personagem pode ter mudado de opinião (religiosa, sexual, social ou política) ou pode ter morrido muito antes de ter se tornado inseto. Por isso, os pais foram aos poucos se “livrando” de seus pertences, até, um dia, não ser mais nem lembrança e esse “esquecimento” veio a se tornar um certo alívio. Na discussão, os alunos observaram que a questão de pais que não aceitam seus filhos, por diferentes motivos, ocorre de forma frequente na atualidade.

O quadro aponta para os temas tratados em classe, em aula expositiva, a partir de “A Metamorfose”[8], de Franz Kafka. A análise da obra trouxe elementos para discussão que poderiam ser usados para sustentar a argumentação na resenha dos alunos. Tais elementos foram evocados na intenção de se tornarem repertório para fundamentar a discussão nos textos produzidos.

	O que foi trabalhado nas aulas de Literatura e poderia ser retomado nas resenhas
A	Pertencente à tendência do Realismo Fantástico
B	Gregor Samsa é um caixeiro-viajante metamorfoseado em um inseto repelente e, por essa razão, marginalizado pela família.
C	Transformação ocorre primeiramente no interior de Gregor, depois no exterior.
D	A maçã arremessada pelo pai e o mito da “Queda do Paraíso”
E	A profecia Kafkiana
F	O herói moderno: frágil e oprimido socialmente. Herói ou anti-herói?

[7] Cabe relembrar aqui que, na Alemanha, segundo um dito popular e bastante conhecido, “Todas as coisas boas são três”, o que pode vir ao encontro da concepção de Nabokov.
[8] A edição utilizada foi a traduzida por Modesto Carone em 2007, Ed. Companhia da Letras.

G	A transformação de Gregor e, consequentemente, do contexto: ambiente e sentimentos da família.
H	A coisificação / reificação de Gregor
I	A biografia de Franz Kafka (relação com seu pai)
J	Europa e o contexto histórico – Revolução Industrial

Quadro 2: Temas trabalhados em sala de aula que poderiam constar nas resenhas produzidas pelos alunos

3.8 Análise do conto "Pai contra Mãe", de Machado de Assis

O conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, tem como pano de fundo o Brasil de meados do século XIX (período escravista) '*Há meio século os escravos fugiam com frequência*.', e o trabalho era visto com aversão, isto é, trabalhar era responsabilidade do escravo. A narrativa se baseará na sociedade que envolve um branco, Candinho, e uma escrava fugida, Arminda, cujo nome significa 'aquela que luta'.

Cândido Neves, o personagem principal, 'falava de esperança como de capital seguro', dado que seu filho iria nascer e ele não obtinha estabilidade nos ganhos, nenhum trabalho chamava sua atenção: já havia tentado de tudo, mas seu problema era ter que servir a outro branco. Desejava um trabalho que não tirasse sua liberdade. Para sustentar sua família, composta por tia Mônica e Clara Neves, sua esposa, capturava escravos fugidos '*quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo*...' Candinho procurava anúncios classificados dos escravos e saía em busca deles, a fim de receber a recompensa. No entanto, '*um dia os lucros entraram a escassear*', dado que a escravidão estava chegando ao seu final.

Clara Neve, grávida, para ajudar nas despesas da casa, costurava, e tia Mônica opinava acerca da situação: Clara e Cândido não teriam como sustentar o filho que estava por vir. Quando o bebê do casal nasce, a tia tem a ideia de deixá-lo na "Roda dos enjeitados", lugar em que se abandonavam crianças.

Candinho, definitivamente, não quer abandonar o filho. No entanto, parece ser a única forma de assegurar a criação dele. Num dia qualquer, o pai sai com o filho nos braços rumo à roda dos enjeitados. No entanto, no caminho, Cândido encontra uma escrava que estava fugida há algum tempo; deixa o filho na farmácia,

prometendo que já voltaria e então rapta Arminda, a escrava, e a leva para seu dono.

A escrava fica desesperada, pois está grávida e sabe que o seu senhor não iria perdoá-la. Mesmo diante das súplicas da mulher, Candinho não se penaliza; Arminda, ao se debater, acaba perdendo a criança e seu senhor recompensa Cândido. Ele vai recuperar o filho, agora, poderia criá-lo, pois teria dinheiro suficiente. '*Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração*.'

Trata-se de uma família formada por homens brancos e livres, que não tinha laços com os grandes proprietários de terras (não ascenderia socialmente), mas tampouco não eram escravos. Candinho dependia das recompensas oriundas da captura dos fugidos para sustentar-se. Daí, a grande ironia machadiana: os nomes dos personagens e seu sobrenome não equivalem às suas ações. Cândido Neves e Clara Neves apresentam tensão entre seus nomes e os respectivos perfis, pois não agiram com clareza e dignidade ao entregar a escrava e aceitar dinheiro por isso. No entanto, Machado de Assis nos questiona: o que faríamos no lugar do desesperado Candinho Neves?

No próximo capítulo, terá lugar a análise das resenhas dos alunos.

“Aprende-se a escrever, escrevendo, numa progressão que é, ela [a comunicação] também, concebida como natural, constituindo-se segundo uma lógica que depende tão somente do processo interno de desenvolvimento.”

(Dolz e Schneuwly)

CAPÍTULO 4 SELEÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão analisadas geral e individualmente, as produções textuais do gênero resenha crítica feitas pelas turmas A e B, de modo geral e de modo individualizado. Tais análises seguirão quatro eixos: o plano global, mecanismos de conexão, subjetividade do autor e o aproveitamento do conteúdo discutido nas aulas de Literatura. Também serão observados os processos e as sequências textuais, segundo Adam.

4.1 Seleção dos dados e textos para análise

A análise será feita a partir da comparação das Resenhas Iniciais **(RI)** e das Resenhas Finais **(RF)** dos alunos, tanto aqueles que não participaram da sequência (*Turma A,* nomeados como *1A, 2A e 3A*) como aqueles que participaram (*Turma B, nomeados como 1B, 2B e 3B*), considerando os quatro níveis de análise já descritos, conforme Machado (2004a), ao retomar Adam, sobre o plano global de uma resenha prototípica :

- plano global mínimo trabalhado (descrição técnica, resumo e avaliação crítica);
- Mecanismos de conexão: uso de organizadores textuais
- Utilização de dados comentados nas aulas de Literatura
- Subjetividade do autor, por meio do uso de adjetivos e expressões valorativas.

4.1.1 Plano global da resenha prototípica – comparação entre turmas A e B

Nesta seção procurou-se analisar o plano global de uma resenha prototípica, dado que Adam observa, como já foi citado, que todos os textos carregam uma forma específica e algumas partes devem ser identificadas: citação do autor da obra

a ser resenhada, a fonte, resumo e tema (o tema, em “A Metamorfose” aqui é entendido como a opressão social, proposta pelos próprios alunos em sala de aula).

Os quadros abaixo ilustram a presença (X) ou ausência (∅) desses requisitos

- **<u>Alunos sem sequência didática</u>**

a) Resenha inicial de “A Metamorfose”, Franz Kafka:

ALUNO	AUTOR	LIVRO	FONTE	RESUMO	TEMA
1ª	X	X	∅	X	∅
2ª	X	X	∅	X	∅
3ª	X	X	∅	X	∅

Quadro 3a: *descrição técnica*-resenha inicial-sem sequência didática

Pôde-se observar neste quadro a relativa ausência de itens da ficha técnica, como a fonte (aqui entendido como editora) e o tema. Vale uma explicação: como os alunos entendem que a professora será a leitora, talvez para eles não pareceu necessário chamar a atenção para esse ‘detalhe’, pois a professora, também pesquisadora, sabe exatamente de que livro se trata e qual é seu tema.

No entanto, todos colocaram um resumo da obra e se preocuparam em não relatar o final da novela kafkiana.

b) Resenha final de “A Metamorfose”, de Franz Kafka:

ALUNO	AUTOR	LIVRO	FONTE	RESUMO	TEMA
1A	X	x	x	x	x
2A	X	x	x	x	∅
3A	X	x	x	x	∅

Quadro 3b: *descrição técnica*-resenha final-sem sequência didática

Já na resenha final dos mesmos alunos pôde-se perceber relativa melhora, dado que a professora-pesquisadora leu os textos apontando os problemas da produção. Apenas 2A e 3A não conseguiram colocar nas suas produções o tema “opressão social”, mas a ficha técnica veio completa na segunda versão. 1A, por exemplo, coloca a ficha técnica ao final da resenha, conforme modelo apresentado no material didático da escola. Além disso, corrigiu o problema de coesão presente em seu texto inicial, trazendo dados históricos em RF: “Europa dos anos de 1910”

Em 2A não houve grandes modificações, mas em seu texto final não se esqueceu de recomendar a obra e acrescentar a descrição técnica:

> O livro “A metamorfose”, escrito por Franz Kafka, editado pela Cia. Das Letras, escrito em 1912, conta a triste história de Gregor Samsa, que na maior parte do tempo trabalhava para sustentar toda sua família. (2A -RF)

> Uma história maravilhosa que associa o psicológico do ser humano que surge diante da pressão da vida cotidiana através de um realismo impressionante. (2A -RF)

Os textos iniciais também dão grande importância em suas resenhas para a crise instaurada na família de Gregor Samsa e a consequente repulsa dos pais e da irmã pelo caixeiro-viajante metamorfoseado em inseto gigantesco. O aluno 3A, por exemplo, compara a situação da personagem principal ao *bullying* sofrido pelos jovens. Tal temática também havia sido discutida em sala no momento da análise da obra:

> Nesse livro, Kafka faz uma (crítica) analise, sobre os seres humanos e sobre o valor sentimental que faz a diferença em uma pessoa, ele mostra como Gregor, perde o pouco que tinha no valor sentimental, e ele deixa claro que se uma pessoa é diferente ele com certeza sofrerá, algo que chamamos de bullying. (3A-RF)

Sabe-se que a resenha crítica tem por finalidade criticar/analisar determinados pontos da obra, além, é claro, de narrar estes pontos. No entanto, grande parte das resenhas iniciais analisadas tem, predominantemente, sequências narrativas que, segundo Werlich (1973, apud Marcuschi, 2002, p.29), o tipo textual de base temática ‘narrativa’ “tem um valor de mudança no passado, um circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, este enunciado é designado como enunciado indicativo de ação”.

Ainda segundo Werlich, a sequência argumentativa tem “uma forma verbal com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade”.

Com isso, observa-se que os textos iniciais, ainda que poucas, mantêm algumas sequências argumentativas como em “Vale a pena ler é muito interessante” (1A-RI) ou “É um bom livro, recomendo...” (3A-RI).

- **<u>Alunos com sequência didática</u>:**

a) Resenha inicial

ALUNO	AUTOR	LIVRO	FONTE	RESUMO	TEMA
1B	X	x	∅	x	x
2B	X	x	∅	x	x
3B	X	x	X	x	x

Quadro **4a**: *descrição técnica*-resenha inicial-com sequência didática

Nos textos dos alunos que participaram da sequência, pôde-se observar que quase todos os itens da parte técnica foram colocados nas primeiras produções. No momento em que se caracterizou o gênero resenha, no início da sequência, deixou-se clara a importância desses dados. 1B e 2B não colocaram a fonte, aqui entendido como editora, mas apenas o nome e o autor do livro.

b) Resenha final:

ALUNO	AUTOR	LIVRO	FONTE	RESUMO	TEMA
1B	x	x	X	x	x
2B	x	x	X	x	x
3B	x	x	X	x	x

Quadro 4b: *descrição técnica*-resenha final-com sequência didática

Já na resenha final, os alunos participantes da sequência didática contemplaram todos os itens da ficha técnica. Um paralelo entre os dois grupos deixa evidente o melhor resultado da classe em que foi desenvolvida a sequência didática.

Embora os trabalhos sejam analisados individualmente, é necessário que se faça uma análise geral do item *descrição técnica*. Percebe-se que os alunos que não participaram da sequência apenas colocaram fonte e tema do livro resenhado exclusivamente em TF, após a observação da professora. A hipótese para esse fato pode ser a visão que o locutor da resenha tem de seu interlocutor – no caso a professora de Língua Portuguesa – que, na concepção dos alunos, já seria conhecedora do título proposto. Assim, não seria “necessário” reforçar essa informação. Já dois dos três analisados (RI), que seguiram a sequência didática,

deixaram de colocar, na versão inicial, somente a fonte (editora, ano de publicação e número de páginas). Todos colocaram esses dados na versão final da resenha.

O aluno 3B citou a fonte tal e qual estava na resenha-exemplo do livro didático da Instituição, texto que foi utilizado para o trabalho inicial em ambas as salas.

Com relação ao tema, dos alunos sem sequência, apenas 1 (um) informou o tema da obra analisada (opressão social), tema discutido com o alunado em sala de aula. Os outros dois não especificaram o tema; a hipótese que se tem é que, ao contextualizar a obra, isto é, explicar a vida e o drama de Gregor Samsa, eles considerariam que o tema estivesse implícito.

4.1.2 O uso dos organizadores textuais – comparação entre turmas A e B

Segundo Machado (2004a), o uso dos conectivos é importante para guiar o leitor e fazê-lo entender as relações que se quer estabelecer entre as ideias. Tais relações são feitas por meio dos organizadores textuais. Embora esse conteúdo seja revisto apenas na 2ª. série, no momento em que os alunos tomam conhecimento dos períodos compostos por coordenação e subordinação, toma-se por base o que foi visto com relação aos períodos no 9º. ano do Ensino Fundamental cujo conteúdo contempla o uso dos organizadores. Os alunos veem esse item como “conectivos”, no entanto, quando se fala em organizadores ou articuladores percebe-se que o âmbito é mais amplo e com enfoque textual.

Koch (2002) trata tais mecanismos como articuladores textuais e vê os organizadores textuais como uma subdivisão dos articuladores meta-enunciativos, pois seriam utilizados para organizar a estrutura linear do texto. Ela menciona Maingueneau, que descreve os organizadores como “marcadores de integração linear”.

> Tais articuladores podem relacionar elementos de conteúdo, ou seja, situar os estados de coisas de que o enunciado fala no espaço e/ou no tempo, bem como estabelecer entre eles relações de tipo lógico-semântico; podem estabelecer relações entre dois ou mais atos de fala, exercendo funções enunciativas ou discursivo-argumentativas; e podem, ainda, desempenhar, no texto, funções de ordem meta-enunciativa. (KOCH, 2002, p.133)

Para a autora, os articuladores podem ser divididos em três grandes classes: os do *conteúdo proposicional*, os *enunciativos ou discursivo-argumentativos* e os *meta-enunciativos*. Os articuladores de conteúdo proposicional dividem-se em marcadores *espácio-temporais* e *lógico-semânticos* (condicionalidade, causalidade, finalidade e oposição).

Os articuladores *enunciativos ou discursivo-argumentativos* são os que encadeiam atos de fala distintos e introduzem relações discursivo-argumentativas: oposição, explicação e generalização.

Há ainda os articuladores meta-enunciativos que "comentam" a própria enunciação. Subdividem-se nos seguintes grupos: *delimitadores de domínio*, também conhecidos como *hedges*, que explicitam o lugar (âmbito) de onde o conteúdo se verifica, ou seja, por qual viés se observa o tema. Há ainda os *organizadores textuais*, já citados acima, e que demarcam a estrutura do texto. Há também os *modalizadores epistêmicos* que assinalam o comprometimento do locutor com o conteúdo dito.

Ainda com relação aos articuladores meta-enunciativos tem-se os *atitudinais ou afetivos*, que encenam a atitude psicológica do autor sobre os fatos; os *axiológicos* que expressam a valoração atribuída aos eventos; os de caráter *deôntico*, que indicam grau de imperatividade; os *atenuadores* que preservam as faces dos autores; *metaformulativos* que são utilizados para comentar a forma como o enunciador se representa perante o outro ou apenas resumem ou recordam; introdutores de reformulações ou correções e também os introdutores de tópico, que iniciam uma discussão.

Para o presente trabalho, os articuladores selecionados foram os *enunciativos* ou *discursivo-argumentativos*, visto que o foco dado em sala de aula foi a argumentação dos alunos acerca do livro lido naquele trimestre. Assim, a sequência didática contemplou os articuladores argumentativos.

- **<u>O uso dos organizadores textuais</u>**

a) Alunos sem sequência didática

Alunos-sem sequência didática	Conectivos que indicam adição de ideias	Conectivos que indicam contraste entre ideias ou argumentos contrários	Conectivos que indicam explicação/confirmação
1A RI	Além disso	∅	Porque, pois, então
2A RI	∅	∅	Por, por isso
3A RI	∅	∅	Afinal de contas
1A RF	∅	∅	Afinal de contas, além disso
2A RF	∅	∅	pois
3A RF	∅	∅	Afinal de contas

Quadro 5a: *uso dos organizadores textuais*-RI e RF-sem sequência didática

Conforme já havia sido observado, os alunos que não participaram da sequência didática escreveram textos predominantemente narrativos, isto é, com sequências narrativas. Portanto, não há conectivos que indiquem contraste entre ideias e argumentos, mas todos colocam algum conectivo que indique explicação ou confirmação dos fatos.

Tanto em RI como em RF, os alunos não se utilizaram de organizadores argumentativos. A crítica e a análise, tão importantes para a resenha crítica, não foram contempladas. Apenas é perceptível análise/crítica quando os alunos recomendam a obra, depois de ter narrado partes dele

a) Alunos com sequência didática

Alunos-com sequência didática	Conectivos que indicam adição de ideias	Conectivos que indicam contraste entre ideias ou argumentos contrários	Conectivos que indicam explicação/confirmação
1B RI	Além da	Porém	∅
2B RI	Cada vez mais e mais, ainda mais	Mas	portanto
3B RI	Assim como	Mas	Com o fim de, afinal
1B RF	Além da	Porém	∅
2B RF	Cada vez mais e mais	Mas	portanto
3B RF	E	∅	Porque, afinal

Quadro 5b: *uso dos organizadores textuais*-RI e RF-com sequência didática

Os alunos da B, ao contrário da turma A, utilizaram os conectivos que indicam contrastes entre ideias e argumentos. E tais operadores são observados ainda na primeira versão do texto como em "*Além da figura de Gregor*" (1B-RI) – operador que indica adição de ideias; "*Mas como não se desiste de ler um livro logo na primeira sentença...*" (2B-RI) – operador que indica contraste.

Percebe-se, no geral, que houve pouco progresso no que diz respeito ao uso de conectivos de RI para RF. A turma A, no entanto, utilizou pouquíssimos articuladores, se comparada à turma B. Na primeira aula da sequência, os alunos perceberam que o texto dependia de uma opinião sólida acerca do livro, filme ou

obra de arte. Talvez isso responda à utilização maior pelo grupo A que, mesmo ainda não tendo tido a sessão sobre os conectivos, haviam sido apresentados a eles no primeiro contato com o gênero resenha. Além disso, nos textos dos alunos que não participaram da sequência didática, observa-se um maior número de sequências descritivas, dado que seus textos se aproximam mais do resumo que de resenha, o que torna desnecessária a utilização de conectivos argumentativos.

Percebeu-se, felizmente, que os participante da sequência perceberam que era importante criticar a obra, em vez de apenas narrá-la.

4.1.3 A utilização da análise literária de "A Metamorfose", de Franz Kafka- comparação entre turmas A e B

Para auxiliar os alunos com relação à criação da resenha, foi feita, nas aulas de Literatura, uma análise de "A Metamorfose", de Franz Kafka. Foi dado aproximadamente um mês para que a obra fosse lida para, depois, pudessem iniciar as discussões. A resistência para a leitura deste autor foi grande, vinda de pais e alunos que achavam a obra demasiado complexa para a idade deles. No entanto, tal obra foi a base para o entendimento das figuras de linguagem, especialmente a metáfora, estudada nas outras aulas e, ao final, foi surpreendente o encantamento dos alunos, dado que se sensibilizaram com a narrativa de Gregor Samsa e, de certo modo, identificaram-se com os medos, preocupações e sentimentos do personagem. Nas duas turmas, foi observado que o sentimento de marginalização, comum na adolescência, já havia sido experimentado por eles. O assunto *bullying,* termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais, bastante debatido nos dias de hoje, também apareceu nos textos deles.

O modo de analisar a novela já foi descrito neste trabalho ao final do capítulo 3. Faz-se necessário relembrar os itens analisados, nomeados de "A" a "J", conforme também se nomeiam os quadros 6a e 6b:

O que foi trabalhado nas aulas de Literatura e poderia ser retomado nas resenhas

A	Pertencente à tendência do Realismo Fantástico
B	Gregor Samsa é um caixeiro-viajante metamorfoseado em um inseto repelente e, por essa razão, marginalizado pela família.
C	Transformação ocorre primeiramente no interior de Gregor, depois no exterior.
D	A maçã arremessada pelo pai e o mito da “Queda do Paraíso”
E	A profecia Kafkiana
F	O herói moderno: frágil e oprimido socialmente. Herói ou anti-herói?
G	A transformação de Gregor e, consequentemente, do contexto: ambiente e sentimentos da família.
H	A coisificação / reificação de Gregor
I	A biografia de Franz Kafka (relação com seu pai)
J	Europa e o contexto histórico – Revolução Industrial

Os quadros abaixo retomam as discussões em sala de aula acerca de “A Metamorfose”, de F. Kafka. Os alunos não foram obrigados a apresentar todos os itens, mas como são frutos dos diálogos referentes à obra e, portanto, repertório para a crítica, esperava-se que constassem nas resenhas.

O primeiro quadro trata de ambas as turmas em suas respectivas resenhas iniciais; já o segundo trata também de ambas as turmas, mas em suas produções finais.

- **Utilização dos itens analisados da obra "A Metamorfose", de Franz Kafka, na RI, por turmas A e B.**

Sem sequência	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1ª	∅	X	∅	∅	∅	X	X	∅	∅	X
2ª	X	∅	∅	∅	∅	X	X	X	X	∅
3ª	∅	X	∅	∅	∅	X	∅	X	∅	X
Com sequência										
1B	∅	X	∅	X	∅	∅	X	∅	∅	∅
2B	X	X	X	X	∅	X	∅	X	∅	∅
3B	∅	X	∅	∅	∅	∅	X	∅	∅	∅

Quadro 6a: *uso da análise literária na RI*

- **Utilização dos itens analisados da obra "A Metamorfose", de Franz Kafka, na RF, por turmas A e B.**

Sem sequência	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1ª	∅	X	∅	∅	∅	X	X	∅	∅	X
2ª	X	∅	∅	∅	∅	X	X	X	X	∅
3ª	∅	X	∅	∅	∅	X	X	X	∅	X
Com sequência										
1B	∅	∅	∅	X	∅	X	X	∅	∅	∅
2B	X	X	∅	∅	∅	X	X	∅	∅	∅
3B	∅	X	X	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅

Quadro 6b: *uso da análise literária na RF*

Analisando de forma global a utilização das reflexões feitas durante a análise literária da obra "A metamorfose", observa-se que a maior parte dos alunos, de ambas as turmas, concentrou-se nos itens "F" e "G", que tratam, respectivamente, da temática "o herói moderno: frágil e oprimido socialmente" e "A transformação de Gregor Samsa e, consequentemente, de seu quarto, dos sentimentos da irmã e da família". Tais itens aparecem com maior destaque, pois, além das discussões nas aulas de Literatura, o professor de Geografia comentava a 2ª. Revolução Industrial e a expansão do capitalismo – contexto de produção da obra – com os alunos.

Embora, aparentemente, pouco da análise tenha sido utilizada nas resenhas de modo geral, algumas ressalvas devem ser feitas:

- O aluno 1B retoma a epígrafe que abriu os estudos sobre Kafka em sala de aula
  "*a obra só é boa se te deixar uma ferida ao final dela*" (RI)
- Ainda o aluno 1B observa que os sentimentos da família mudam simultaneamente à transformação do quarto, além de perceber que toda a obra se passa no quarto de Gregor, com todas as suas angústias e reflexões.

  "*A maioria da história se passa no quarto de Gregor que vai se metamorfoseando com ele: A irmã e a mãe tiram os móveis para melhor locomoção, porém conforme ele se transforma os sentimentos da irmã também se modificam, ela começa a ficar com medo dele, isto é mostrado quando Gregor deixa se mostrar para a mãe que acaba entrando em colapso nervoso."* (RF)

- O aluno 2B observa que essa metamorfose talvez seja uma forma de se 'desligar' aos poucos da família. Nas discussões em sala de aula, chegou-se à conclusão de que Gregor não teria morrido, mas teria, enfim, conseguido a liberdade tão sonhada, isto é, não haveria mais necessidade de sustentar a família. Cada um de seus integrantes foi buscar outros caminhos. Aos poucos, Gregor foi deixando a família de lado, refletindo sobre seu lugar dentro dela.

  Ele acorda na primeira sentença do livro de sonhos intranquilos, portanto do pesadelo de ser dessa família, que só o vê com fonte de dinheiro e trabalho. A metamorfose foi só uma maneira de ir se "desligando" da família, e ela dele também. A metamorfose foi mais mental porque mudou sua forma de ver a família, ele mesmo, o trabalho e de entender as coisas.(RI)

- O aluno 3B também fez uma análise mais verticalizada em sua resenha, retomando a cena da maçã que é atirada pelo pai e fica nas costas de Gregor até sua morte. Em sala, discutiu-se o porquê da

escolha da maçã e não outra fruta qualquer. Na discussão, foi lembrado aos alunos que a maçã é a fruta que simboliza o fruto proibido, o fruto do conhecimento, que propicia o pecado. Algumas tradições observam que Eva teria oferecido a Adão a fruta proibida e, depois disso, não teriam mais direito ao paraíso, isto é, os véus da ingenuidade teriam caído. Esse 'Mito da Queda do Paraíso' pode ser reconhecido em 'A Metamorfose' pois, após o ataque das maçãs, o tempo da narrativa, antes mais lento, começa a passar mais depressa e as reflexões de Gregor, ficam mais claras.

'*Um trecho muito importante e simbólico dentro da narrativa é quando o pai de Gregor arremessa nele várias maçãs. Gregor acaba se machucando, e ainda por cima, as maçãs ficaram grudadas em sua pele. Para mim, essa cena representa figuradamente o peso que a família e o pai tinham sobre Gregor, e este peso acabava machucando-o por dentro.' (RF)*

Observou-se, portanto, que a turma B fez uma análise mais verticalizada da obra, se comparada à turma A, que levou mais em consideração, nas resenhas, a narração da história do caixeiro-viajante, deixando pouco espaço para as reflexões oriundas da obra e trabalhadas em sala.

- O aluno 1A (RI), por exemplo, deixou pouco espaço para as considerações originadas da obra, enfatizando mais a parte descritiva

  Até que Gregor acorda transformado num inseto. Então o pai volta a trabalhar, a casa tem que receber hóspedes e até a irmã tem que trabalhar. Além disso as relações familiares sofrem alterações. Para o pai gregor(sic) é um imprestável, para a mãe objeto de repulsa, até a irmã passa a ser um empecilho.

- O aluno 2A (RI) também se preocupou em descrever o drama de Gregor, deixando pouco espaço para a análise literária

> "*Um dia Gregor acorda se sentindo estranho. Samsa percebe que ele perdeu seu trem que o levaria para o trabalho por isso vai ao quarto dele chama-lo, quando Gregor tenta responde-la, ele estranha sua própria voz. Até seu chefe vai até la e o ameaça de perder o emprego até mesmo na frente dos seus pais. Até que alguém consegue abrir a porta, e eles se deparam com um bicho asqueroso e grande em que ele havia se transformado. Podemos analisar esta história com a própria vida pessoal de Kafka e seu péssimo relacionamento com seu pais".*

Como pode ser notado, a biografia de Kafka poderia ter sido mais explorada, citando, por exemplo, o motivo das discussões com o pai e, a partir daí, focar a cena da maçã, bastante simbólica para falar acerca desse desentendimento.

4.1.4 A expressão da subjetividade do autor da resenha: adjetivos e expressões qualificadoras – comparação entre turmas A e B

Como observa Machado (2004a), a resenha difere do resumo por conter adjetivos que avaliam a obra lida, isto é, comentários dos resenhistas (produtores). O quadro abaixo retoma as expressões de subjetividade na resenha apresentadas nos textos iniciais e finais de ambas as turmas:

Produtores (SEM SEQUÊNCIA)	RI	RF
1ª	Interessante; nos faz refletir	Interessante; nos faz refletir
2ª	Triste; incrível; maravilhosa; realismo impressionante; emocionante.	Triste; maravilhosa; realismo impressionante;
3ª	Bom	∅
Produtores (COM SEQUÊNCIA)	RI	RF
1B	Perturbadora; rica descrição; triste; sombrio; entediante; bem escrito	Perturbadora; rica descrição; triste; complexo; não muito prazerosa.
2B	Parecia fantasioso; fantástico; maravilhoso	Maravilhoso; profundo; complexo; incrível; rápida leitura.
3B	A sua mais conhecida obra;Temática fantástica; esquisita; diferente; pode parecer fantástica; pode parecer monótona; confuso; clássico; não muito atual.	Temática fantástica; esquisita; diferente; clássico; nem tão atual.

Quadro 7: *uso dos adjetivos e expressões qualificadoras em RI e RF*

Reafirmando, a resenha difere do resumo pelo uso de adjetivos e expressões que avaliam determinada obra. Neste caso, o que se percebe é que os alunos da turma A utilizaram mais sequências descritivas e narrativas, deixando suas análises para o final do texto ou quase deixando de fazê-la, como é o caso do aluno 3A: qualificou a obra como boa apenas em RI e depois suprimiu esse adjetivo: *É um bom livro, recomendo e gostei muito*.

Se forem comparados os dois grupos (A e B), verifica-se que o grupo A apenas tenta qualificar a obra, geralmente, no fim do texto, enquanto o grupo B já adjetiva durante a resenha, avaliando a obra ao longo de toda a resenha.

Percebe-se que o grupo A reconhece que deveria fazer uma avaliação na resenha, mas executa a tarefa de forma bastante superficial, quase no final do texto. Já o grupo B se revela durante o texto, mostrando sua opinião acerca da obra, assim como algumas expressões qualificadoras, como fez o aluno 3B em RI

- *O que você faria se de um dia para o outro acordasse de um longo pesadelo e percebesse que havia se transformado num horrendo e asqueroso inseto? É envolvendo uma <u>temática fantástica</u> e <u>incontestavelmente esquisita</u>, que Franz Kafka escreve <u>a sua mais conhecida obra</u>, a Metamorfose.*

- O produtor 2A observou que a obra é de um "realismo impressionante", o que na verdade deveria ser de um "realismo fantástico, tendência seguida por Kafka: *Uma história maravilhosa que associa o psicológico do ser humano que surge diante da pressão da vida cotidiana, através de um <u>realismo impressionante</u>."*

- O produtor 3A suprimiu o único adjetivo avaliativo que constava em sua resenha inicial (RI) "bom" na resenha final (RF). Isso ocorre porque o aluno foi questionado com relação ao termo "bom": deveria ter mais indícios na resenha para que o leitor pudesse qualificá-lo. O adjetivo ficou "perdido" no meio da avaliação.

- Em 1B, observa-se que o uso do adjetivo "sombrio", antes utilizado para qualificar a narrativa em RI, é usado em RF para qualificar o quarto de Gregor Samsa. Uma hipótese para tal ação pode ser a explicação dada pela professora no momento em que a sequência didática se ocupava dos adjetivos avaliativos: não se pode qualificar uma obra sem antes dar argumentos convincentes, isto é, dizer o porquê de a obra ser considerada sombria é mais persuasivo que simplesmente adjetivá-la como 'sombria'. Ao caracterizar o quarto, 1B pôde levar seu leitor a entender porque a obra era considerada sombria, não apenas 'entregar' a opinião ao interlocutor.

Observa-se claramente que os alunos participantes da sequência didática tentaram empregar os adjetivos qualificativos de forma que não ficassem apenas na

parte conclusiva do texto, diferentemente dos não-participantes . O produtor 3A, por exemplo, utilizou o adjetivo ‘bom’ apenas uma vez e ao final do texto. Na resenha final, preferiu não o colocar.

Não se pode esquecer que são alunos recém-chegados à 1ª. série do Ensino Médio e ainda não havia um trabalho focado nos textos argumentativos. Mesmo não tendo trabalhado a argumentação, o módulo que envolvia os adjetivos qualificativos apresentou bons resultados nos textos dos alunos (RI e RF).

Leva-se também em consideração que tais alunos estavam num momento do planejamento escolar em que os focos eram a narrativa, a descrição e os resumos, o que pode também ter influenciado na demasia de detalhes que se vê em 3B, por exemplo. Os dados mostram que eles ainda não estão preparados para fazer uma avaliação crítica, mas já percebem que os adjetivos avaliativos devem aparecer de forma que levem seus leitores a refletir acerca da obra.

4.2 Um olhar sobre os textos produzidos durante a sequência didática

Como já foi dito, os alunos passaram por uma sequência didática que envolvia filmes, obras literárias e contos. “A Metamorfose”, de Franz Kafka, foi escolhida para dar início e fechamento à sequência. Durante o processo, os alunos produziram resenhas a partir do conto ‘Pai contra mãe’, de Machado de Assis, que consta no paradidático pedido no início do ano letivo, assim como o longa-metragem ‘A sociedade dos poetas mortos’, de Peter Weir. Um ano depois, pediu-se novamente que os alunos produzissem uma resenha que comparassem as novelas da atualidade com as obras literárias do Romantismo (século XIX). Tais textos foram analisados a partir de quatro eixos: se o plano global foi respeitado, como foram utilizados os organizadores textuais, o nível de subjetividade a partir do emprego dos adjetivos e expressões avaliativas, assim como a apropriação das análises feitas acerca do conto de Machado de Assis e do filme de Peter Weir.

Percebe-se, nas produções de 1B, 2B e 3B, que o módulo organizado para mostrar as partes de uma resenha prototípica (autor, livro, resumo e tema), mostradas nas aulas 3 e 4, foi bastante aproveitado. Os produtores preocuparam-se

em trazer tais informações às suas resenhas, dados que poderão ser vistos logo abaixo:

1B- Na resenha acerca do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, o produtor mostra, nos primeiros parágrafos, o título do conto analisado por ele, assim como autor, a obra em que pode ser lido, assim como a editora e um pequeno resumo: “*O conto ‘Pai contra mãe’, foi escrito por Machado de Assis, que está em um de seus livros “50 contos de Machado de Assis“, da editora Companhia das letras (2007).*

Este conto traz uma história de um homem, Candido Neves (personagem principal), que se casa com Clara, e que não se encontra em uma boa situação financeira. Era um trabalho difícil e que não trazia uma estabilidade, ser caçador de escravos naquela época era humilhante para um branco.”

A última parte dessa análise não foi muito bem compreendida pelo produtor, pois Cândido Neves não queria ter um trabalho em que devesse servir a outro branco, mas sim que fosse esporádico e que pudesse ter certa liberdade, embora fosse instável no que diz respeito aos ganhos.

- Em “Sociedade dos Poetas Mortos”, o produtor também se preocupou em trazer o título da obra, assim como o diretor do longa-metragem e seu ano de lançamento. Também há um pequeno resumo. “*A comédia dramática, ‘A sociedade dos poetas mortos’, dirigido por Peter Weir, lançada na década de 90, trouxe grande polêmica.*

A história se passa em 1959, em um tradicional internato para meninos. Era uma escola preparatória que trazia princípios de submissão por parte dos alunos, não os permitindo que eles questionem novas ideias e nem que possam escolher seu próprio futuro profissional. Esta situação é bem representada pelo personagem Neil, interpretado por Robert Sean Leonard, um aluno da academia que deseja largar o currículo escolar para virar ator, e seu pai nega seu pedido, o impedindo de viver seu sonho.”

- *O produtor 2B, assim como 1B, também revela compreensão das partes de uma resenha prototípica como título, autor e uma pequena*

descrição da obra. "'Pai contra mãe', uma história de Machado de Assis, passada na época da escravatura, conta a história de Cândido Neves um 'caçador' de escravos por recompensas, sua mulher Clara e a tia de Clara, Mônica.

No decorrer da história Clara fica grávida, porém a família não tem dinheiro para sustentar a criança, surge a ideia por parte de tia Mônica de entregar a criança para a roda dos enjeitados; Cândido Neves não concorda e fica bravo."

- Na resenha do filme, o produtor também mostra em seu texto título, direção, ano de estreia e um pequeno resumo acerca da obra analisada. *"'Sociedade dos poetas mortos' um filme do gênero dramático de 1989 dirigido por Peter Weir se passa em um tradicional internato para rapazes, a Academia Welton, de valores e princípios como: tradição, disciplina e honra.*

Porém com a chegada do professor de poesia nem um pouco ortodoxo, John Keating, esses valores são quebrados e abre-se um novo mundo para alguns de seus alunos por meio da poesia e das artes."

- O produtor 3B também se preocupou em colocar dados como autor do conto, título e redigir um pequeno resumo: ''*Até que ponto você chegaria, só pelo bem de seus filhos?', essa é só mais uma das principais ideias trazidas pelo grande e interessante conto de Machado de Assis, 'Pai Contra Mãe'.*

A trama do conto se passa por volta do fim do século XIX, no Rio de Janeiro da época Imperial, e conta a sofrida história de Candinho e Clara, um pobre casal branco que mal tem condições adequadas de vida e ainda assim, esperava a chegada de um bebê."

- Tais informações também foram encontradas na resenha sobre o filme 'Sociedade dos Poetas Mortos': o produtor 3B sepreocupou com o título do filme, ano de lançamento, diretor e atores que estrelavam o longa metragem. Além disso, havia um pequeno resumo acerca da trama.

"Até que ponto você quebraria barreiras e futuros planejados, para ir atrás de seus sonhos e sair das restrições impostas pelos seus pais ou

responsáveis? Além de uma pergunta muito comum, essa é uma das principais temáticas relacionadas ao filme 'Sociedade dos Poetas Mortos', longa metragem que particularmente considero um clássico.

O filme lançado no ano de 1989, dirigido por Peter Weir e estrelado por grandes atores como Robin Willians e Sean Leonard, se passa em 1959 na escola preparatória Welton, academia marcada por seu tradicionalismo e exigência; e narra a experiência de um grupo de estudantes desta escola que segue a vida e o futuro planejado pelos seus pais."

4.3 A análise de uma produção após um ano da realização da sequência didática

Após um ano da sequência didática aplicada aos alunos da 1ª. Série, surgiu a oportunidade de unir a produção de resenha e o ensino de literatura romântica às características dos seriados modernos acompanhados pelos adolescentes. A proposta partia de uma resenha-exemplo sobre "Ugly Betty", seriado da TV americana, e pedia para que o aluno, tendo como modelo a resenha apresentada, fizesse a sua.

Cabe ressaltar que somente os alunos que participaram da sequência foram analisados após um ano, dado que, em razão de os alunos da turma A, na ocasião da pesquisa, não terem participado desta sequência, não poderiam ser prejudicados com relação ao gênero resenha. Portanto, ao final do ano letivo, esses alunos também foram submetidos à proposta da sequência.

Após a leitura da proposta, os alunos tiveram duas aulas para entregar a atividade. Foi pedido pela professora pesquisadora que eles fizessem um rascunho e, na sala destinada aos computadores da escola, digitassem e entregassem suas produções.

Desta forma, segue abaixo um comparativo entre as primeiras produções da turma B e seus produtos após um ano, portanto no ano letivo de 2013, quando esses alunos estavam na 2ª. Série do Ensino Médio. Deve-se levar em consideração também ao que chamamos de *atividade responsiva retardada*, conceito trabalhado por Bakhtin (1997): segundo o teórico, existem três formas de compreensão de

discurso do outro: *compreensão responsiva ativa*, *compreensão responsiva passiva* e *compreensão retardada*.

Para Bakhtin (1997), as delimitações do enunciado determinam-se pela alternância de sujeitos falantes e ouvintes.

> Na linguística, até agora, persistem *funções* tais como o "ouvinte" e o "receptor" (os parceiros do "locutor"). Tais funções dão uma imagem totalmente distorcida do processo complexo da comunicação verbal. Nos cursos de linguística geral (até nos cursos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos *ativos* da fala no locutor e dos processos *passivos* de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos *aspectos* reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o *todo* real da comunicação verbal se transformam em ficção científica. (BAKHTIN, 1997, p.290)

Desta forma, ao receber e compreender o discurso do outro, o leitor realiza a atitude chamada de *responsiva ativa*, isto é, o interlocutor, limitado por um contexto enunciativo, pensa na reposta que será dada ao outro e espera que esse outro aja ativamente, como numa conversa do cotidiano.

> ...o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa:* ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p.290)

Já a *compreensão responsiva passiva* requer, por exemplo, o atendimento e entendimento de uma ordem.

> A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. Uma resposta fônica, claro, não sucede infalivelmente ao enunciado fônico que a suscita: a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido (por exemplo, no caso de uma ordem dada)... (BAKHTIN, 1997, p.290)

No entanto, o que interessa para essa pesquisa é a *compreensão responsiva retardada* pois, neste caso, o aluno compreende o enunciado, mas guarda suas

ideias e somente irá expô-las posteriormente, num texto ou numa situação em que elas serão necessárias.

> uma compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte. Os gêneros secundários da comunicação verbal, em sua maior parte, contam precisamente com esse tipo de compreensão responsiva de ação retardada. O que acabamos de expor vale também, *mutatis mutandis,* para o discurso lido ou escrito. (BAKHTIN, 1997, p.290)

Na *compreensão responsiva retardada*, o aluno poderá interagir com o professor, assim como com os outros alunos e, inicialmente, reconstruirá suas ideias a respeito do assunto tratado; após esse momento, o mesmo aluno transforma o processo que antes era interpessoal em intrapessoal, começando a refletir sobre o que ouviu, relacionando essas ideias às suas próprias reflexões e, por último, transforma seu ponto de vista, utilizando o discurso dos outros, refletindo sobre seus atos, colocando em prática, por exemplo, por meio das críticas em seus textos.

Observa-se que as formas de compreensão decorrem de um processo, iniciando-se com a compreensão passiva, passando à compreensão retardada para, após essas etapas, chegar à compreensão ativa, a reflexão sobre o assunto, contribuindo para a produção de efeitos de sentido dos enunciados.

Aluno 1B

O primeiro parágrafo do texto do aluno 1B traz uma descrição das telenovelas (sequência descritiva) que tem a finalidade de criticar a mesmice desses programas, soando, inclusive, como uma ironia. É uma introdução que chama a atenção, pois ao final deste parágrafo observa-se "*Por mais que tenhamos...*" numa clara interlocução com o leitor. Tal afirmação faz com que esse leitor se pergunte o porquê da necessidade de acompanhá-las, se são todas bastante semelhantes?

A comparação com o Romantismo se dá por meio da trama que, na época das produções das resenhas, estava vigorando às 18h na Rede Globo. A presença de "mocinhos perfeitos", com qualidades e idealizações, tão característicos da escola literária estudada naquele momento, é representada por dois atores considerados belos e perfeitos.

Como os alunos tinham em mente que o público-alvo era formado pelos colegas da sala de aula, percebe-se o uso de um vocabulário coloquial, a fim de se aproximar do leitor, como em: "*se metendo em uma emboscada*". A interlocução com o público, uma das principais características do gênero, é percebida a todo o momento. Também, no início do terceiro parágrafo, há expressões que denotam novamente a interação com o leitor: "Nem é preciso assistir à novela..." ou em "Podemos dizer que Ester é uma mulher idealizada", isto é, procura a aceitação do leitor.

Como se fala em intertextualidade, é necessário mostrar o quarto parágrafo, que traz uma citação direta e tem por finalidade de comparar as heroínas da telenovela e do romance. *Ester* e *Iracema*, de José de Alencar, são descritas como belas e idealizadas, o que acaba aproximando as personagens, embora sejam de épocas bastante diferentes.

> Uma das personagens que marcaram esta escola literária foi Iracema, de José de Alencar, publicado em 1865. Ela assim como Ester era a mais bela de todas, descrita como: "Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talhe da palmeira". "O favo da jati não era doce como seu sorriso: nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado". Iracema trazia uma enorme conexão com a natureza, Ester por mais que esteja nos tempos atuais ela é uma mulher praiana, que sempre é comparada com a flor do caribe, e possui uma grande conexão com as belas praias da Vila dos Ventos.(1B-resenha após 1 ano)

O oitavo parágrafo se constrói predominantemente a partir da sequência argumentativa: o resenhista faz uma crítica a esses clichês que prendem a atenção dos telespectadores e são influenciados pela mídia.

> A Globo assim como outras redes de televisão, acaba atingindo toda a população e vendendo uma história de vida ideal, a felicidade, o amor e a beleza. Mesmo sabendo o fim de todas as histórias acompanhamos descontroladamente, é a novela das seis, sete, nove, onze e ainda não perdemos um capitulo. Mais por que isso acontece? Estamos dominados pela mídia, a maioria de nossos gostos vem influenciados por ela, perdemos a nossa vida para acompanharmos a dos outros, porque ela é mais interessante. (1B-resenha após 1 ano)

O último parágrafo faz uma crítica ao próprio leitor-telespectador: deveríamos ser mais "realistas"; procurar o que não é óbvio, "saltar do Romantismo para o Realismo". Passagens como "criamos isto [o final feliz] para sairmos um pouco da realidade e viver a vida dos outros" demonstram algumas das discussões feitas em

sala de aula acerca do período estudado. Observou-se, por exemplo, que a função dos folhetins no século XIX era entreter seus leitores, assim como nas novelas às quais assistimos na atualidade. Além disso, discutiu-se durante as aulas o porquê das novelas que são apresentadas no horário nobre serem as líderes em audiência: todos necessitam 'escapar' da realidade em algum momento. Esse é o horário apropriado.

Pode-se perceber que, embora o texto seja longo se comparado a uma resenha prototípica, o aluno 1B trouxe mais elementos de sequência argumentativa que descritiva, o que mostra uma amadurecimento argumentativo após um ano. O repertório construído durante as aulas de Literatura ajudaram-no a perceber que as novelas e os folhetins são bastante próximos, assim como pôde rever as características principais do gênero resenha.

Aluno 2B

O resenhista 2B comparou as protagonistas idealizadas do século XIX às do século XXI a partir de um seriado da TV americana "The Lying Game". Nota-se que houve respeito à ficha técnica da obra resenhada, dado que se coloca que é produzida pela *ABC Family* e transmitida, no Brasil, pela TV *Boomerang.*

A obra romântica escolhida para a comparação foi *Til*, de José de Alencar, dado que há uma heroína romântica bastante característica: Berta é a bondade e a beleza unidas. As informações acerca da obra são dadas pelo próprio resenhista:

> Til é um romance regionalista, um meio de os brasileiros conhecerem toda a extensão do Brasil. Pertencente à escola literária romantismo, escrito por José de Alencar e publicado em 1872, na forma de folhetim. (2B – resenha após 1 ano)

Tal leitura foi escolhida por ser obra obrigatória para os exames de ingresso das principais universidades do estado de São Paulo.

Tal texto, longo para ser uma resenha, trouxe mais elementos descritivos que argumentativos. No entanto, o último parágrafo traz uma comparação mais explícita entre as duas obras no que concerne ao Romantismo. Novamente, encontramos um questionamento que tem a finalidade chamar a tenção do leitor para a comparação feita.

> Mas qual é a relação de uma obra do séc. 19 com uma serie atual? É simples, a idealização, assim como Berta, Emma será uma protagonista idealizada por todos à sua volta, as pessoas apesar de pensarem que é Sutton, eles começam a gostar mais da “nova Sutton", esse sentimento é despertado por sua personalidade gentil e solidária. Assim percebemos que a idealização não ficou no passado, está mais vivo do que nunca, The Lying Game é um de muitos outros exemplos. (2B-resenha após 1 ano)

Aluno 3B

A resenha do aluno 3B segue um padrão de todos os textos produzidos por ele durante a sequência didática: há uma pergunta inicial que tem por objetivo instigar o leitor acerca de determinado tema. Portanto, a interlocução, tão característica da resenha, já se percebe neste fato:

> “Até que ponto você chegaria, só pelo bem de seus filhos?“, essa é só mais uma das principais ideias trazidas pelo grande e interessante conto de Machado de Assis, “Pai Contra Mãe˜. (3B-resenha sobre *Pai contra mãe*, de Machado de Assis)
> O que você faria se de um dia para o outro acordasse de um longo pesadelo e percebesse que havia se transformado num horrendo e asqueroso inseto? É envolvendo uma temática fantástica e incontestavelmente esquisita, que Franz Kafka escreve a sua mais conhecida obra, a Metamorfose. (3B-resenha sobre A Metamorfose”, de Franz Kafka)
> Até que ponto você quebraria barreiras e futuros planejados, para ir atrás de seus sonhos e sair das restrições impostas pelos seus pais ou responsáveis? Além de uma pergunta muito comum, essa é uma das principais temáticas relacionadas ao filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, longa metragem que particularmente considero um clássico. (3B- resenha sobre “Sociedade dos Poetas Mortos”)
> Você alguma vez já notou semelhanças entre as mulheres protagonistas de famosas obras literárias românticas, com as mulheres protagonistas de filmes e seriados atuais? Provavelmente sim, e se ainda não notou, vamos provar que existem semelhanças sim, e muitas, inclusive. (3B- resenha após 1 ano)

O terceiro parágrafo traz outra pergunta “Por que deveria eu saber sobre essas personagens...” para dar início à comparação feita entre filme e obra. A análise feita de ambas as provas começa apenas no quinto parágrafo: o romance *Til*, de José de Alencar, foi também o escolhido para a comparação.

A parte principal da comparação é feita a partir das características da mulher idealizada

> Tanto em Ruby Sparks como em Til, temos a inicial construção nas obras, de mulheres ideais, lindas, “na flor da juventude” como realmente se descreve Berta no primeiro capitulo, essas duas figuras femininas apaixonam homens que as veem como mulheres perfeitas, sem defeitos, são queridas pelos familiares e amigos, e não se envolvem em conflitos nem em brigas. (3B-resenha após 1 ano)

Ao final, percebe-se que seu discurso demonstra um progresso de construção autônoma, revelando-se um leitor/escritor em maturação. Desta forma, a compreensão do discurso escrito consiste no modo de orientação discursiva para os interlocutores. O autor acaba se orientando em função do seu leitor e a pergunta, vista como estratégia, acaba instaurando uma relação dialógica, bastante importante na escrita da resenha.

Com a análise dos trabalhos, passo para a parte final, fazendo considerações pertinentes à síntese dos resultados desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos estas considerações finais relembrando o objetivo inicial deste trabalho: após a leitura e utilização de diversos livros didáticos pela professora em sala de aula e observando os exercícios que procuram apresentar/facilitar a produção textual para os alunos do currículo básico, percebeu-se que há certa necessidade, para esses materiais didáticos, de que o aluno domine o gênero de forma imediata, não ficando explicitado que essa competência necessita de tempo e reflexão. O que se visa é o domínio o mais perfeito possível do gênero, sem tempo para a progressão, 'pois é a necessidade de dominar situações que está no centro da concepção', como afirmaram Dolz e Schneuwly (2006).

Sabemos, no entanto, que as escolas têm pouco tempo para apresentar os gêneros para a produção oral/escrita. Existe um planejamento que pré-determina o que os alunos deverão aprender/compreender até o final do semestre ou do ano, sem levar em consideração o que estes alunos já conhecem. Ao término do Ensino Médio, há o vestibular e estes estudantes produzirão textos, na maioria das vezes, de natureza argumentativa, para ingressar nos cursos superiores. Também existem avaliações, como o ENEM, que ranqueiam as escolas e se tornam uma fonte de preocupação para pais e professores. Assim, as aulas de redação, como são chamadas, visam apenas ao domínio de instrumentos pré-determinados para o (suposto) sucesso nesses exames.

Refletindo sobre esta forma mecânica de ler e produzir textos, buscamos outra via, mais operacional e complexa. A partir da teoria da sequência didática apresentada por Dolz e Schneuly (2006), criamos uma sequência para a recepção e produção de resenha crítica dirigida aos alunos da 1ª. série do Ensino Médio de uma renomada escola da zona sul de São Paulo. Para tanto, os alunos deveriam, ao final da sequência didática, produzir um *Diário cultural* a partir do gênero proposto, formado por resenhas críticas de peças de teatro, cinema e, principalmente, de obras lidas durante o ano letivo nas aulas de Literatura. O diário deveria ser apresentado à comunidade escolar ao final do ano, na Mostra Cultural organizada pelo colégio.

Para fins de comparação, foi necessário dividir os alunos em *turma A* e *turma B*. Não foi oferecida a oportunidade, para a *turma A*, de seguir a sequência didática durante a pesquisa: apenas após os resultados, no decorrer do mesmo ano letivo, deu-se a apresentação da sequência para estes alunos, a fim de que não houvesse prejuízo didático. Os alunos da *turma A*, neste caso, apenas produziram duas versões de resenha da obra “A Metamorfose”, de Franz Kafka: a inicial, depois da apresentação do tema, e a final, ocorrida após as observações da professora, como é sugerido na maioria dos livros didáticos disponíveis no mercado.

Trabalhar com uma sequência didática, como afirma Bazerman (2006), inicia-se no momento em que se escolhe o gênero que será trabalhado. O professor deve refletir sobre a escolha destes gêneros, optar por aqueles que não estão no cotidiano de seus alunos e que também serão necessários para o sucesso no âmbito acadêmico. Além disso, não devemos ignorar as percepções dos estudantes sobre a direção tomada por eles; devemos acompanhar o processo de escrita e, assim, fica justificada a necessidade da criação de uma sequência didática: verificar os progressos com relação à escrita dos textos e não apenas o seu resultado final. Ao perceber as dificuldades e facilidades, caberá ao professor desenvolver as capacidades de linguagem requeridas, a partir de módulos que facilitem o aprendizado. Devemos, primeiramente, conhecer as dificuldades e facilidades dos alunos para então tomar as decisões cabíveis, como preparar os módulos que guiarão este aprendizado. Os livros didáticos fazem o inverso: preparam as atividades sobre diversos gêneros sem conhecer as reais dificuldades dos alunos.

Como sabemos, são inumeráveis os gêneros discursivos que temos na atualidade e, por isso, não devemos nem podemos esgotar o estudo dos gêneros na sala de aula. Como foi colocado por Marcuschi (2002), a todo o momento observa-se a necessidade de criação de outros gêneros. O *Whats App,* por exemplo, apareceu com a emergência da comunicação rápida que caracteriza o mundo atual e digital. Mostrar aos nossos alunos que eles devem saber se comportar em quaisquer contextos de comunicação deve ser o mote seguido pelos professores de Língua Portuguesa.

O gênero resenha crítica foi escolhido por várias razões: por ser um gênero que apresenta sequências narrativas, descritivas e argumentativas; por ser de interesse dos alunos e, especialmente, por ser um gênero que circula na esfera

acadêmica. Trabalhos como de Fabrino (2008) e Cervera (2008) apontam para a importância do gênero no ambiente acadêmico e ressaltam que os alunos ingressantes na universidade não conhecem o gênero profundamente. Desta forma, faz-se necessário o trabalho já no Ensino Médio, a fim de preparar os alunos para a crítica e a análise decorrentes do universo acadêmico: os egressos do ensino básico deveriam saber ler e criticar, mas, muitas vezes, apenas vão conhecer o gênero no Ensino Superior.

Aqui cabe uma ressalva: consideramos que a resenha crítica é formada por sequências descritivas e, principalmente, argumentativas, e os alunos da 1ª. série ainda não estão amadurecidos o suficiente a ponto de criticar uma obra. Embora a sequência didática seja importante para apontar aos alunos e professores onde ainda há problemas, não podemos nos esquecer de que o repertório adquirido manifestado nas produções vem das leituras de mundo oferecidas aos educandos. No caso da pesquisa, percebemos que a análise prévia e a leitura cuidadosa dos textos que deveriam ser resenhados foram de extrema importância para ativar a competência crítica desvendada nas produções textuais.

Também foi de extrema importância a parceria entre as várias áreas do conhecimento: durante as aulas de Literatura, Geografia, História e Artes, os alunos tiveram a oportunidade de criar amplo repertório que embasou as críticas para obter êxito na escrita da resenha.

O que se observou a partir da análise das resenhas produzidas pelos alunos participantes da sequência didática é que, após um ano, houve um domínio maior do gênero. A segunda produção, ainda na 1ª. série, também fez com que fossem observados resultados melhores, tanto na utilização do vocabulário, como na parte crítica, o que corresponde à teoria bakhtiniana da atividade responsiva retardada, que mostrou que a necessidade de expor seus conhecimentos pode recuperar aqueles itens já estudados anteriormente, o que ocorre com frequência nos gêneros secundários, como afirma Bakhtin (1997).

Segundo o autor, toda comunicação verbal requer uma ação responsiva e isso confere à linguagem o seu caráter dialógico. O discurso é moldado a partir das exigências da produção: finalidade, conteúdo, estilo e vocabulário. No caso da resenha, temos sempre um interlocutor sedento por informações acerca de uma obra. No entanto, o que ocorre na maioria das vezes é que os alunos escrevem para

o professor, pois o ambiente da escrita se dá na escola e, embora se contextualize a situação, ainda sabem que o texto comporá uma nota e que será avaliado e não apenas lido.

Não poderíamos deixar de lado um comentário acerca da forma como os pais e alunos reagiram ao aviso de que leriam “A Metamorfose” e contos de Machado de Assis: no início do ano, pais e professores são apresentados numa reunião de integração, a fim de mostrar os pontos essenciais da matéria e foi neste contexto que receberam a lista de livros paradidáticos do trimestre. Muitos pais me questionaram acerca da faixa etária, já que julgaram que as obras escolhidas eram demasiado difíceis e metafóricas para seus filhos. Embora fossem obras repletas de figuras de linguagem e subentendidos, é no Ensino Médio que os alunos devem aprofundar suas leituras com a ajuda do professor. A leitura prévia e análise detida foram essenciais para o progresso dos educandos. Ampliar o conceito de verossimilhança, por exemplo, foi uma preocupação antes da leitura da obra. O que se observa, portanto, é a importância da integração das áreas, inclusive das partes que as escolas insistem em fragmentar, como Literatura e Produção textual.

Neste contexto de exames e leituras, cabe ressaltar que a Comvest (responsável pelo vestibular da Unicamp), deixa bem claro que a diversidade dos gêneros cobrada em seus vestibulares (desde 2008) tem por finalidade avaliar, com mais precisão, os alunos que tentam ingressar nos cursos oferecidos pela universidade: as pessoas não escrevem bem em todas as situações de interlocução e a Comvest, percebendo essas fragilidades, sugere dois temas de gêneros diferenciados, com situações do cotidiano, ampliando-se assim as formas de expressão e, consequentemente, há a variação das notas. Tal ação também vem ao encontro do assunto já ressaltado nestas considerações finais: apenas preparar os alunos para escrever as dissertações de vestibulares não necessariamente os levará ao sucesso no âmbito acadêmico ou em outros momentos da vida. Devemos prepará-los para o sucesso nas várias formas de comunicação.

Retomamos Marcuschi (2002) que observa que a língua é tida como forma de ação social e os gêneros, como ações constitutivas do mundo: para dizer e agir sobre ele. E é para isso que preparamos nossos alunos, para que possam agir, criticar, analisar, pensar sobre a sociedade em que vivem.

Em face do exposto, acreditamos que é preciso também criar situações que provoquem o posicionamento do aluno com base nas suas leituras, para que sua escrita não corra o risco de “dizer nada a ninguém, por nenhuma razão em particular” (BAZERMAN,2006, p.15). Desse modo, capacidades referentes à intertextualidade, ao plano global, à utilização de adjetivos e expressões adjetivas, compreendem não só o processo de escrita, como também a leitura, pois é na escrita que a leitura é revelada.

Percebemos, ao nos deparar com os resultados da pesquisa, que os alunos necessitam desta intervenção, deste acompanhamento, deste trabalho de construção e reconstrução do texto e das várias leituras e análises que devem ser feitas para que alcancem a autonomia em sua escrita , tarefa que vai além do mero sucesso nos exames vestibulares.

A proposta para a produção e recepção do gênero resenha crítica ou quaisquer outros gêneros deve se preocupar, primeiramente, com o contexto de produção. Em nosso caso, escrever para pais e alunos trouxe uma responsabilidade para estes resenhistas. Eles não podem se esquecer de que não será apenas a professora que lerá seu texto, mas também uma comunidade pré-determinada.

Não podemos deixar de lado que o início dos estudos sobre resenha se deu com textos que os próprios alunos trouxeram para a sala de aula, sobre filmes que eles conheciam e admiravam. A resenha feita um ano depois também considerou obras a que estes alunos assistiam em seus momentos de lazer. Com o contexto de produção, elaboram-se as sequências que desenvolverão as capacidades de comunicação dos alunos. Essa pode ser uma estratégia para diminuir os problemas facilmente perceptíveis nas produções, inclusive dos concluintes do Ensino Médio.

Após esta pesquisa, elaboramos e reelaboramos outras sequências didáticas para diversos gêneros, dentre eles crônica, conto, notícia e carta argumentativa, respeitando o público-alvo de cada SD, assim como o tempo destinado às sequências. Infelizmente, o tempo é sempre muito escasso, mas devemos, a cada aula, seja ela de Literatura ou Gramática, mostrar formas de melhorar e organizar os textos, como nos aconselha Carlos Franchi em “*Mas o que é mesmo Gramática*?”: exemplos de como trabalhar as mesmas sentenças sintáticas, com vistas a deixar clara sua afirmação.

Encerro este trabalho com a certeza de ter havido em mim uma mudança significativa como pesquisadora como professora. A pesquisa me ajudou a perceber que há a necessidade do conhecimento e compreensão da teoria para que as modificações e interferências tragam resultados satisfatórios. Também pude perceber que os alunos não precisam aprender nada de imediato. A educação, a aprendizagem são processos e é nossa obrigação acompanhar esses processos e contribuir para o progresso dos alunos. O resultado, no caso desta pesquisa, veio apenas um ano depois. Todos precisaram de um tempo para compreender o que era e como se produzia resenha.

Não podemos nos esquecer também de que nosso primeiro momento de análise das obras literárias foram feitas oralmente, num momento de diálogo entre as partes. Questões foram respondidas e outras deixadas para reflexão. Os alunos ficaram à vontade, num semicírculo, para debaterem os problemas de Gregor Samsa, Candinho, Mônica e de outros personagens estudados por eles. Por isso, antes da produção escrita, precisamos promover o diálogo e o debate para que haja, de fato, uma modificação na relação entre o ser e a língua; que não seja apenas ‘mais uma redação que a professora pediu’.

Finalizo este trabalho esperando que ele possa contribuir para futuras pesquisas na área de gêneros e sequências didáticas, a fim de preparamos melhor nossos alunos para todos os momentos em que precisarem fazer uso da linguagem escrita ou oral e para torná-los capazes de defenderem seus princípios e seus papéis na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M.L. *Produção de Texto - Interlocução e Gêneros*. Ed. Moderna

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Editora Cortez. 2ª. ed. 2008.

ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. *Resenha*. São Paulo: Paulistana, 2009. (Coleção Aprenda a Fazer)

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: 50 contos de Machado de Assis: seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____.*Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.*

BAZERMAN, C. *Escrita, gênero e interação social*. Judith C. Hoffnagel; Angela Paiva Dionísio. (Org.) São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Gênero, Agência e Escrita*. Judith C. Hoffnagel; Angela Paiva Dionísio. (Org). São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Judith C. Hoffnagel; Angela Paiva Dionísio. (Org). São Paulo: Cortez, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. *Gêneros do discurso na escola*. Mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Editora Cortez, 2000. *v. 5*.

_____. *Estilo, gêneros do discurso e implicações didáticas*. Disponível em <www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand003.pdf> Acesso em 30.03.2013

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo sociodiscursivo.* (Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha). São Paulo: EDUC, 2003.

_____ *O agir nos discursos*. (Trad. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio). São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

CAMPS, Anna e COLOMER, Teresa. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CASTILHO, A. T. de. *Teorias Linguísticas e Ensino da Gramática, Diário de Classe 3, Língua Portuguesa.* São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, pp. 17-28.

CERVERA, Maria Christina da Silva Firmino. *O ensino-aprendizagem do gênero resenha crítica na universidade*. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP. 2008.

DEWEY, J. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural,1980.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A.(Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, J.,M NOVERRAZ, M., e SCHNEUWLY,B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUFOUR, Dany- Robert. A arte de reduzir as cabeças. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FABRINO, Ana Maria Junqueira. *O lugar dos lugares - a escrita argumentativa na universidade.* 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador:Norma Seltzer Goldstein.

FIORIN, J.L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e Gramática. In: *Mas o que é mesmo gramática*? Parábola Editorial. São Paulo. 2006.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer e SANT'ANNA ROSA, Marinez Dias. *O texto na sala de aula: algumas propostas*. Editora Ática, 1994.

ILARI, Rodolfo. *Linguística e o Ensino da Língua Portuguesa*. 5ª. edição, 2001.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Die Verwandlung – Mit einem Kommentar von Vladimir Nabokov*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1986.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo Redes nos Projetos da Escola. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; ELIAS, *Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual.* São Paulo: Contexto, 2009.

LÍNGUA PORTUGUESA, ano II, n. 19, 2007.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté, São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MACHADO, Anna Rachel. *A organização sequencial da resenha crítica*. The Specialist, v. 17, n. 2, p. 133-149, 1996

MACHADO, A.R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L.S. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004a.

_____. *Resumo*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MOTTA- ROTH, Désirée. Redação acadêmica: princípios básicos. Santa Maria, RS: UFSM/ Imprensa Universitária, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso da Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.

NOCCHI, Vítor. *A potencialização da leitura na era do audiovisual*. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (org.). Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.

ORLANDI, E.P. & GUIMARÃES, E.J. in: *Texto, leitura e redação*. São Paulo: CENP/SEE, 1985.

PEDRO, E.R.(org.) *Análise Crítica do Discurso - Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Alfragide: Editorial Caminho. 1998

PLATÃO, F. S. & FIORIN, J. L. Resumo. In: *Para entender o texto: leitura e redação*. SãoPaulo: Ática, 2000.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar Gramática na Escola*?. Campinas, Mercado Letras, 2000, 6ª.ed.

SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C. e RÖSING, Tania M. K. *Mediação de leitura: discussão e alternativas para a formação de leitores.* São Paulo: Global, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O que é um ensino de Língua Portuguesa centrado nos gêneros?*. In Anais do SIELP. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 509-519.

ANEXOS

1A-RI

Resenha: Metamorfose

No livro interessante "a metamorfose", de Franz Kafka, a história de "A metamorfose" se passa na Europa dos anos 1910. gregor era caixeiro-viajante, e a profissão, para ele, preenchia toda sua vida. Isso porque ele trabalha por si próprio, pelo pai, pela mãe e pela irmã. Ele era apoiado pela família, na realidade todos apoiavam pois ele é quem os sustentava. Até que gregor acorda transformado num inseto. Então o pai volta a trabalhar, a casa tem que receber hóspedes e até a irmã tem que trabalhar. Além disso as relações familiares sofrem alterações. Para o pai gregor é um imprestável, para a mãe objeto de repulsa, até a irmã passa a ser um empecilho.

Este livro retrata a vida triste de gregor, que é metamorfoseado, este livro faz uma reflexão da sociedade atual, que é egoísta, só pensa em si mesmo. Vale a pena ler é muito interessante e nos faz refletir muito.

1A-RF

Quem tem é apoiado

O livro ”A metamorfose”, de Franz Kafka, se assa na Europa dos anos 1910, e conta a história de gregor, um caixeiro-viajante, para ele o trabalho é tudo.

Isso pois ele não trabalha por si só e sim pelo pai, mãe e irmã. gregor era apoiado pela família toda, afinal de contas, ele é quem os sustentava.

Um dia, gregor acorda metamorfoseado e, portanto não pode ir trabalhar, então todos da família voltam a trabalhar. Além disso as relações familiares mudam, para o pai gregor é imprestável, para a mãe era um objeto de repulsa, até para a irmã ele passa a ser um empecilho.

A metamorfose é um livro que faz o leitor refletir sobre a sociedade atual, que é egoísta, so pensa em si próprio. É um livro muito interessante, pois faz você trabalhar com este lado de reflexão pessoal sobre a vida e atos.

Livro: A metamorfose

Autor: Franz Kafka

Editora: Cia das Letras

Número de páginas: 85

Versão: 27ª.

Escrito em: 1912

2A-RI

O livro “A metamorfose”, escrito por Franz Kafka, conta a triste historia de Gregor Samsa, que na maior parte de sua vida trabalhava para sustentar sua família inteira, seu pai aposentado, sua mãe que sofre de asma e cuida dos serviços domésticos auxiliada por Ana e Grete sua irmã que sonha em ser violinista.

Gregor sente muita pressão do pai, por ele ser quem sustenta a família, e para o pai e mãe é so para isso que ele serve, sua irmã é a que mais se preocupa com Gregor.

Um dia Gregor acorda se sentindo estranho. Samsa percebe que ele perdeu seu trem que o levaria para o trabalho por isso vai ao quarto dele chama-lo, quando Gregor tenta responde-la ele estranha sua própria voz. Até seu chefe vai até la e o ameaça de perder o emprego até mesmo na frente dos seus pais. Até que alguém consegue abrir a porta, e eles se deparam com um bixo asqueroso e grande em queele havia se transformado. Podemos analisar está história com a própria vida pessoal de Kafka e seu péssimo relacionamento com seu pais.

Uma história maravilhosa que associa o psicológico do ser humano que surge diante da pressão da vida cotidiana, atravéz de um realismo impressionante. Gregor ao sentir-se impotente diante das cobranças de suas famílias vai sendo dominado pela insegurança até chegar a condição de inseto.

Você vai se emocionar e chocar-se ao ler esta incrível história de Gregor Samsa.

2A-RF (1/2)

O homem que virou inseto

O livro “A metamorfose”, escrito por Franz Kafka, editado pela Cia. Das Letras, escrito em 1912, contaa triste história de Gregor Samsa, que na maior parte do tempo trabalhava para sustentar toda sua família.

Seu pai era aposentado, e sua mãe era quem cuidava dos serviços de casa, auxiliada por Ana e Grete, a filha que sonhava em ser violinista.

Gregor se sentia pressionado pelo pai, pois eles dependia dele para sobreviver, seus pais o desprezavam, e só o usavam, pois para eles só para ganhar dinheiro que ele servia. A única que realmente se importava com ele, com sua vida e saúde era sua irmã Grete.

Um dia Gregor acorda, e se sente meio estranho, como se algo estivesse errado, diferente.

Sr. Samsa se da conta da conta da hora, e percebeu que Gregor perdeu seu trem para chegar ao trabalho, então ele vai acorda-lo, ele bate na porta, e Gregor não responde, ele tenta responder seu pai, mas estranha sua voz.

Seu chefe percebe sua ausência e vai até a sua casa para entender porque ele está faltando no trabalho, ele bate na porta e o ameaçade perder seu emprego.

Até que alguém consegue abrir a porta, e eles se deparam com um bixo asqueroso e grande em que Gregor se transformou.

Esta história reflete um pouco a própria vida pessoal de Kafka e seu péssimo relacionamento com seu pai.

Uma história maravilhosa que associa o psicológico do ser humano que surge diante da pressão da vida cotidiana através de um realismo impressionante.

Gregor ao sentir-se impotente diante das cobranças de sua família vai sendo dominado pela insegurança até chegar a condição de inseto. Se arrisque a se emocionar, lendo está incrível história sobre a triste história de Gregor Samsa.

3A-RI

Resenha do livro “a Metamorfose”

O autor conta a história de Gregor, um jovem trabalhador que vivia com sua família a qual era composta por seu pai, sua mãe e sua irmã. Gregor era quem sustentava sua família, era quem colocava a comida na mesa.

Um dia, Gregor, acorda de “pesadelos monstruosos”, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto, que de acordo com as características apresentadas na historia, se da a entender que é uma barata.

Como dito, pelo autor Franz Kafka, Gregor não era muito amado por sua família, seus pais não reconheciam seu esforço no trabalho. Da noite para o dia, Gregor passou a ser um jovem execrável e nojento do qual toda sua família sentia vergonha. Essa vergonha era tão grande que seus pais o escondia no seu próprio quarto, e chegavam a pensar que ele deveria morrer, pois ele era incapaz de fazer qualquer coisa.

Nesse Livro Kafka faz uma crítica (análise), sobre os seres humanos e sobre o valor sentimental que faz a diferença em uma pessoa, ele mostra como Gregor, perde o pouco que tinha no valor sentimental, e ele mostra que se uma pessoa é diferente ela concerteza sofrerá algo que chamamos de bullying. A final de contas, chego a conclusão que essa história foi escrita para passar uma mensagem que pode ser resumida em uma só palavra “preconceito”. E um bom livro, recomendo e gostei muito.

3A-RF

O começo do fim

O autor do livro, ("A metamorfose"), conta a história de Gregor, um jovem trabalhador que vivia com sua família, composta por seu pai, sua mãe e sua irmã. Gregor era quem sustentava a família, ele colocava a comida na mesa, para todos, e não era nada reconhecido por isso. Franz Kafka, escreveu o livro em 1912, a editora "Cia das Letras", publicou a versão no. 27 desse livro, uma versão curta com apenas 85 páginas.

Um dia Gregor acorda de "Pesadelos Monstruosos", encontra-se em sua cama metamorfoseado em um inseto, que de acordo com as características apresentadas na história, se dá a entender que é uma barata. Após se transformar, o garoto se quer saía do seu próprio quarto e ao longo da história, o lugar vai se transformando, primeiro os móveis são retirado e mais tarde na história o quarto dele vira um ambiente que pode ser comparado com um porão, tudo sujo, feio e o resto do que não prestava era jogado lá.

Como dito, pelo autor, Gregor não era muito amado por sua família, e "Da noite para o dia", gregor passou a ser um jovem muito execrável e nojento, do qual toda sua família sentia vergonha. Essa vergonha era tão grande que seus próprios pais desejavam a sua morte, pois a final, ele era incapaz de fazer qualquer coisa.

Nesse livro, Kafka faz uma (crítica) analise, sobre os seres humanos e sobre o valor sentimental que faz a diferença em uma pessoa, ele mostra como Gregor, perde o pouco que tinha no valor sentimental, e ele deixa claro que se uma pessoa é diferente ele com certeza sofrerá, algo que chamamos de bullying.

Afinal de contas, chego a conclusão que essa historia foi escrita para passar uma mensagem que pode ser resumida em uma só palavra, "preconceito".

1B-RI

A Metamorfose dos sentimentos

“A Metamorfose”, escrito por Franz Kafka, traz uma história um tanto perturbadora, de Gregor, um homem que se transforma em um inseto asqueroso, Quando li imaginei que era uma barata, pela rica descrição que o autor realiza sobre o estado fisico e mental em que Gregor se encontrava.

Além da figura de Gregor, aparece a família, um tanto estranha. A mãe, o pai e a irmã, possuem apenas uma ˜relação de intereces˜ com o filho. Percebe-se logo no início da trama que Gregor era a fonte de sustento da família, quando se encontra impossibilitado para trabalhar, oreigetão, e acabam não ajudando com o grande problema físico de Gregor.

A vida de Gregor em seu quarto em seu quarto se torna cada vez mais triste, com a rejeição cada vez mais explicitas por parte da família, o quarto é o centro da trama de reflexões realizadas por Gregor que mesmo sendo um inseto não perdeu a capacidade de pensar. Além de cenas triste, de como um pai pode odiar seu próprio filho. Este desgosto que a família tem sobre Gregor da um ar sombrio ao livro.

O livro de 86 paginas, editado pela companhia das Letras, não seria uma historia que me atrairia a ler. Mesmo sendo muito bem escrito por Kafka, que tem como principio que uma obra só é boa mesmo se te deixar uma ferida ao final dela. Tem seus bons momentos em que o autor faz você pensar, porém para entender realmente a mensagem é necessário uma análize com alguém que entenda do assunto. Se anão a história ficará sem sentido para você leitor, e podendo muitas vezes ser intediante.

1B-RESENHA 02

Pai Contra Mãe

O conto ”Pai contra mãe”, foi escrito por Machado de Assis, que está em um de seus livros “50 contos de Machado de Assis“, da editora Companhia das letras (2007).

Este conto traz uma história de um homem, Candido Neves (personagem principal), que se casa com Clara, e que não se encontra em uma boa situação financeira. Era um trabalho difícil e que não trazia uma estabilidade, ser caçador de escravos naquela época era humilhante para um branco.

No meio desta crise familiar sua mulher engravida. Ja amando seu filho o conto se desenrola na angústia de um pai que não tem dinheiro para sustentar seu filho, sendo levado a ter de deixa-lo em um abrigo.

Um conto cheio de surpresas, e um final polemico, bem característico.

Se você aprecia este autor, ou mesmo que não goste, recomendo a todos, pois traz uma reflexão e novos conceitos. Um conto curto e fácil de ler.

Não deixe de ler também o libro de contos Machadianos, você vai adorar.

1B-RESENHA 03

Carpe Diem

Resenha do Filme: A sociedade dos poetas mortos.

A comédia dramática, “A sociedade dos poetas mortos”, dirigido por Peter Weir, lançada na década de 90,trousse grande polêmica.

A história se passa em 1959, em um tradicional internato para meninos. Era uma escola preparatória que trazia princípios de submissão por parte dos alunos, não os permitindo que eles questionem novas ideias e nem que possam escolher seu próprio futuro profissional. Esta situação é bem representada pelo personagem Neil, interpretado por Robert Sean Leonard, um aluno da academia que deseja largar o currículo escolar para virar ator, e seu pai nega seu pedido, o impedindo de viver seu sonho.

Porem no meio deste cenário de repressão a novas ideias chega um professor de literatura chamado Keating, interpretado brilhantemente por Robin Williams, que traz conceitos polêmicos às salas de aula, ensinando aos alunos a pensarem sozinhos, questionarem, opinarem e o mais importante apreciar a poesia.

Curiosos com os pensamento e ideais do novo professor sete alunos, entre eles o líder Neil fundão uma espécie de grupo secreto, chamado: sociedade dos poetas mortos, tal grupo que seu professor havia criado quando jovem. Seus pontos de encontro eram uma caverna próxima ao colégio, no qual liam refletia e discutia sobre determinado poema.

A partir desse ponto os alunos começam a se impor, é evidente que a escola acaba não aceitando estas novas ideias.

Estes sete alunos, encorajados pelo seu professor aprendem a seguir seus sonhos, principalmente Neil que acaba realizando um teste para ser protagonista de uma peça de teatro, sem o conhecimento de seu pai.

A história se desenrola em cenas emocionantes e intrigantes. Ela desperta a vontade de se opor e dizer o que pensa. É incrível como os alunos criam uma relação de respeito e gratidão com o professor, o chamando de “Oh Capitão, meu Capitão”.

Este filme merecedor dos prêmios ganhados, fala da importância que tem de formar grandes pensadores. É de sair da sala do cinema chorando. Você vai se surpreender e se envolver com cada um dos personagens. Eu recomendo.

1B-RF

A Metamorfose dos sentimentos

“A metamorfose“, escrito por Franz Kafka, traz uma história um tanto perturbadora, de Gregor, um homem que se transforma em um inseto asqueroso. Quando li imaginei que era uma barata, pela rica descrição que o autor realiza sobre o estado físico e mental em que Gregor se encontrava.

Além da figura de Gregor, aparece sua família, a mãe, o pai e a irmã Grete, Os pais são um tanto estranhos pois quando descobrem, logo no inicio da trama, que seu filho esta metamorfoseado, o regeitão em vez de ajuda-lo.

Sua irmã é a única que o apoia. Isto é mostrado nas cenas em que Grete leva comida para seu irmão, tentando sempre achar o que mais lhe agradava.

Percebemos que no início da historia quando o gerente de Gregor vai procura-lo pois não havia aparecido no trabalho, que seus pais não se importavam se o filho estava bem ou não, e sim se ele iria trabalhar para sustentar sua família, era uma perfeita relação de interesse entre um pai e um filho.

A maioria da história se passa no quarto de Gregor que vai se metamorfoseando com ele: A irmã e a mãe tiram os móveis para melhor locomoção, porém conforme ele se transforma os sentimentos da irmã também se modificam, ela começa a ficar com medo dele, isto é mostrado quando Gregor deixa se mostrar para a mãe que acaba entrando em colapso nervoso.

Depois da rejeição da irmã e a rejeição explicita de seu pai, o leitor começa a se sentir mal, vivendo aquela história triste, de um homem em seu quarto sombrio, que mesmo sendo um inseto não perde a capacidade de pensar, fazendo com que sua dor seja cada vez maior.

O livro de 85 páginas (versão 27a.), editado pela Companhia das Letras, lhe deixa uma ferida, te marca de uma forma não muito prazerosa.

É um livro difícil que não é para qualquer um, muita coisa da história esta escrita nas entrelinhas, e é estas mensagens ocultas que deixam o livro com o sucesso e prestigio que tem agora.

Se você é um leitor atento e consegue desvendar uma historia cheia de complexos, este livro é perfeito para você.

1B-RESENHA APÓS UM ANO

A obviedade atrás das telas

"Era uma vez uma mocinha, a mais linda de todas, que se apaixona pelo mocinho, um homem perfeito, cobiçado por todas, ai vem o vilão e rouba à mocinha ela fica com ele por um tempo, mais o amor sempre vence e ela acaba ficando novamente como o mocinho". Esta história por mais que simplificada, está em todas as tramas, seja em novelas quanto em filmes e séries. Por mais que tenhamos ciência do fim, ainda acompanhamos diariamente a história dessas diferentes “mocinhas".

A nova novela das seis, que passa na Rede Globo, "Flor do Caribe", é o exemplo tradicional que sabemos o inicio o meio e o fim. A personagem principal Ester, interpretada por GraziMassafera, é a típica mulher linda, loira de olhos verdes, corpo perfeito, a cor morena, é de família direita, possui um bom coração, fundou uma ONG, que ajuda crianças, e o mais importante seu amor é disputado pelos dois homens. Um é o mocinho Cassiano, interpretado por Henri Castelli, tem olhos azuis um belo corpo, todas ”caem" aos seus pés mais ele só tem olhos para a sua amada Ester. Cassiano acaba se metendo em uma emboscada armada por Alberto, interpretado por Igor Rickli, o vilão que faz de tudo para ter a sua amada, o famoso amor obsessivo.

Nem é preciso assistir à novela para saber o final da história. Podemos dizer que Ester é uma mulher idealizada, como aquelas do Romantismo; que tinha como uma de suas características principais, a mulher idealizada, perfeita com a beleza fora do comum, não cometia erros e, se cometesse, era apenas por amor. Além da obviedade no final por mais que acontecem inúmeros problemas no fim acabava tudo bem.

Uma das personagens que marcaram esta escola literária foi Iracema, de José de Alencar, publicado em 1865. Ela assim como Ester era a mais bela de todas, descrita como: ”Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talhe da palmeira”. "O favo da jati não era doce como seu sorriso: nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado". Iracema trazia uma enorme conexão com a natureza, Ester por mais que esteja nos tempos atuais ela é uma mulher praiana, que sempre é comparada com a flor do caribe, e possui uma grande conexão com as belas praias da Vila dos Ventos.

As semelhanças não param por ai suas histórias de vida são bem semelhantes. As duas se apaixonam e acabam engravidando deste homem. Após engravidarem são abandonadas, e os pais não sabem da gravidez delas. Ester é deixada, pois Cassiano acaba levando um golpe de Alberto e acaba ficando preso. Já Iracema uma índia, se apaixona pelo homem branco, Martin, que a deixa para se casar com a mulher prometida em Portugal. Durante a gravidez as duas recebem ajuda de amigos. Ester recebe o apoio

de Alberto, que esta ali para conquistá-la. E Iracema recebe a ajuda de um amigo da tribo inimiga, um pitiguara.

Por mais que a história de Iracema não tenha acabado bem, pois ela acaba morrendo no final, no romance seu amado acaba voltando, e descobre que tem um filho, e ela o perdoa por tê-la deixado, mesmo com a morte dela seu filho acaba sendo levado para Portugal e cuidado pelo pai. Ainda não sabemos o fim de Flor do Caribe, mais na trama Cassiano consegue fugir da prisão reencontra Ester e descobre que tem um filho, e que deseja cuidar dele.

Podemos comparar as novelas de hoje em dia com os romances românticos do século XIX. Estamos repetindo o conceito, das histórias com a mulher idealizada, o herói principal, e de que tudo acaba bem no final. Criamos isto para sairmos um pouco da realidade e viver a vida dos outros.

A Globo assim como outras redes de televisão, acaba atingindo toda a população e vendendo uma história de vida ideal, a felicidade, o amor e a beleza. Mesmo sabendo o fim de todas as histórias acompanhamos descontroladamente, é a novela das seis, sete, nove, onze e ainda não perdemos um capitulo. Mais por que isso acontece? Estamos dominados pela mídia, a maioria de nossos gostos vem influenciados por ela, perdemos a nossa vida para acompanharmos a dos outros, porque ela é mais interessante.

Mas onde está a graça disso tudo, teremos mais mil novelas como a Flor do Caribe, iguais aos mil romances românticos escritos Será que não esta na hora de sermos um pouco mais realistas, não é mais legal não sabermos o final? Sermos pegos de surpresa a todo o momento, e termos um fim que nos marque e que seja revolucionário, não mais um fim "felizes para sempre". Podíamos seguir como as histórias literárias, que do Romantismo vai para o Realismo. Vamos procurar o não óbvio para nos inquietarmos.

2B-RI

Um livro que me metamorfoseou

A Metamorfose de Franz Kafka realmente não seria o primeiro livro que logo de cara me interessaria por ler, ainda mais pela primeira frase dele: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontro-se metamorfoseado num inseto monstruoso.”

O livro me parecia fantasioso e fantástico demais no começo. Mas como não se desiste de ler um livro logo na primeira sentença continuei a ler o livro; a cada pagina virada aquela novela de realismo fantástico, parecia me prender e interessar cada vez mais e mais.

A cada linha lida se entende que a história não é apenas sobre um homem que acorda metamorfoseado em uma aparente barata mas sim se entende que toda essa história incrível é apenas o primeiro plano dela.

Neste livro podemos fazer duas leituras, uma mais superficial que é essa de só ver a história como a de um homem que vira uma barata. E pode-se ler de uma segunda forma, forma essa que tento descrever a várias linhas.

Essa segunda fora é de entender que essa metamorfose de Gregor foi muito mais mental do que física, muito mais interna do que externas.

Ele acorda na primeira sentença do livro de sonhos intranquilos, portanto do pesadelo de ser dessa família, que só o vê com fonte de dinheiro e trabalho. A metamorfose foi só uma maneira de ir se “desligando” da família, e ela dele também.

A metamorfose foi mais mental porque mudou sua forma de ver a família, ele mesmo, o trabalho e de entender as coisas.

Este livro da companhia das Letras, que eu simplesmente adorei!! e recomendo que leiam, leiam todo e pensem no que ele significa e diz para você e não parem na primeira frase.

2B-RESENHA 02

Resenha Crítica “Pai contra mãe”

“Pai contra mãe”, uma história de Machado de Assis, passada na época da escravatura, conta a história de Cândido Neves um “caçador” de escravos por recompensas, sua mulher Clara e a tia de Clara, Mônica.

No decorrer da história Clara fica grávida, porém a família não tem dinheiro para sustentar a criança, surge a idéia por parte de tia Mônica de entregar a criança para a roda dos enjeitados; Cândido Neves não concorda e fica bravo.

Ele (Cândido) tenta de tudo para que seu filho não seja mandado para a roda, tenta “caçar” vários escravos, mas não tem sucesso, não quer por nada desistir do seu filho, na última hora ele consegue dinheiro e não perde seu filho.

É uma história muito interessante que mexe muito com escolhas pessoais, com escolhas que mudam vidas.

Escolhas feitas e pensadas a favor próprio e não do outro.

Uma história que deixa um suspense no ar, uma “angústia” em saber o fim, uma história que te prende, envolve e questiona.

2B-RESENHA 03

Sociedade de valor.

"Sociedade dos poetas mortos" um filme do género dramático de 1989 dirigido por Peter Weir se passa em um tradicional internato para rapazes, a Academia Welton, de valores e principios como: tradicição, disciplina e honra.

Porém com a chegada do professor de poisia nem um pouco ortodoxo, John Keating esses valores são quebrados e abre-se um novo mundo para alguns de seus alunos por meio da poesia e das artes.

Sete de seus alunos ficam mais interessados em suas propostas inovadoras e na ideia introduzida por ele do "Carpe Diem", esses alunos recriam a sociedade dos poetas mortos, um grupo de estudantes que Keating em sua época como aluno de Welton criou com seus amigos, eles se reuniam ao anoitecer em uma caverna na propriedade do colégio para ler e recitar poesia.

O aluno Neil que faz parte do grupo dos poetas mortos é apaixonado pelas artes, gosta de poesia e de teatro, porém seu pai não aprova essa sua paixão. Neil vai contra seu pai e decide em segredo fazer teatro, seu pai descobre e decide tirá-lo da Academia Welton e o mandar para um colégio militar, decidindo o futuro de seu filho. Neil não enxergando outra saída comete suicídio.

Com os pais de Neil revoltados a Academia Welton acusa Keating de ser responsável pelo suicídio do garoto, alegando que seus métodos de ensino provocam rebeldia e irreverência nos alunos. Assim John Keating é expulso da instituição e o diretor conservador e tradicional assume as aulas de Keating.

Mesmo com sua expulsão, ao final do filme vemos que os valores de Keating marcaram e foram passados aos alunos quando eles sobem em suas mesas e gritam "O capitão, Meu capitão".

O filme sociedade dos poetas mortos recebeu varias indicações tanto do Globo de Ouro quanto do Oscar, e até ganhou um oscar com melhor roteiro original. É um filme que trabalha com as ações e percepção de mundo de várias pessoas, suas relações e valores. Mostra também como o professor é uma figura ativa e importante para o aluno, o quanto suas palavras podem influenciar. Um filme que faz pensar sobre o que você quer e gosta de fazer indiferentemente do que acham que é o melhor para você, um bom filme para ser passado em sala de aula, não apenas para trabalhar resenha, mas também valores sociais, pessoais e de conduta. Mesmo com um final trágico o filme é maravilhoso e não prejudicou o filme ou meu julgamento sobre ele, ótimo enredo e atores, recomendo que todos vejam.

2B-RF

Um livro que me metamorfoseou

“A metamorfose” de Franz Kafka (1912) pela editora Cia das Letras, realmente não seria o primeiro livro que logo de cara me interessaria por ler, ainda mais pela primeira sentença dele: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se metamorfoseado num inseto monstruoso”.

O livro me parecia fantástico e fantasioso demais no começo. Mas como não se desiste de ler um livro logo nas primeiras linhas; a cada página virada aquela novela de realismo fantástico, parecia me prender e encantar cada vez mais e mais.

A cada linha lida percebe-se que a história não é apenas sobre um homem que acorda metamorfoseado em uma aparente barata, mas sim se vê que essa história não é apenas sobre um homem que acorda metamorfoseado em uma aparente barata, mas sim se vê que essa história inicial é apenas o primeiro plano dela.

Neste maravilhoso livro podemos fazer diversas leituras e interpretações, algumas mais superficiais, como ver que a história é só de um homem que simplesmente se torna uma barata da noite para o dia, e outras mais profundas e complexas.

Na primeira sentença do livro Gregor acorda de “sonhos intranquilos”, portanto do pesadelo de pertencer a essa família, família que o “explora” e o usa.

E a cada sentença é visível que Gregor vai se “desligando” cada vez mais de sua família; um exemplo dessedezligamento é a tão famosa cena da maçã, quando o senhor Samsa atira uma maçã em seu filho, agora como barata.

Ao final do livro fica aquela ponta de dúvida, se Gregor realmente virou uma barata, ou foi a forma de como o viram e ele mesmo se viu e sentiu.

Este livro incrível e de rápida leitura me encantou, eu simplesmente adorei, trabalha com relações humanas e outras coisas, recomendo a leitura a todos.

2B-RESENHA FEITA APÓS UM ANO

Idealização do século 21

A existência de protagonistas idealizadas não ficou no passado, nos livros romanticos escritos no séc. XIX, mas são encontrados, ainda no séc. XXI, em livros, series e filmes. Como é possível observar na série norte-americana, The Lying Game, produzida pela ABC Family, que é transmitida aqui no Brasil, pelo canal pago Boomerang.

A série, baseada em uma série de livros de Sara Shepard, traz a história de duas irmãs gêmea, Emma Becker e Sutton Mercer, que foram separadas ao nascer e lhes foram destinadas vidas totalmente opostas, enquanto esta última foi adotada por uma família rica, tornando-se a típica adolescente de serie americana: rica, popular, má e mimada; com uma vida aparentemente ideal. Emma teve uma infância mais sofrida, passando por diversos lares adotivos, sem os luxos que a irmã tem.

Ao descobrir que é adotada Sutton decide procurar por sua mãe biológica e nessa busca se depara com o fato que tem uma irmã gêmea e estas entram em contato. Depois de um problema com sua família adotiva, Emma decide ir até Scottsdale, Arizona, cidade onde Sutton mora. Ao chegar lá se depara com que esta tinha o plano de ir atrás de uma pistas que havia achado da procura original que havia juntado a irmãs, elas trocariam de lugar, Emma assumiria o papel da irmã em Arizona, enquanto Sutton vai para Los Angeles, atrás da verdadeira mãe.

Porém havia um problema, Emma pouco conhecia a irmã, não teria como ela assumir o papel desta sem levantar suspeitas, devido à personalidade totalmente diferente das duas, mesmo assim animada para ajudá-la assumi o rol da irmã, ganhando de uma hora para a outra uma vida cheia de luxos, com uma família e amigos que a amavam. Apesar de saber que não era exatamente ela que estes se importavam, mas com a pessoa que achavam que era, ela acabou se sentindo parte daquela realidade, apegou-se a aquelas pessoas, mesmo sabendo que não duraria muito, pois o plano de Sutton acabaria em alguns dias.

Já durante os primeiros dias ela descobre que Sutton tem muitos segredos escondidos, problemas com a família, até dois namorados, sendo que um é apenas fachada, mas Emma teria que continuar interpretando o papel até a irmã voltar.

A dificuldade de Emma era que, diferente da irmã, esta é uma moça com bom coração, humilde, pronta para ajudar qualquer um, extremamente doce e simpática, levantando estranhamento acerca da repentina mudança de personalidade, pois de um momento ao outro, ela resolvera diversos problemas como, por exemplo, a rivalidade que existia entre Sutton e sua outra irmã, além da péssima relação com os pais, que se agravou após a descoberta da adoção.

Emma é uma protagonista idealizada, como observamos no romance de José de Alencar, Til, por exemplo. Pois como a personagem que dá nome a narrativa, Berta, seu apelido é Til, por isso o nome da obra, é um grande exemplo de idealização.

Til é um romance regionalista, um meio de os brasileiros conhecerem toda a extensão do Brasil. Pertencente à escola literária romantismo, escrito por José de Alencar e publicado em 1872, na forma de folhetim.

A história se passa em uma fazenda em Campinas, interior do Estado de São Paulo, no século XIX, contando o cotidiano de seus personagens. Nesse romance a idealização dos personagens, a exaltação da natureza e costumes deixa a trama leve e suave.

A personagem principal, Berta ou lnhá, é uma moça idealizada romântica, "pequena, esbelta Iigeira", e no início da história ingênua, à medida que a mesma se passa vai tomando vida, caráter e experiência, ela tenta ajudar a todos que precisam com seu grande coração, se colocando sempre em segundo lugar.

A trama gira em torno de Berta que por volta de seus quinze anos, que tenta descobrir suas origens, já que sua mãe foi morta ainda quando era pequena, e é adotada por Nhá Tudinha, mãe de Miguel que vira seu irmão de criação, o qual nutre um grande carinho por ela. Não apenas ela gosta de Berta, mas todos a sua volta, como mostra o fragmento a seguir: ”... sabiam que não o sofreria sua linda protetora. E como todos queriam Berta de coração" (pág. 125)

Tanto Berta como Miguel são grandes amigos de Linda e Afonso, filhos de Luis Galvão e Dona Ermelinda, moradores da fazenda de Palmas, uma família rica latifundiária. Os quatro crescem brincando e aprendendo juntos.

Linda e Afonso têm um irmão de criação, Brás, um garoto violento, com problemas mentais incompreendidos. Ao qual Berta se compadece irá ajudar a ler escrever, como mostra o fragmento a seguir: "Só Berta o poderia conseguir. O fascínio que exercia sobre o idiota era uma sorte de encanto e magia" (Pág- 169)

Berta ainda cuida de Zana uma velha negra louca, ela sente que cuidando dela e estando por perto descobrirá mais sobre seu passado. Como Alencar diz sobre a relação da negra com a menina: "Mas a pobre louca era uma das misérias sobre que se derramava como bálsamo a alma de Berta" (Pág. 129). Ainda na trama temos João Fera um homem de bom coração que é levado a pegar os caminhos errados e a fazer coisas horríveis para sobreviver.

Berta não sabe como que se sente em relação a ele, não sente medo, mas ao mesmo tempo fica horrorizada com as maldades que ele comente. Porém ele é o único caminho para ela descobrir o que aconteceu de tão sombrio em seu passado.

Já ficou claro a intensa idealização da Berta, que irá ganhar o apelido Til, como referência de ter ensinado o Brás a ler, pois este tinha uma fascinação pelo acento ~, e para utilizar isso ao ser favor, ela fala que a partir desse momento ela será Til.

Mas qual é a relação de uma obra do séc. 19 com uma serie atual? É simples, a idealização, assim como Berta, Emma será uma protagonista idealizada por todos à sua volta, as pessoas apesar de pensarem que é Sutton, eles começam a gostar mais da "nova Sutton", esse sentimento é despertado por sua personalidade gentil e solidária. Assim percebemos que a idealização não ficou no passado, está mais vivo do que nunca, The Lying Game é um de muitos outros exemplos.

Ficha Técnica de "Til"

- Nome da obra: Til
- Autor: José de Alencar
- Ano de publicação: 1871
- Editora: Ateliê Editorial
- Páginas: 384
- Edição: 1ª
- Ano: 2012

Ficha Técnica "The Lying Game"

- Género: Drama e Mistério
- Duração: 44 minutos aprox.
- Criador: Sara Shepard
- País de Origem: Estados Unidos
- Idioma original: Inglês
- Emissora de televisão original: ABC Family
- Nº de temporadas: 2
- Nº de episódios: 30

3B-RI

Prepare-se Para a Metamorfose – resenha crítica do livro "Metamorfose"

O que você faria se de um dia para o outro acordasse de um longo pesadelo e percebesse que havia se transformado num horrendo e asqueroso inseto? É envolvendo uma temática fantástica e incontestavelmente esquisita, que Franz Kafka escreve a sua mais conhecida obra, a Metamorfose.

Esta diferente história conta o drama vivido por Gregor Samsa, um jovem caixeiro-viajante, que trabalha incessantemente e vive uma vida péssima, com o fim de trazer à sua família uma condição boa e folga.

Em um certo dia, ele acorda sem controle de seu corpo e sem conseguir se mover e dá conta que se transformara em uma criatura não humana, nojenta e asquerosa.

Você a principio vai pensar que a tal metamorfose (referida no título) já havia acontecido com Gregor logo no início da trama, mas ao final do texto. Talvez perceba que a verdadeira transformação acontece integralmente conforme se conta a história, e não só com Gregor, mas com sua família inteira.

Você, leitor, vai se sentir extremamente confuso ao ler a obra, assim como acredito que eu e muitas pessoas nos sentimos. Às vezes a narrativa até pode parecer monótona, mas basta ler até o final, e abrir a mente, que você conseguirá entender melhor.

Mas, se o livro é confuso e monótono, porque é considerado um clássico? Essa pergunta, para mim, foi respondida na conclusão da trama, e ela foi capaz de reverter os aspectos negativos da obra.

Vale muito a pena ler esse clássico da literatura mundial, porque uma obra relativamente não tão atual, escrito por um gênio, pode ser vista hoje, como uma realidade cotidiana e uma síntese de como muitas pessoas se sentem.

Para entender melhor, somente leia e curta, afinal são três capítulos e poucas páginas. Depois dela, é você que será metamorfoseado, eu garanto.

FICHA TÉCNICA

Nome da Obra: A Metamorfose

Autor: Franz Kafka

Editora: Cia. Das Letras

No. De Páginas: 86

Versão: 27a.

Data de escrita: 1912

3B-RESENHA 02

Pai Contra Mãe – Revelando e entendendo – Resenha Crítica

“Até que ponto você chegaria, só pelo bem de seus filhos?“, essa é só mais uma das principais ideias trazidas pelo grande e interessante conto de Machado de Assis, “Pai Contra Mãe˜.

A turma do conto se passa por volta do fim do século XIX, no Rio de Janeiro da época Imperial, e conta a sofrida história de Candinho e Clara, um pobre casal branco que mal tem condições adequadas de vida e ainda assim, esperava a chegada de um bebê.

Durante a história, são relatados os meios dos dois de tentar estabelecer uma boa condição de vida. Clara, junto de sua tia, costumava coser roupas para fora e Candinho caçava escravos fugidos em busca de recompensa.

Nesta época, o preconceito era muito grande e a escravidão ainda era muito intensa, Machado de Assis usa muito de sua famosa ironia Machadiana, ao longo do texto, dando grande voz à narração e colocando em foco como as torturas e segregações eram extremamente comuns na época.

Na minha opinião é um dos melhores contos de Machado de Assis, pois faz uma dura crítica à escravidão, só que de forma indireta e natural, além disso, mostra o que o humano é capaz de fazer com os outros para se beneficiar.

No caso dos contos, o clímax e esses pontos são dados no final, no momento que Candinho tem de escolher entre o futuro de seu filho e o futuro de uma escrava e seu filho, revelando o lado mais cruel e triste do ser humano e levantando polêmicas e questões a serem discutidas nos dias atuais.

Com certeza esse conto deve ser lido e analisado com atenção, e você, leitor, deve se fazer a seguinte pergunta ”O que eu seria capaz de fazer?”.

3B-RESENHA 03

Resenha- Filme: A Sociedade dos Poetas Mortos

Até que ponto você quebraria barreiras e futuros planejados, para ir atrás de seus sonhos e sair das restrições impostas pelos seus pais ou responsáveis? Além de uma pergunta muito comum, essa é uma das principais temáticas relacionadas ao filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, longa metragem que particularmente considero um clássico.

O filme lançado no ano de 1989, dirigido por Peter Weir e estrelado por grandes atores como Robin Willians e Sean Leonard, se passa em 1959 na escola preparatória Welton, academia marcada por seu tradicionalismo e exigência; e narra a experiência de um grupo de estudantes desta escola que segue a vida e o futuro planejado pelos seus pais.

Dentro da escola, os alunos eram restritos ao estudo tradicional e obrigações e as atividades artísticas eram escassas. Em meio ao tradicionalismo se destaca um dos personagens principais, Mr. Keatting, o professor de literatura interpretado por Robin Willians. Esta figura acaba trazendo às aulas monótonas e "chatas", um estilo alternativo de se aprender, mais liberal e instigante, provocando deste modo, reações das mais diversas em seus alunos.

O tema principal do filme, muito influenciado pelas aulas de Mr. Keatting, trata-se da reformação da “Sociedade dos poetas Mortos”, grupo de literatura e artes, antes frequentado pelo próprio professor e até o momento fechado por ameaçar a política da Academia. Esta sociedade, reaberta por alguns alunos, além de tornar-se um segredo, torna se uma grande fonte de expressão; a expressão que lhes fora tirada pela escola.

Com esse tamanho poder adquirido pelos alunos, cada integrante toma coragem e força para perseguir seus sonhos ou maiores desejos. Seja a procura pela arte, como Neil Perry; ou pela mão da garota que mais ama, como KnoxOverstreet, e até mesmo por uma vida livre de regras como Nuwanda.

Se você já se sentiu alguma vez restrito e impedido de seguir um sonho, com certeza se identificará com os personagens do filme, este que ressalta a importância da expressão e de buscar a realização dos seus sonhos, aproveitando ao máximo o que lhe é oferecido, como diria Mr. Keatting, “Carpe Diem”, ou seja, aproveite seu dia, o quanto puder, sem restrições.

Acredito que vale a pena assistir a essa grande produção cinematográfica, com pouco mais de duas horas de duração, que envolve toda uma narrativa e roteiro bem feitos e uma história bem comum, mas que com sua simplicidade, acaba afetando os espectadores de uma forma inimaginável. Não custa nada parar e assistir ao filme, além do mais, depois de assisti-lo, com certeza, é você que vai querer fazer parte dessa sociedade, pois pensando bem, quem não procura seguir seus sonhos?

3B-RF

Prepare-se para a Metamorfose

O que você faria se de um dia para o outro acordasse de um longo pesadelo e percebesse que havia se transformado num horrendo e asqueroso inseto? É envolvendo essa temática fantástica e claramente esquisita, que Franz Kafka escreve uma das suas mais conhecidas obras, a Metamorfose.

Publicada pela Editora Companhia das Letras e apresentada na 27a. Edição, o livro conta esta diferente história dramática vivida por Gregor Samsa, um jovem caxeiro-viajante, que trabalha incessantemente e vive uma vida péssima, com o fim de trazer à sua família uma condição boa e folga.

Em um certo dia, ele acorda sem controle de seu corpo e sem conseguir se mover e dá conta de que se transformara em uma criatura não humana, nojenta e asquerosa.

Você a princípio vai pensar que tal metamorfose (referida no título) já havia acontecido com Gregor logo no início da trama, mas ao final do texto talvez perceba que a verdadeira transformaçãoo acontece integralmente conforme se conta a história, e não só com Gregor, mas com toda a sua família.

Você, leitor, vai se sentir extremamente confuso ao ler a obra, o que admito ser algo muito comum. Às vezes a narrativa até pode parecer monótona, mas basta ler até o final, e abrir a mente, que conseguirá entender melhor.

Mas, se o livro é confuso e monótono, porque é considerado um clássico? Essa pergunta para mim foi respondida na conclusão da trama, e ele foi capaz de reverter os aspectos negativos da obra.

Um trecho muito importante e simbólico dentro da narrativa é quando o pai de Gregor arremessa nele várias maçãs. Gregor acaba se machucando, e ainda por cima, as maçãs ficaram grudadas em sua pele. Para mim, essa cena representa figuradamente o peso que a família e o pai tinham sobre Gregor, e este peso acabava machucando-o por dentro.

Vale muito a pena ler este clássico da literatura mundial, porque uma obra nem tão atual, pode ser vista hoje como uma realidade cotidiana e muitas pessoas podem se identificar com o herói moderno que Gregor representa.

Para entender melhor, somente leia e curta, afinal são somente três capítulos e poucas páginas.

Depois da leitura, é você que será metamorfoseado com essa tremenda crítica feita por Kafka, eu garanto.

3B-RESENHA APÓS UM ANO

Romantismo atual e eterno

Você alguma vez já notou semelhanças entre as mulheres protagonistas de famosas obras literárias românticas, com as mulheres protagonistas de filmes e seriados atuais? Provavelmente sim, e se ainda não notou, vamos provar que existem semelhanças sim, e muitas, inclusive.

Com certeza se você frequentou a escola, ou frequenta, já ouviu falar de obras românticas como Iracema, ou Til, de José de Alencar, e também deve conhecer personagens importantes como Iracema ou Berta, protagonistas marcadas como ideais, perfeitas, mulheres extremamente idealizadas.

Algumas pessoas ao ler isso, certamente farão a seguinte pergunta: "Porque deveria eu saber sobre essas personagens, porque seriam importantes para mim?" E responde-se o seguinte "Essas personagens, criadas no século XIX, mesmo antigas, revelam muito de como vemos as mulheres de hoje, em filmes, novelas, séries, construímos personagens que tem raízes nessas obras de 150 anos atrás".

Como exemplo, veremos um filme atual, RubySparks, a namorada perfeita, nesse filme, do ano 2012, dirigido por Jonathan Dayton e ValerieFaris, mostra-se a vida de Calvin, um jovem escritor americano, que com problemas em sua vida pessoal e com bloqueios de criatividade, sonha com Ruby, uma mulher idealizada para ele, e a partir disso, escreve um romance sobre ela, e subitamente essa personagem se concretiza, perfeita, assim como Calvin escrevera.

Nesse filme, Ruby representa a mulher idealizada e perfeita, a mulher que conduz os outros à harmonia, assim como Iracema e Berta. Aprofundando melhor no personagem de Berta, vemos uma menina sonhadora, boa, bonita, gentil, sempre promovendo nas pessoas ao redor um sentimento de paz. Berta ao longo de toda a obra, escrita por José de Alencar, da editora Ateliê, resolve problemas e conflitos ao seu redor, disposta sempre a ajudar quem precisa, e a conduzir as pessoas más ao bem.

Com certeza, depois dessa descrição, vemos que Ruby, personagem de 2012, e Berta, personagem de 1872, têm muitas semelhanças entre si. Ambas são descritas como bonitas, agradáveis, carinhosas, solidárias, principalmente, as duas representam para as pessoas, uma mulher ideal.

Tanto em RubySparks como em Til, temos a inicial construção nas obras, de mulheres ideais, lindas, "na flor da juventude" como realmente se descreve Berta no primeiro capitulo, essas duas figuras femininas apaixonam homens que as veem como mulheres perfeitas, sem defeitos, são queridas pelos familiares e amigos, e não se envolvem em conflitos nem em brigas.

Já no decorrer do texto, são criadas, em ambas as obras, situações de conflitos envolvendo as mulheres, e sempre, nesses casos, elas são as responsáveis por trazer a paz para a situação. Exemplo disso, tem-se novamente em Til, quando Berta, ao ver Jão Fera prestes a matar Luis Galvão interviu e salvou-o, também desse modo, conduziu Jão Fera ao bem.

E no final das obras, em RubySparks temos Ruby, que sempre foi a menina idealizada e dependente, passando a ser uma mulher forte, que mostra ao protagonista, Calvin, que ele não precisa controlá-la para ser amado. E Berta, vira ao final da obra a mulher solidária e perfeita, que abre mão de seus sonhos para conduzir para o lado bom as pessoas que necessitam de sua ajuda.

Concluindo, é realmente perceptível que o modelo de mulher ideal criado no Romantismo se aplica atualmente, com muitas semelhanças, e que talvez perpetue na expressão artística, independentemente da época, mostrando o modo como as pessoas enxergam a mulher perfeita, tanto em filmes novelas, pinturas e desenhos.

1A-RI

Resenha: Metamorfose

título?

falta coesão

parágrafos?

No livro interessante, "a metamorfose", de Franz Kafka, a história de "a metamorfose" se passa na Europa dos anos 1910. Gregor era caixeiro-viajante, e a profissão, para ele, preenchia toda sua vida. Não porque ele trabalha por si próprio, pela pai, pela mãe e pela irmã. Ele era apoiado pela família, na realidade todos apoiavam pois ele é quem os sustentava. Até que Gregor acorda transformado num inseto. Então o pai recusa a trabalhar, a casa tem que receber hóspedes e até a irmã tem que trabalhar, além disso as relações familiares sofrem alterações. Para o pai Gregor é imprestável, para a mãe objeto de repulsa, até a irmã passa a ser um empecilho.

Este livro retrata a vida triste de Gregor, que é metamorfoseado, este livro faz uma reflexão da sociedade atual, que é egoísta, só pensa em si

coesão

mesmo. Vale a pena ler é muito interessante e nos faz refletir muito.

1A-RI (CONT.)

1A-RF

Quem Tem é apoiado

O livro "A metamorfose", de Franz Kafka, se passa na Europa dos anos 1910, e conta a história de gregor, um caixeiro-viajante, para ele o trabalho é tudo.
Isso pois ele não trabalha por si só e sim pelos pais, mãe e irmã. gregor era apoiado pela família toda, afinal de contas, ele é quem os sustentava.
Um dia gregor acorda metamorfoseado e, portanto não pode ir trabalhar, então todos da família voltam a trabalhar. Além disso as relações familiares mudam, para o pai gregor é imprestável, para a mãe era um objeto de repulsa, até para a irmã ele passa a ser um empecilho.
A metamorfose é um livro que faz o leitor refletir sobre a sociedade atual, que é egoísta, se pensa em si próprio. É um livro muito interessante, pois faz seja trabalhar com este lado de reflexão pessoal sobre a vida e atos.

Livro: A metamorfose
Autor: Franz Kafka

Editora: Cia das Letras

Número de páginas: 85

Versão: 27ª

Escrito em: 1992

1A-RF (CONT.)

2A-RI

O livro "A metamorfose", escrito por Franz Kafka, conta a triste historia de ~~Gregor~~ Gregor Samsa, que na maior parte de sua vida trabalhava para sustentar sua família inteira, seu pai aposentado, sua mãe que sofre de asma e cuida dos serviços domesticos auxiliados por Ana e Grete sua irmã que sonha em ser violinista.

Gregor sente muita pressão do pai, por ele ser quem sustenta a familia, e para ~~ele~~ o pai e mãe é só para isso que ele serve, sua irmã é a que mais se preocupa com Gregor.

Um dia Gregor acorda se sentindo estranho, Samsa percebe que ele perdeu seu trem que o levaria para o trabalho por isso vai ao quarto dele chamar-lhe, quando Gregor tenta responde-la ele estranha sua propria voz. Até seu

2A-RF

O homem que virou inseto

O livro "A metamorfose" escrito por Franz Kafka, editado pela Cia das Letras, escrito em 1914, conta a triste história de Gregor Samsa, que na maior parte do tempo trabalhava para sustentar toda sua família.

Seu pai era aposentado, e sua mãe era quem cuidava dos serviços de casa, auxiliada por Ana e Grete [redacted], a filha que sonhava em ser violinista.

Gregor se sentia envergonhado pelo pai, pois eles dependiam dele para sobreviver, seus pais o desprezavam, e só o usavam, pois para eles só para ganhar dinheiro que ele servia. A única que realmente se importava com ele, com sua vida e saúde, era sua irmã Grete.

Um dia Gregor acordou, e se sentiu mais estranho, como se algo ainda errado, diferente.

S. Samsa

se dá conta da hora, e percebe que Gregor perdeu seu trem para chegar ao trabalho, então ele vai acorda-lo, ele bate na porta, e Gregor não responde, ele tenta responder seu pai, mas entendeu na voz.

Seu chefe percebe sua ausência e vai até sua casa para entender porque ele está faltando no trabalho, ele bate na porta e o ameaça de perder seu emprego.

Até que alguém consegue abrir a porta, e eles se deparam com um bicho asquerosa e grande em que Gregor se transformou.

Esta história reflete um pouco a própria vida pessoal de Kafka e seu pessimo relacionamento com seu pai.

Uma historia maravilhosa que associa a psicologia do ser humano que luta diante da pressão da vida ~~cotidiana~~ cotidiana, através de um realismo impressionante.

Gregor ao sentir-se impotente diante das cobranças de sua família vai sendo dominado pela insegurança até chegar a condição de inseto. Se acaso a se emocionar, lendo esta incrível historia sobre a triste historia de Gregor Samsa.

Tente formular aproximadamente!

qual?

3A-RI

Resenha do livro "a Metamorfose".

O autor conta a história de Gregor, um jovem trabalhador que vivia com sua família a qual era composta por seu pai, sua mãe e sua irmã. Gregor era quem sustentava sua família, era quem colocava a comida na mesa.

Um dia, Gregor, acorda de "pesadelos monstruosos", encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto, que de acordo com as características apresentados na história, se dá a entender que é uma barata.

Como dito, pelo autor Franz Kafka, Gregor não era muito amado por sua família, seus pais não reconheciam seu esforço no [redacted] trabalho. Da noite para o dia, Gregor passou a ser um jovem execrável e vagante do qual toda sua família sentia vergonha. Essa vergonha era tão grande que seus pais o escondia no seu proprio quarto, e chegavam a pensar que ele deveria morrer, pois ele era incapaz de fazer qualquer coisa.

Nesse Livro Kafka faz uma critica (análise), sobre os seres humanos e sobre o valor sentimental que faz a diferença em uma pessoa, ele mostra como Gregor, perde o pouco que tinha no valor sentimental, e ele mostra que se uma pessoa é diferente ela concertza com certeza sofrerá algo que chamamos de bullying.

A final de contas, chega a condusão que essa história foi escrita para passar uma mensagem que pode ser resumida em uma só palavra "preconceito". E um bom livro, recomendo e gostei muito.

3A-RI (continuação)

3A-RF

O começo do fim

O autor do livro, ("A metamorfose"), conta a história de Gregor, um jovem trabalhador que vivia com sua família, composta por seu pai, sua mãe e sua irmã. Gregor era quem sustentava a família, ele colocava a comida na mesa, para todos, e não era nada reconhecido por isso. Franz Kafka, escreveu o livro em 1912, a editora "Cia das Letras", publicou a versão nº 27 desse livro, uma versão curta com apenas 85 paginas.

Um dia Gregor acorda de "Pesadelos Monstruosos", encontra-se em sua cama metamorfoseado em um inseto, que de acordo com as características apresentados na história, se dá a entender que é uma barata. Após se transformar, o garota nem se quer saía do seu próprio quarto e ao longo da história, o lugar vai se transformando, primeiro os moveis são retirado e mais tarde na história o quarto dele vira um ambiente que pode ser comparada com um porão, tudo sujo,

feio e o ~~[illegible]~~ resto do que não prestava-
ra jogado lá.

Como dito, pelo author, Gregor não era
muito amado por sua família, e "Da noite para
o dia" Gregor passou a ser um jovem muito
excecrável e nojento, do qual toda sua família
sentia vergonha. Essa vergonha era tão grande
que seus proprios ~~pais~~ pais desejavam a sua
morte, pois a final, ele era incapaz de fazer
qualquer coisa.

Nesse livro Kafka faz uma (critica) analise,
sobre os seres humanos e sobre o valor sentimental
que faz a diferença em uma pessoa, ele mostra
como Gregor, perde o pouco que tinha no valor
sentimental, e ele deixa claro que se uma pessoa
é diferente ele, ~~[illegible]~~ com certeza sofrerá
algo que chamamos de bullying.

Afinal de contas, chego a conclusão que
essa história, foi escrita para passar uma mensagem
que pode ser resumida em uma só palavra,
"preconceito".

3A-RF (continuação)

1B-RI

A Metamorfose dos sentimentos

"A Metamorfose", escrito por Franz Kafka, traz uma história um tanto perturbadora, de Gregor, um homem que se transforma em um inseto asqueroso. Quando li imagnei que era uma barata, pela rica descrição que o autor realiza sobre o estado físico e mental em que Gregor se encontrava.

Além da figura de Gregor, aparece a família, um tanto estranha. A mãe, o pai e a irmã, possuem apenas uma "relação de interesse" com o filho. Percebe-se logo no início da trama que Gregor era a fonte de sustento da família, quando se encontra impossibilitado para trabalhar, o negócio, e acabam não ajudando com o grande problema físico de Gregor.

A vida de Gregor em seu quarto se torna cada vez mais triste, com a rejeição cada vez mais escplícita por parte da família. O quarto é o centro da trama de reflexões

realizadas por Gregor que mesmo sendo um inseto não perdeu a capacidade de pensar. Além de ser tristes, de como um pai pode odiar seu próprio filho. Este desgosto que a família tem sobre Gregor da um ar sombrio ao livro.

O livro de 56 páginas, editado pela companhia das letras, não seria uma história que me atrairia a ler. Mesmo sendo muito bem escrito por Kafka, que tem como princípio que uma obra só é boa mesmo se te deixar uma ferida ao final dela. Tem seus bons momentos em que o autor faz você pensar, porém para entender realmente a mensagem é necessária uma análise com alguem que entenda do assunto. Se não a história ficará sem sentido para você leitor, e poderá muitas vezes ser entediante.

1B-RI (continuação)

1B-RESENHA 02

Pai Contra Mãe

O conto "Pai contra mãe", foi escrito por Machado de Assis, que está em um de seus livros "50 contos de Machado de Assis", da editora Companhia das letras (2007)

Este conto traz uma história de um homem, Candido Neves (personagem principal), que se casa com Clara, e que não se encontra em uma boa situação financeira. Era um trabalho dificil e que não trazia uma estabilidade, ser caçador de escravos naquela época era humilhante para um branco

No meio desta crise familiar sua mulher engravida. Ta amando seu filho o conto se desenrola na angustia de um pai que não tem dinheiro para sustentar seu filho, sendo levado a ter de deixa-lo em um abrigo.

Um conto cheio de surpresas, e um final polemico, bem caracteristico

de Machado de Assis.

Se você aprecia este autor, ou mesmo que não goste, recomendo a todos, pois traz uma reflexão e novos conceitos. Um conto curto e fácil de ler.

Não deixe de ler também o livro de contos Machadianos, você vai adorar.

1B-RESENHA 02
(continuação)

1B-RESENHA 03

Ficha Técnica?

CARPE DIEM

Resenha do filme: A sociedade dos poetas mortos.

A comédia dramática, "A sociedade dos poetas mortos", dirigido por Peter Weir, lançada na década de 90, trousse grande polêmica.

A história se passa em 1959, em um tradicional internato para meninos. Era uma escola preparatória que trazia princípios de submissão por parte dos alunos, não os permitindo que eles questionem novas ideias e nem que possam escolher seu próprio futuro profissional. Está situação é bem representada pelo personagem Neil, interpretado por Robert Sean Leonard, um aluno da academia que deseja largar o currículo escolar pra virar ator, e seu pai nega seu pedido, o impedindo de viver seu sonho.

Quais os pilares?

Porem no meio deste cenário de repressão a novas ideias chega um professor de literatura chamado Keating, interpretado brilhantemente por Robin Wiliams, que traz conceitos polêmicos às salas de aula, ensinando aos alunos a pensarem sozinhos, questionarem, opinarem e o mais importante apreciar a poesia.

oposições fundamentais?

Curiosos com os pensamento e ideias do novo professor sete alunos, entre eles o líder Neil fundão uma espécie de grupo secreto chamado: sociedade dos poetas mortos, tal grupo que seu professor havia criado quando jovem. Seus pontos de encontro eram uma caverna próxima ao colégio, no qual liam refletia e discutia sobre determinado poema.

A partir deste ponto os alunos começam a se impor, é evidente que a escola acaba não aceitando estas novas ideias.

exemplos?

Estes sete alunos, encorajados pelo seu professor aprendem a seguir seus sonhos, principalmente Neil que acaba realizando um teste para ser protagonista de uma peça de teatro, sem o conhecimento de seu pai.

A história se desenrola em cenas emocionantes e intrigantes. Ela desperta a vontade de se opor e dizer o que pensa. É incrível como os alunos criam uma relação de respeito e gratidão com o professor, chamando de "Oh Capitão, meu Capitão".

Este filme merecedor dos prêmios ganhados, fala da importância que tem de formar grandes pensadores. É de sair da sala do cinema chorando. Você vai se surpreender e se envolver com cada um dos personagens. Eu recomendo.

relação com a realidade?

1B-RF

A metamorfose dos sentimentos

"A metamorfose", escrito por Franz Kafka, traz uma história um tanto perturbadora, de Gregor, um homem que se transforma em um inseto asquerroso. Quando li, imaginei que era uma baratta, pela rica descrição que o autor realiza sobre o estado físico e mental em que Gregor se encontrava.

Além da figura de Gregor, aparece sua família, a mãe, o pai e a irmã Grete. Os pais são um tanto estranhos pois quando descobrem, logo no início da drama, que seu filho está metamorfoseado, o rejeitão em vez de ajuda-lo.

Sua irmã é a única que o apoia. Isto é mostrado nas cenas em que Grete lera comida para seu irmão, tentando sempre achar o que mais lhe agradava.

1B-RF-(continuação)

Percebemos no início da historia quando o gerente de gregor vai procura-lo pois não havia aparecido no trabalho, que seus pais não se importavam se o filho estava bem ou não, e sem se ele ia trabalhar para sustentar sua familia, era uma perfeita relação de interesse entre um pai e um filho.

A maioria da história se passa no quarto de Gregor que vai se metamorfoseando com ele: A irmã e a mãe trocam os moveis para melhor locomoção. Porém conforme ele se transforma os sentimentos da irmã também se modificam, ela começa a ficar com medo dele, isto é mostrado quando Gregor decide se mostrar para a mãe que acaba entrando em colapso nervoso.

Depois da rejeição da irmã e a rejeição explicita de seu pai, o historiador começa a se sentir mal, vendo aquela história triste, de um homem em seu quarto sombrio, que mesmo sendo um inseto não perde a capacidade de pensar, fazendo com que sua dor seja sado

1B-RF (continuação 2)

vez maior.

O livro de 85 paginas (versão 27ª), editado pela Companhia das Letras, lhe deixa uma ferida, te marca de uma forma não muito prazerosa. É um livro dificil que não é para qualquer um, muita coisa da história está escrita nas entrelinhas, e é estas mensagens ocultas que deixam o livro com o sucesso e prestigio que tem agora.

Se você é um um leitor atento e consegue desvendar um história cheia de complexos, este livro é perfeito para você.

1B-RESENHA-APÓS UM ANO

A obviedade atrás das telas

"Era uma vez uma mocinha, a mais linda de todas, que se apaixona pelo mocinho, um homem perfeito, cobiçado por todas, ai vem o vilão e rouba à mocinha ela fica com ele por um tempo, mais o amor sempre vence e ela acaba ficando novamente como o mocinho". Esta história por mais que simplificada, está em todas as tramas, seja em novelas quanto em filmes e séries. Por mais que tenhamos ciência do fim, ainda acompanhamos diariamente a história dessas diferentes "mocinhas".

A nova novela das seis, que passa na Rede Globo, "Flor do Caribe", é o exemplo tradicional que sabemos o inicio o meio e o fim. A personagem principal Ester, interpretada por Grazi Massafera, é a típica mulher linda, loira de olhos verdes, corpo perfeito, a cor morena, é de família direita, possui um bom coração, fundou uma ONG, que ajuda crianças, e o mais importante seu amor é disputado pelos dois homens. Um é o mocinho Cassiano, interpretado por Henri Castelli, tem olhos azuis um belo corpo, todas "caem" aos seus pés mais ele só tem olhos para a sua amada Ester. Cassiano acaba se metendo em uma emboscada armada por Alberto, interpretado por Igor Rickli, o vilão que faz de tudo para ter a sua amada, o famoso amor obsessivo.

Nem é preciso assistir à novela para saber o final da história. Podemos dizer que Ester é uma mulher idealizada, como aquelas do Romantismo; que tinha como uma de suas características principais, a mulher idealizada, perfeita com a beleza fora do comum, não cometia erros e, se cometesse, era apenas por amor. Além da obviedade no final por mais que acontecem inúmeros problemas no fim acabava tudo bem.

Uma das personagens que marcaram esta escola literária foi *Iracema,* de José de Alencar, publicado em 1865. Ela assim como Ester era a mais bela de todas, descrita como: *"Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talhe da palmeira". "O favo da jati não era doce como seu sorriso: nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado".* Iracema trazia uma enorme conexão com a natureza, Ester por mais que esteja nos tempos atuais ela é uma mulher praiana, que sempre é comparada com a flor do caribe, e possui uma grande conexão com as belas praias da Vila dos Ventos.

As semelhanças não param por ai suas histórias de vida são bem semelhantes. As duas se apaixonam e acabam engravidando deste homem. Após engravidarem são abandonadas, e os pais não sabem da gravidez delas. Ester é deixada, pois Cassiano acaba levando um golpe de

Alberto e acaba ficando preso. Já Iracema, uma índia, se apaixona pelo homem branco, Martin, que a deixa para se casar com a mulher prometida em Portugal. Durante a gravidez as duas recebem ajuda de amigos. Ester recebe o apoio de Alberto, que esta ali para conquistá-la. E Iracema recebe a ajuda de um amigo da tribo inimiga, um pitiguara.

Por mais que a história de Iracema não tenha acabado bem, pois ela acaba morrendo no final, no romance seu amado acaba voltando, e descobre que tem um filho, e ela o perdoa por tê-la deixado, mesmo com a morte dela seu filho acaba sendo levado para Portugal e cuidado pelo pai. Ainda não sabemos o fim de Flor do Caribe, mais na trama Cassiano consegue fugir da prisão reencontra Ester e descobre que tem um filho, e que deseja cuidar dele.

Podemos comparar as novelas de hoje em dia com os romances românticos do século XIX. Estamos repetindo o conceito, das histórias com a mulher idealizada, o herói principal, e de que tudo acaba bem no final. Criamos isto para sairmos um pouco da realidade e viver a vida dos outros.

A Globo assim como outras redes de televisão, acaba atingindo toda a população e vendendo uma história de vida ideal, a felicidade, o amor e a beleza. Mesmo sabendo o fim de todas as histórias acompanhamos descontroladamente, é a novela das seis, sete, nove onze e ainda não perdemos um capitulo. Mais por que isso acontece? Estamos dominados pela mídia, a maioria de nossos gostos vem influenciados por ela, perdemos a nossa vida para acompanharmos a dos outros, porque ela é mais interessante.

Mas onde está a graça disso tudo, teremos mais mil novelas como a Flor do Caribe, iguais aos mil romances românticos escritos. Será que não esta na hora de sermos um pouco mais realistas, não é mais legal não sabermos o final? Sermos pegos de surpresa a todo o momento, e termos um fim que nos marque e que seja revolucionário, não mais um fim "felizes para sempre". Podíamos seguir como as histórias literárias, que do Romantismo vai para o Realismo. Vamos procurar o não óbvio para nos inquietarmos.

1B-RESENHA FINAL-APÓS UM ANO (2)

2B-RI

Um livro que me metamorfoseou

A Metamorfose de Franz Kafka realmente não seria o primeiro livro que logo de cara me interessaria por ler, ainda mais pela primeira frase dele: "Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se metamorfoseado num inseto monstruoso".

O livro me parecia fantasioso e fantástico demais no começo. Mas como não se desiste de ler um livro logo na primeira sentença continuei a ler-lo; a cada pagina virada aquela novela de realismo fantástico, parecia me prender e interessar cada vez mais e mais.

A cada linha lida se entende que a história não é apenas sobre um homem que acorda metamorfoseado em uma aparente barata mas sim se entende que toda essa história inicial é apenas

o primeiro plano dela.

Neste livro podemos fazer duas leituras, uma mais superficial que é essa de só ver a história como a de um homem que vira uma barata. E pode-se ler de uma segunda forma, forma essa que tento descrever a vários linhas.

Essa segunda forma é de entender que essa metamorfose de Gregor foi muito mais mental do que física, muito mais interna do que externa.

Ele acorda na primeira sentença do livro de sonhos intranquilos, portanto do peso dela de ser dessa família, que só o vê com fonte de dinheiro e trabalho. A metamorfose foi só uma maneira de ir se "desligando" da família, e ela dele também.

A metamorfose foi mais mental porque mudou sua forma de ver a família, ele mesmo, o trabalho e de entender as coisas.

Este livro da Companhia das Letras, que eu simplesmente adorei!! e recomendo que leiam, leam todo e pensem no que ele significa e diz para você e não parem na primeira frase.

2B-RI (CONT.)

2B-RESENHA 02

Resenha Crítica "Pai contra mãe

"Pai contra mãe", uma história de Machado de Assis, passada na época da escravatura, conta a história de Cândido Neves um "caçador" de escravos por recompensas, sua mulher Clara e a tia de Clara, Mônica.

No decorrer da história Clara fica grávida, porém a família não tem dinheiro para sustentar a criança, surge a ideia por parte de tia Mônica de entregar a criança para a roda dos enjeitados; Cândido Neves não concorda e fica bravo.

Ele (Cândido) tenta de tudo para que seu filho não seja mandado para a roda, tenta "caçar" vários escravos, mas não tem sucesso; não quer por nada

desistir do seu filho, na última hora ele consegue dinheiro e não perde seu filho.

É uma história muito interesante que merce muito com escolhas pessoais, com escolhas que mudam vidas.

Escolhas feitas e pensadas a favor própria e não no outro.

Uma história que deixa em suspense no ar, uma "angustia" em saber o fim, uma história que te prende, envolve e questiona

2B-RESENHA 03

Sociedade de valor.

"Sociedade dos poetas mortos" um filme do gênero dramático de 1989 dirigido por Peter Weir se passa em um tradicional internato para rapazes, a Academia Welton, de valores e princípios como: tradição, disciplina e honra.

Porém com a chegada do professor de poisia nem um pouco ortodoxo, John Keating esses valores são quebrados e abre-se um novo mundo para alguns de seus alunos por meio da poesia e das artes.

Sete de seus alunos ficam mais interessados em suas propostas inovodaoras e na ideia introduzida por ele do "Carpe Diem", esses alunos re-criam a sociedade dos poetas mortos, um grupo de estudantes que Keating em sua época como aluno de Welton criou com seus amigos, eles se reuniam ao anoitecer em uma caverna na propriedade do colégio para ler e recitar poesia.

O aluno Neil que faz parte do grupo dos poetas mortos é apaixonado pelas artes, gosta de poesia e de teatro, porém seu pai não aprova essa sua paixão. Neil vai contra seu pai e decide em segredo fazer teatro, seu pai descobre e decide tirá-lo da Academia Welton e o mandar para um cólegio militar, decidindo o futuro de seu filho. Neil não enchergando outra saída comete suicídio.

Com os pais de Neil revoltados a Acdemia Welton acusa Keating de ser responsável pelo suicídio do garoto, alegando que seus métodos de ensino provocam rebeldia e ireverência nos alunos. Assim John Keating é expulso da instituição e o diretor conservador e tradicional assume as aulas de Keating.

Mesmo com sua expulsão, ao final do filme vemos que os valores de Keating marcaram e forma passados aos alunos quando eles sobem em suas mesas e gritam "O capitão, Meu capitão!".

O filme sociedade dos poetas mortos recebeu varias indicações tanto do Globo de Ouro quanto do Oscar, e até ganhou um oscar com melhor roteiro

original. É um filme que trabalha com as ações e perçepção de mundo de várias pessoas, suas relações e valores. Mostra também como o professor é uma figura ativa e importante para o aluno, o quanto suas palavras podem influenciar. Um filme que faz pensar sobre oque você quer e gosta de fazer indiferentemente do que acham que é o melhor para você, um bom filme para ser passado em sala de aula, não apenas para trabalhar resenha, mas também valores sociais, pessoais e de conduta. Mesmo com um final trágico o filme é maravilhoso e não prejudicou o filme ou meu julgamento sobre ele, ótimo enredo e atores, recomendo que todos vejam.

2B-RESENHA 03 (CONT.)

2B-RF

Um livro que me metamorfoseou

"A Metamorfose" de Franz Kafka (1912) pela editora Cia das Letras, realmente não seria o primeiro livro que logo de cara me interessaria por ler, ainda mais pela primeira sentença dele: "Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se metamorfoseado num inseto monstruoso".

O livro me parecia fantástico e fantasioso demais no começo. Mas como não se desiste de ler um livro logo nas primeiras linhas; a cada página virada aquela novela de realismo fantástico, parecia me prender e encantar cada vez mais e mais.

A cada linha lida percebe-se que a história não é apenas sobre um homem que acorda metamorfoseado em uma aparente barata, mas sim se vê que essa história inicial é apenas o primeiro plano dela.

2B-RF (CONT.)

Neste maravilhoso livro podemos fazer diversas leituras e interpretações, algumas mais superficiais, como ver que a história é só de um homem que simplesmente se torna uma barata da noite para o dia, e outras mais profundas e complexas.

Na primeira sentença do livro Gregor acorda de "sonhos intranquilos", portanto do pesadelo de pertencer a essa família, família que o "explora" e o usa.

E a cada sentença é visível que Gregor vai se "desligando" cada vez mais de sua família; um exemplo desse desligamento é a tão famosa cena da maçã, quando o senhor Samsa atira uma maçã em seu filho, agora como barata.

Ao final do livro fica aquela ponta de dúvida, se Gregor realmente virou uma barata, ou foi a forma de como o viam e ele mesmo se viu e sentiu.

Este livro incrível e de rápida leitura me encantou, eu simplesmente adorei, trabalha com relações humanas e outras coisas, recomendo a leitura a todos.

2B- RESENHA FEITA APÓS UM AN0

Idealização do século 21

A existência de protagonistas idealizadas não ficou no passado, nos livros romanticos escritos no séc. XIX, mas são encontrados, ainda no séc. XXI, em livros, series e filmes. Como é possível observar na série norte-americana, The Lying Game, produzida pela ABC Family, que é transmitida aqui no Brasil, pelo canal pago Boomerang.

A série, baseada em uma série de livros de Sara Shepard, traz a história de duas irmãs gêmea, Emma Becker e Sutton Mercer, que foram separadas ao nascer e lhes foram destinadas vidas totalmente opostas, enquanto esta última foi adotada por uma família rica, tornando-se a típica adolescente de serie americana: rica, popular, má e mimada; com uma vida aparentemente ideal. Emma teve uma infância mais sofrida, passando por diversos lares adotivos, sem os luxos que a irmã tem.

Ao descobrir que é adotada Sutton decide procurar por sua mãe biológica e nessa busca se depara com o fato que tem uma irmã gêmea e estas entram em contato. Depois de um problema com sua família adotiva, Emma decide ir até Scottsdale, Arizona, cidade onde Sutton mora. Ao chegar lá se depara com que esta tinha o plano de ir atrás de uma pistas que havia achado da procura original que havia juntado a irmãs, elas trocariam de lugar, Emma assumiria o papel da irmã em Arizona, enquanto Sutton vai para Los Angeles, atrás da verdadeira mãe.

Porém havia um problema, Emma pouco conhecia a irmã, não teria como ela assumir o papel desta sem levantar suspeitas, devido à personalidade totalmente diferente das duas, mesmo assim animada para ajudá-la assumi o rol da irmã, ganhando de uma hora para a outra uma vida cheia de luxos, com uma família e amigos que a amavam. Apesar de saber que não era exatamente ela que estes se importavam, mas com a pessoa que achavam que era, ela acabou se sentindo parte daquela realidade, apegou-se a aquelas pessoas, mesmo sabendo que não duraria muito, pois o plano de Sutton acabaria em alguns dias.

Já durante os primeiros dias ela descobre que Sutton tem muitos segredos escondidos, problemas com a família, até dois namorados, sendo que um é apenas fachada, mas Emma teria que continuar interpretando o papel até a irmã voltar

A dificuldade de Emma era que, diferente da irmã, esta é uma moça com bom coração, humilde, pronta para ajudar qualquer um, extremamente doce e simpática, levantando estranhamento acerca da repentina mudança de personalidade, pois de um momento ao outro, ela resolvera diversos problemas como, por exemplo, a rivalidade que existia entre Sutton e sua outra irmã, além da péssima relação com os pais, que se agravou após a descoberta da adoção.

Emma é uma protagonista idealizada, como observamos no romance de José de Alencar, Til, por exemplo. Pois como a personagem que dá nome a narrativa, Berta, seu apelido é Til, por isso o nome da obra, é um grande exemplo de idealização.

Til é um romance regionalista, um meio de os brasileiros conhecerem toda a extensão do Brasil. Pertencente à escola literária romantismo, escrito por José de Alencar e publicado em 1872, na forma de folhetim.

A história se passa em uma fazenda em Campinas, interior do Estado de São Paulo, no século XIX, contando o cotidiano de seus personagens. Nesse romance a idealização dos personagens, a exaltação da natureza e costumes deixa a trama leve e suave.

A personagem principal, Berta ou Inhá, é uma moça idealizada romântica, "pequena, esbelta ligeira", e no início da história ingênua, à medida que a mesma se passa vai tomando vida, caráter e experiência, ela tenta ajudar a todos que precisam com seu grande coração, se colocando sempre em segundo lugar.

A trama gira em torno de Berta que por volta de seus quinze anos, que tenta descobrir suas origens, já que sua mãe foi morta ainda quando era pequena, e é adotada por Nhá Tudinha, mãe de Miguel que vira seu irmão de criação, o qual nutre um grande carinho por ela. Não apenas ela gosta de Berta, mas todos a sua volta, como mostra o fragmento a seguir: "... sabiam que não o sofreria sua linda protetora. E como todos queriam Berta de coração" (pág. 125)

Tanto Berta como Miguel são grandes amigos de Linda e Afonso, filhos de Luis Galvão e Dona Ermelinda, moradores da fazenda de Palmas, uma família rica latifundiária. Os quatro crescem brincando e aprendendo juntos.

Linda e Afonso têm um irmão de criação, Brás, um garoto violento, com problemas mentais incompreendidos. Ao qual Berta se compadece irá ajudar a ler escrever, como mostra o fragmento a seguir: "Só Berta o poderia conseguir. O fascínio que exercia sobre o idiota era uma sorte de encanto e magia" (Pág- 169)

Berta ainda cuida de Zana uma velha negra louca, ela sente que cuidando dela e estando por perto descobrirá mais sobre seu passado. Como Alencar diz sobre a relação da negra com a menina: "Mas a pobre louca era uma das misérias sobre que se derramava como bálsamo a alma de Berta" (Pág. 129). Ainda na trama temos João Fera um homem de bom coração que é levado a pegar os caminhos errados e a fazer coisas horríveis para sobreviver.

Berta não sabe como que se sente em relação a ele, não sente medo, mas ao mesmo tempo fica horrorizada com as maldades que ele comente. Porém ele é o único caminho para ela descobrir o que aconteceu de tão sombrio em seu passado.

Já ficou claro a intensa idealização da Berta, que irá ganhar o apelido Til, como referência de ter ensinado o Brás a ler, pois este tinha uma fascinação pelo acento ~, e para utilizar isso ao ser favor, ela fala que a partir desse momento ela será Til.

Mas qual é a relação de uma obra do séc. 19 com uma serie atual? É simples, a idealização, assim como Berta, Emma será uma protagonista idealizada por todos à sua volta, as pessoas apesar de pensarem que é Sutton, eles começam a gostar mais da "nova Sutton", esse sentimento é despertado por sua personalidade gentil e solidária. Assim percebemos que a idealização não ficou no passado, está mais vivo do que nunca, The Lying Game é um de muitos outros exemplos.

2B-RESENHA FEITA APÓS UM ANO (CONT.)

Ficha Técnica de "Til"-

2B-RESENHA FEITA
APÓS UM ANO (CONT.)

- Nome da Obra: Til
- Autor: José de Alencar
- Ano de publicação: 1871
- Editora: Ateliê Editorial
- Páginas: 384
- Edição: 1ª
- Ano: 2012

Ficha Técnica "The Lying Game"-

- Género: Drama e Mistério
- Duração: 44 minutos aprox.
- Criador: Sara Shepard
- País de origem: Estados Unidos
- Idioma original: Inglês
- Emissora de televisão original: ABC Family
- Nº de temporadas: 2
- Nº de episódios: 30

3B-RI

Prepare-se para a Metamorfose - resenha crítica do livro "Metamorfose"

O que você faria se de um dia para o outro acordasse de um longo pesadelo e percebesse que havia se transformado num horrendo e asqueroso inseto? E envolvendo uma temática fantástica e incontestavelmente esquisita, que Franz Kafka escreve a sua mais conhecida obra, a metamorfose.

Esta diferente história conta o drama vivido por Gregor Samsa, um jovem ~~[illegible]~~ caixeiro viajante, que trabalha incessantemente e vive uma vida péssima, com ~~[illegible]~~ o fim de trazer à sua família uma condição boa e folga.

Em um certo dia, ele acorda sem controle de seu corpo e sem conseguir se mover, e dá conta de que se transformara em uma criatura não humana, repulsiva e asquerosa.

Você a princípio vai pensar que a tal metamorfose (referida no título) já havia acontecido com Gregor logo no início da

trama, mas ao final do texto talvez perceba que a verdadeira transformação aconteceu integralmente conforme se conta a história, e não só com Gregor, mas com sua família inteira.

Você, leitor, vai se sentir extremamente confuso ao ler a obra, assim como acredito que eu e muitas pessoas nos sentimos. Às vezes a narrativa até pode parecer monótona, mas basta ler até o final, e abrir a mente, que você conseguirá entender melhor.

Mas, se o livro é confuso e monótono, porque é considerado um clássico? Essa pergunta, para mim, foi respondida na conclusão da trama, e ela foi capaz de reverter os aspectos negativos da obra.

Vale muito a pena ler esse clássico da literatura mundial, porque uma obra relativamente não tão atual, escrita por um gênio, pode ser vista hoje, como uma realidade cotidiana e uma síntese de como muitas pessoas se sentem.

Para entender melhor, somente leia e ~~~~ curta, afinal, são três capítulos e poucas páginas. Depois dela, é você que será metamorfoseado, eu garanto. 3B-RI (cont.)

3B-RI (CONT.)

FICHA TÉCNICA:

- nome da obra: A Metamorfose;
- autor: Franz Kafka;
- editora: CIA. das Letras;
- nº de páginas: 86;
- versão: 27ª;
- Data de escrita: 1912

3B-RESENHA02

Pai Contra Mãe - Revelando e introduzindo -
Resenha crítica

"Até que ponto você chegaria, só pelo bem de seus filhos?", essa é só mais uma das principais idéias trazidas pelo grande e interessante conto de Machado de Assis, "Pai Contra Mãe".

A trama do conto se passa por volta do fim do século XIX no Rio de Janeiro de época Imperial, e conta a sofrida história de Candinho e Clara, um pobre casal branco que mal tem condições adequadas de vida e ainda assim, espera a chegada de um bebê.

Durante a história, são relatados os meios dos dois de tentar estabelecer uma boa condição de vida. Clara, junto de sua tia, costumava coser roupas para fora e Candinho caçava escravos fugidos em busca de recompensa.

Nesta época, o preconceito era muito grande e a escravidão ainda era mui-

to intitsder, Machado de Assis usa muito de sua famosa ironia Machadiana, ao longo do texto dando grande voz à narração e colocando em foco como as torturas e segregações eram extremamente comuns na época.

Na minha opinião, é um dos melhores contos de Machado de Assis, pois faz uma dura crítica à escravidão, só que de forma indireta e natural, além disso, mostra o que o humano é capaz de fazer com os outros para se beneficiar.

No caso do conto, o clímax e ~~os~~ esses pontos são dados no final, no momento que Carolinha tem de escolher entre o futuro de seu filho e o futuro de uma escrava e seu filho, revelando o lado mais cruel ~~do~~ e triste do ser humano e levantando polêmicas e questões a serem discutidas nos dias atuais.

Com certeza esse conto deve ser lido e analisado com atenção, e você, leitor, deve se fazer a seguinte pergunta: "O que eu seria capaz de fazer?".

3B-RESENHA 02 (CONTINUAÇÃO)

3B-RESENHA 03

Ficha técnica?

Resenha- Filme: A Sociedade dos Poetas Mortos

Até que ponto você quebraria barreiras e futuros planejados, para ir atrás de seus sonhos e sair das restrições impostas pelos seus pais ou responsáveis? Além de uma pergunta muito comum, essa é uma das principais temáticas relacionadas ao filme "Sociedade dos Poetas Mortos", longa metragem que particularmente considero um clássico.

Bom!

O filme lançado no ano de 1989, dirigido por Peter Weir e estrelado por grandes atores como Robin Willians e Sean Leonard, se passa em 1959 na escola preparatória Welton, academia marcada por seu tradicionalismo e exigência; e narra a experiência de um grupo de estudantes desta escola que segue a vida e o futuro planejado pelos seus pais.

quais os pilares?

Dentro da escola, os alunos eram restritos ao estudo tradicional e obrigações e as atividades artísticas eram escassas. Em meio ao tradicionalismo se destaca um dos personagens principais, Mr. Keatting, o professor de literatura interpretado por Robin Willians. Esta figura acaba trazendo às aulas monótonas e "chatas", um estilo alternativo de se aprender, mais liberal e instigante, provocando deste modo, reações das mais diversas em seus alunos.

O tema principal do filme, muito influenciado pelas aulas de Mr. Keatting, trata-se da reformação da "Sociedade dos poetas Mortos", grupo de literatura e artes, antes frequentado pelo próprio professor e até o momento fechado por ameaçar a política da Academia. Esta sociedade, reaberta por alguns alunos, além de tornar-se um segredo, torna-se uma grande fonte de expressão; a expressão que lhes fora tirada pela escola.

Com esse tamanho poder adquirido pelos alunos, cada integrante toma coragem e força para perseguir seus sonhos ou maiores desejos. Seja a procura pela arte, como Neil Perry; ou pela mão da garota que mais ama, como Knox Overstreet, e até mesmo por uma vida livre de regras como Nuwanda.

Se você já se sentiu alguma vez restrito e impedido de seguir um sonho, com certeza se identificará com os personagens do filme, este que ressalta a importância da expressão e de buscar a realização dos seus sonhos,

aproveitando ao máximo o que lhe é oferecido, como diria Mr. Keatting, "Carpe Diem", ou seja, aproveite seu dia, o quanto puder, sem restrições.

Acredito que vale a pena assistir a essa grande produção cinematográfica, com pouco mais de duas horas de duração, que envolve toda uma narrativa e roteiro bem feitos e uma história bem comum, mas que com sua simplicidade, acaba afetando os espectadores de uma forma inimaginável. Não custa nada parar e assistir ao filme, além do mais, depois de assisti-lo, com certeza, é você que vai querer fazer parte dessa sociedade, pois pensando bem, quem não procura seguir seus sonhos?

Relações com a atualidade?

3B-RESENHA 03 (cont.)

3B-RF

Prepare-se para a Metamorfose

O que você faria se de um dia para o outro acordasse de um longo pesadelo e percebesse que havia se transformado num horrendo e asqueroso inseto? É envolvendo essa temática fantástica e claramente esquisita, que Franz Kafka escreve em 1912 uma das suas mais conhecidas obras, a Metamorfose.

Publicada pela Editora Companhia das Letras e apresentada na 27ª edição, o livro conta esta diferente história dramática vivida por Gregor Samsa, um jovem caixeiro viajante, que trabalha incessantemente e vive uma vida péssima, com o fim de trazer à sua família uma condição boa e folga.

Em um certo dia, ele acorda sem controle de seu corpo e sem conseguir se mover, e dá conta de que se transformou em uma criatura não humana, nojenta e asquerosa.

Você a princípio vai pensar que a tal metamorfose (referida no título) já havia acon-

3B-RF (cont.)

cido com Gregor logo no início da trama, mas ao final do texto talvez perceba que a verdadeira transformação acontece integralmente conforme se conta a história; e não só com Gregor, mas com toda a sua família.

Você, leitor, vai se sentir extremamente confuso ao ler a obra, o que admito ser algo muito comum. As vezes a narrativa até pode parecer monótona, mas basta ler até o final, e abrir a mente, que conseguirá entender melhor.

Mas, se o livro é confuso e monótono, porque é considerado um clássico? Essa pergunta para mim foi respondida na conclusão da trama, e ela foi capaz de reverter os aspectos negativos da obra.

Um trecho muito importante e simbólico dentro da narrativa é quando o pai de Gregor arremessa nele várias maçãs. Gregor acaba se machucando, e ainda por cima, as maçãs ficam grudadas em sua pele. Para mim, essa cena representa, figuradamente, o peso que a família e o pai tinham sobre Gregor, e este peso acabava machucando-o por dentro.

Vale muito a pena ler esse clássico da literatura mundial, porque uma obra nem tão atual, pode ser vista hoje como uma realidade cotidiana e muitas pessoas podem se identificar com o herói moderno que Gregor representa.

3B-RF (cont.)

Para entender melhor, somente leia e curta, afinal, são somente três capítulos e poucas páginas. Depois da leitura, é você que será metamorfoseado com essa tremenda crítica feita por Kafka, eu garanto.

3B-RESENHA APÓS UM ANO

Romantismo atual e eterno

Você alguma vez já notou semelhanças entre as mulheres protagonistas de famosas obras literárias românticas, com as mulheres protagonistas de filmes e seriados atuais? Provavelmente sim, e se ainda não notou, vamos provar que existem semelhanças sim, e muitas, inclusive.

Com certeza se você frequentou a escola, ou frequenta, já ouviu falar de obras românticas como Iracema, ou Til, de José de Alencar, e também deve conhecer personagens importantes como Iracema ou Berta, protagonistas marcadas como ideais, perfeitas, mulheres extremamente idealizadas.

Algumas pessoas ao ler isso, certamente farão a seguinte pergunta: "Porque deveria eu saber sobre essas personagens, porque seriam importantes para mim?" E responde-se o seguinte "Essas personagens, criadas no século XIX, mesmo antigas, revelam muito de como vemos as mulheres de hoje, em filmes, novelas, séries, construímos personagens que tem raízes nessas obras de 150 anos atrás".

Como exemplo, veremos um filme atual, Ruby Sparks, a namorada perfeita, nesse filme, do ano 2012, dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris, mostra-se a vida de Calvin, um jovem escritor americano, que com problemas em sua vida pessoal e com bloqueios de criatividade, sonha com Ruby, uma mulher idealizada para ele, e a partir disso, escreve um romance sobre ela, e subitamente essa personagem se concretiza, perfeita, assim como Calvin escrevera.

Nesse filme, Ruby representa a mulher idealizada e perfeita, a mulher que conduz os outros à harmonia, assim como Iracema e Berta. Aprofundando melhor no personagem de Berta, vemos uma menina sonhadora, boa, bonita, gentil, sempre promovendo nas pessoas ao redor um sentimento de paz. Berta ao longo de toda a obra, escrita por José de Alencar, da editora Ateliê, resolve problemas e conflitos ao seu redor, disposta sempre a ajudar quem precisa, e a conduzir as pessoas más ao bem.

Com certeza, depois dessa descrição, vemos que Ruby, personagem de 2012, e Berta, personagem de 1872, têm muitas semelhanças entre si. Ambas

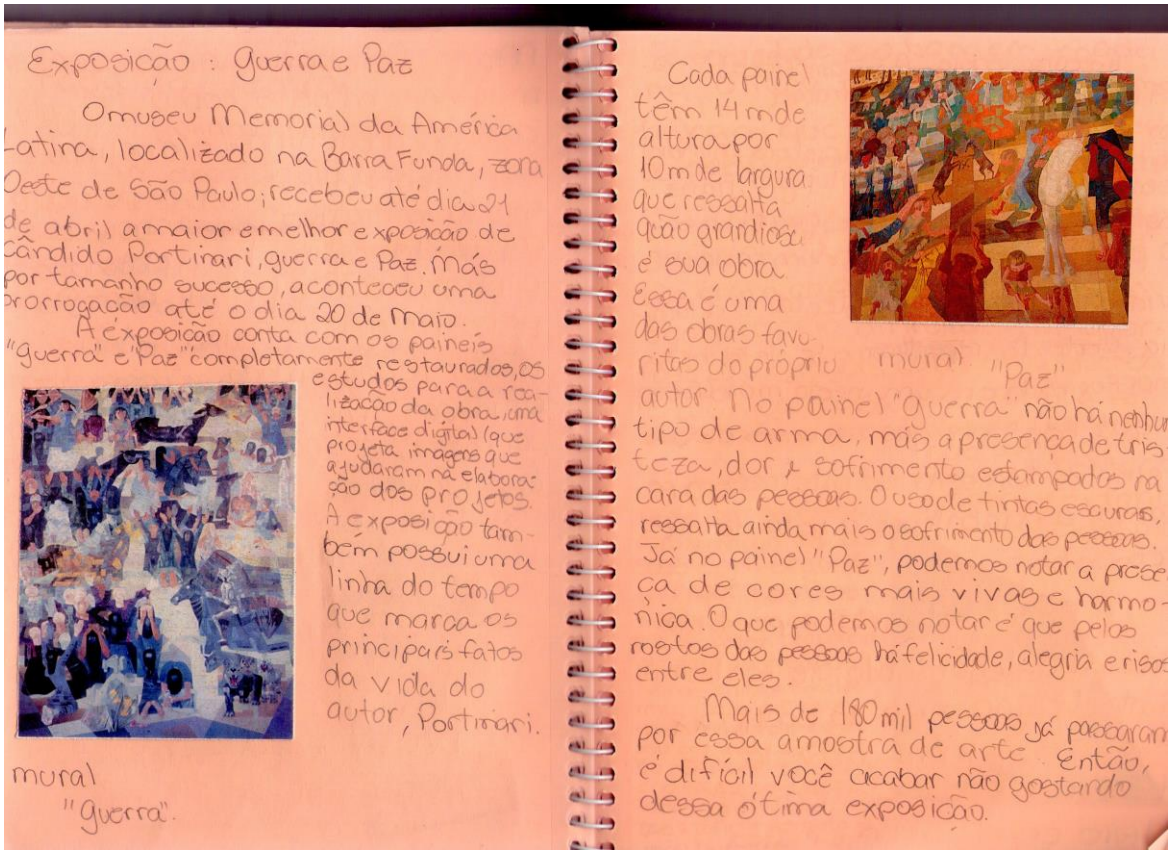
são descritas como bonitas, agradáveis, carinhosas, solidárias, e principalmente, as duas representam para as pessoas, uma mulher ideal.

Tanto em Ruby Sparks como em Til, temos a inicial construção nas obras, de mulheres ideais, lindas, "na flor da juventude" como realmente se descreve Berta no primeiro capítulo, essas duas figuras femininas apaixonam homens que as veem como mulheres perfeitas, sem defeitos, são queridas pelos familiares e amigos, e não se envolvem em conflitos nem em brigas.

Já no decorrer do texto, são criadas, em ambas as obras, situações de conflitos envolvendo as mulheres, e sempre, nesses casos, elas são as responsáveis por trazer a paz para a situação. Exemplo disso, tem-se novamente em Til, quando Berta, ao ver Jão Fera prestes a matar Luís Galvão interviu e salvou-o, também desse modo, conduziu Jão Fera ao bem.

E no final das obras, em Ruby Sparks temos Ruby, que sempre foi a menina idealizada e dependente, passando a ser uma mulher forte, que mostra ao protagonista, Calvin, que ele não precisa controlá-la para ser amado. E Berta, vira ao final da obra a mulher solidária e perfeita, que abre mão de seus sonhos para conduzir para o lado bom as pessoas que necessitam de sua ajuda.

Concluindo, é realmente perceptível que o modelo de mulher ideal criado no Romantismo se aplica atualmente, com muitas semelhanças, e que talvez perpetue na expressão artística, independentemente da época, mostrando o modo como as pessoas enxergam a mulher perfeita, tanto em filmes, seriados, novelas, pinturas e desenhos. 3B-RESENHA APÓS UM ANO (CONT.)



Exposição : Guerra e Paz

O museu Memorial da América Latina, localizado na Barra Funda, zona Oeste de São Paulo; recebeu até dia 21 de abril a maior e melhor exposição de Cândido Portinari, Guerra e Paz. Mas por tamanho sucesso, aconteceu uma prorrogação até o dia 20 de Maio.

A exposição conta com os painéis "Guerra" e "Paz" completamente restaurados, os estudos para a realização da obra, uma interface digital (que projeta imagens que ajudaram na elaboração dos projetos. A exposição também possui uma linha do tempo que marca os principais fatos da vida do autor, Portinari.

mural "Guerra".

Cada painel têm 14 m de altura por 10 m de largura que ressalta quão grandiosa é sua obra. Essa é uma das obras favoritas do próprio autor. No painel "Guerra" não há nenhum tipo de arma, mas a presença de tristeza, dor e sofrimento estampados na cara das pessoas. O uso de tintas escuras, ressalta ainda mais o sofrimento das pessoas. Já no painel "Paz", podemos notar a presença de cores mais vivas e harmônica. O que podemos notar é que pelos rostos das pessoas há felicidade, alegria e risos entre eles.

mural "Paz"

Mais de 180 mil pessoas já passaram por essa amostra de arte. Então, é difícil você acabar não gostando dessa ótima exposição.

Exemplo de Diário Cultural apresentado ao final do ano letivo de 2012.